

# ASSIM ERA HENRIQUE DE OSSÓ

Maria Vitória Molins

## APRESENTAÇÃO

*Henrique de Ossó y Cervelló – hoje Santo Henrique – é um dos grandes mestres espirituais do séc. XIX. Uma figura plurifacetada. De grande craveira humana e elevada estatura espiritual. Próximo de nós, da sensibilidade e dos problemas do homem de hoje.*

*O seu biógrafo mais categorizado, o Cardeal Primaz D. Marcelo González, viu nele um típico expoente da «força do sacerdócio». Sacerdote por vocação e a tempo inteiro, num momento histórico difícil.*

*Catequista e pedagogo, consegue, no tão conturbado séc. XIX equiparar-se aos grandes catequistas da patrística, na linha de um Santo Agostinho ou de um S. Cirilo de Jerusalém.*

*Nesse mesmo séc. XIX e dentro das fronteiras da Catalunha onde nasceu, Henrique de Ossó pertence à linhagem dos grandes do seu tempo e da sua terra como António Maria Claret, Domingo y Sol, ou ainda os seus amigos Gaudí e Cinto Verdaguer.*

*Espírito sereno e solitário, simultaneamente «contestatário leal»; uma contradição que permite traçar--lhe o perfil a partir da sua imagem eclesial de homem lutador, mas que de maneira nenhuma desleixa o serviço incondicional nem disfarça o seu profundo sentido de Igreja nas horas por que passou o papado e a Igreja espanhola à sua volta.*

*Para além de todas estas facetas – alma sacerdotal, enraizamento catalão e sentido eclesial – Henrique de Ossó tem um lugar relevante na história do teresianismo, brilha com luz própria, precisamente quando a família teresiana parecia eclipsar-se definitivamente em Espanha, a seguir à expulsão de todos os carmelitas e sob a constante ameaça de supressão dos Carmelos femininos.*

*Situemo-lo nesta perspectiva. Tinham-no precedido, em séculos anteriores, eminentes figuras do teresianismo: Frei Luís de Leão, que introduz os escritos da «Madre Teresa de Jesus» no mundo da cultura; Francisco de Ribera, que traça o primeiro esboço biográfico da Santa; os mestres da Escola Teresiana, que difundem o seu pensamento e espiritualidade na Espanha e na Europa: Graciano, Tomás de Jesus, João de Jesus Maria... Já no séc. XVII, um homem polémico, o Bispo Juan de Palafox, tem o mérito de apoiar, com o seu prestígio, o lançamento editorial do epistolário teresiano. Último elo da cadeia, o autor de «A Mulher Grande»), extensa biografia de Teresa de Jesus, adaptada à índole popular e à leitura repartida por todos os dias do ano. Editada em 1807, será o derradeiro clarão, o ténue fulgor que precederá a extinção do teresianismo ao longo dos cinquenta ou sessenta anos seguintes, até depois de meados do séc. XIX. Será a estafeta recebida por Henrique de Ossó, que reeditará a obra por ocasião do terceiro centenário da Santa, em 1882.*

*Mas ele, Henrique, não se limitou à simples rendição da estafeta. Explorou em todas as direcções o tímido teresianismo de «A Mulher Grande» e do seu autor, o famoso P. Manuel de Traggia (1751-1817). Ossó teve a felicidade de contactar, desde seminarista, com o que restava do Carmelo espanhol no Deserto de las Palmas (Castellón). Teve a dita de fazer girar a sua actividade pastoral em torno do caminho teresiano da interioridade: formar cristãos «por dentro», segundo o modelo do «castelo interior».*

*Ele é, antes de tudo, pastoralista da oração. Mais que teórico, é um pedagogo da oração pessoal, capaz de meter esse fermento na massa da religiosidade popular, sendo autor de um livrito – «O Quarto de Hora de Oração» – reeditado quase meia centena de vezes e que condensa o que o ensino teresiano tem de mais substancial. Deve-se também à sua iniciativa o lançamento da primeira revista teresiana de todos os tempos, intitulada «Santa Teresa de Jesus» (1872), que fará de Tortosa o maior foco de teresianismo do século passado; ele próprio será director e redactor da revista até à morte (1896). Só então passará o facho a outras revistas teresianas, algumas das quais sobreviveram até aos dias de hoje. Após um brevíssimo período a seguir à sua morte, o trabalho publicista de Henrique será continuado pelo mais insigne teresianista do nosso século, Padre Silvério de Santa Teresa, a quem Henrique de Ossó deixou o terreno preparado e arroteado.*

*Algo típico da liderança encarnada em Teresa de Jesus, transbordou para a alma e para o dinamismo apostólico de Henrique. Com a essência da mais pura espiritualidade teresiana, ele deu vida a dois movimentos de renovação espiritual que conseguiram injectar nova seiva na religiosidade popular do seu tempo. O primeiro foi a organização da chamada Arquiconfraria Teresiana (concretamente: «Associação das Filhas de Maria Imaculada e de Teresa de Jesus» – 1873), que alcançou uma c4fusão extraordinária em Espanha e mesmo para além dos Pirinéus. O segundo, a fundação da Companhia de Santa Teresa, para a formação cristã da mulher, com referência explícita ao esp frito e pensamento da Santa. Ambos os movimentos, com múltiplas ramificações: para crianças, para sacerdotes missionários, para lares cristãos... Santo Henrique foi um publicista incansável. Se somássemos as páginas que escreveu para reactivar e actualizar a mensagem profética de Teresa de Jesus, teríamos, ainda hoje, uma enciclopédia da espiritualidade teresiana.*

*Uma magnífca biografia de Ossó foi felizmente elaborada por um sacerdote seu amigo e íntimo colaborador, J B. Altés, que o proclamou «apóstolo teresiano do séc. XIX». Agora, ao ser canonizado por João Paulo II, a Igreja reconhece oficialmente que a onda do seu «apostolado teresiano» continua em expansão nos finais do nosso séc. XX e às portas do terceiro milénio.*

Tomás Alvarez

## 1. ASSIM ERA AQUELE MENINO...

### Filho de pais bons e neto de um santo avô

Veio ao mundo entre os «payeses» (camponeses da Catalunha) de uma aldeiazita de Tarragona. E veio com a riqueza de uma herança materna: a religiosidade e a serena grandeza daquelas mulheres que olham para o céu ao longo dos nove meses em que estão à espera do filho. E continuam a olhar para o alto, dia a dia e hora a hora, até os terem criados e por aí fora.

Veio também com a herança paterna da honestidade e do trabalho que tomam a vida mais bela e mais fértil a terra.

A família de Ossó era catalã havia várias gerações – homens e mulheres enraizados naquele recanto da província de Tarragona. Vinebre – assim se chama a aldeiazita – conta hoje com uma boa estrada de acesso. Sobretudo desde que o vizinho Ascó se tornou importante graças à central nuclear. Deixou de ser preciso ir de barca, aquela que ainda conheci na minha juventude, e que era o único meio de transporte para fazer a travessia do Ebro. Hoje, uma boa ponte, uma estrada larga e boas placas de sinalização a anunciá-la,.. Tudo facilita os acessos às mil aldeolas que enchem de encanto o nosso território.

Duas famílias conhecidas contraíram parentesco alguns anos antes do nosso pequeno Henrique – Santo Henrique – vir ao mundo. Habitavam em duas boas «casas pairales» (casas senhoriais): a dos Ossó «da praça», assim chamados mais tarde para os diferenciar dos «da esquina», onde se instalará o segundo filho desta família, Jaime, de quem nascerá Henrique.

A outra família tinha uma fazenda e uma linda casa – «Ca Butxaca», como lhe chamavam – com um portão senhorial e escudo próprio. Era a dos Cervelló.

Um belo dia decidiram contrair parentesco. Jaime de Ossó i Català enamorou-se de Dona Micaela Cervelló i Jové e casaram-se. Foram viver numa extremidade («esquina») da aldeia, perto da actual estrada de Ascó, numa casa que é hoje propriedade das Irmãs da Companhia de Santa Teresa e que pode ser visitada como museu do Santo.

Gosto de pensar na mãe de Henrique como ele próprio pensava: uma mulher piedosa que se comovia facilmente com as coisas de Deus. Henrique pouco escreveu acerca da sua vida, mas faz-nos lembrar, a certa altura, o alegre início da biografia de Santa Teresa. Teresa de Jesus começa o *Livro da Vida*, ou das «misericórdias do Senhor», cantando-as pelos seus pais: «ter pais virtuosos e tementes a Deus...». E Henrique de Ossó faz o mesmo com palavras semelhantes: «Misericordias Domini in aeternum cantabo. Sortitus sum animam bonam... Tive a dita de ter uma alma boa...»; e continua: «bons pais, mãe piedosa, santos avós».

Ao falar da mãe, especifica: «A minha mãe queria que lhe lesse bons livros. Assim fazia e, ao ler-lhos (*Exercici del cristià*), derramava às vezes ardentes lágrimas...».

Podemos imaginar uma mulher simples, certamente analfabeta como a maior parte das da sua época, a ouvir, embevecida, o filho a ler-lhe aqueles «exercícios do cristão» e a comover-se, pois as palavras de Deus penetravam num coração temo e bem preparado para receber a mensagem. Dessas boas leituras se iria embebendo a alma do pequeno Henrique.

Mas vamos por partes. Vejamos como e quando veio ao mundo.

Precederam-no dois irmãos: Jaime, o primogénito, e Dolores. Contavam já alguns anos de idade e andavam a correr pela casa quando, a 15 de Outubro de 1840, ouviram chorar um bebé. A data – que tem a sua importância para a cronologia do Santo – é duvidosa. No

assento do Baptismo consta 16 de Outubro. E foi a que sempre se comemorou. Mas a boa Dona Micaela disse ao filho, quando este tinha uns oito ou nove anos, que nascera a 15 e não a 16. Naquela altura ignorava ainda, seguramente, que esse era o dia da Santa do seu coração, Teresa de Jesus, o da sua morte, portanto o da sua glória.

Baptizaram-no pouco depois, como era são costume, e puseram-lhe os nomes de Henrique António. O de António, por assim se chamar o avô materno. Falaremos brevemente deste avô e da influência que exerceu no pequeno Henrique.

Era das coisas que gostava de contar quando, já adulto, falava com as tcesianas. A verdade é que ter convivido com um avô – e um «avô santo», como Henrique diria – é uma felicidade. Não sei que influxo delicioso exercem os avós nas crianças. Parece que estes dois extremos da vida se tocam, com matizes de ternura. Curiosidade por parte da criança, saudades do passado e previsão do futuro, por parte do ancião. A verdade é que se entendem perfeitamente.

Para o pequeno Henrique foi uma companhia deliciosa. Porque, depois de um baptizado bem festejado, como eram os das crianças da aldeia, com «confeitos» e outras guloseimas, a paróquia de S. João Baptista Decapitado passou a ser frequentemente visitada pelo menino e pela sua família. Pelo menos iela mãe e... pelo avô António.

Numas páginas autobiográficas muito simples, retrata-nos esse encantador «avi» de «Ca Butxaca»:

«O meu avô materno, António Cervelló, era um santo; era ele que dirigia sempre o Rosário da Aurora pelo qual há uma grande devoção na minha aldeia e rezava-o. Lembro-me muito bem do seu rosto afável e de predestinado: calvo, de olhos “molls” (ternos), um ancião respeitável, muito parco no falar, com uma fé de Abraão. Lembro-me de que, na horta, debaixo da latada, me contava a vida de Santo António de Pádua, seu santo padroeiro; foi por isso que quis que fosse o meu segundo nome de baptismo, pois a sua esposa foi minha madrinha. Tinha na horta a vida do Santo e contava-me os seus milagres...».

E assim, entre pais bons, mãe piedosa e avô santo, foi crescendo o pequeno Henrique.

### **Aquela «caixa fechada»**

Como era Henrique em criança? Segundo parece, reservado e profundo para a sua idade, piedoso e inteligente.

Tais qualidades deduzem-se de alguns factos que conhecemos.

Reservado, devia sê-lo. Em primeiro lugar, por temperamento; e em segundo, por idiosincrasia catalã. Devia ter fama de poucas palavras, porque a mãe dizia muitas vezes que ele era «uma caixa fechada», mas que sabia abrir-se para revelar os seus tesouros sempre que necessário.

Porque a caixa abria-se bem quando o professor da aldeia que, segundo o próprio Henrique, lhe queria muito, lhe perguntava alguma coisa. Era esperto, aquele garoto, e depressa ficou preparado para a primeira comunhão. Isso quanto à formação religiosa. Quanto à académica, «nas contas» o rapaz era uma maravilha. Tanto que, daí a pouco, o professor não tinha mais nada a ensinar-lhe. E sabendo de contas, um bom catalão ficava preparado para a vida. Bom, era pelo menos o que pensava o pai, o Sr. Jaime.

Profundo, veio depois a sê-lo. Não sabemos quando começou a gostar de ouvir as histórias que o avô lhe contava. Mas sabemos o que pensava e como se exprimia aos catorze anos. Imagino que não cresceu de repente, nem em sabedoria nem em profundidade. Porque se vai aprofundando pouco a pouco e dia a dia. Aos catorze tem-se

capacidade para escrever, como veremos mais adiante, se aos sete e oito anos se pensa e se medita, se ouve e se assimila, como parece ser o caso do pequeno Henrique, tão apreciado pelo professor, querido do avô e capaz de comover a mãe com as leituras... Quanto a ser piedoso, há uma daquelas histórias que ficaram gravadas na sua mente infantil e que veio a saber-se. Um dia andava a jogar na praça da aldeia. Ou aos berlindes ou a qualquer outra coisa. Jogos de rapazes que juntam os amigos da aldeia e os divertem horas a fio. Juntavam-nos e divertiam-nos porque, graças a Deus, não havia televisão nem vídeos.

Henrique andava a jogar como todos os outros, claro está. Mas «as coisas de Deus atraíam-no», confessa-nos ele próprio: «Gostava muito das coisas da Igreja, de ajudar à Missa, cantar no coro, sobretudo; porque o meu bom mestre Francisco Freixa ensinou-nos solfejo e aprendemos missas e rosários».

E como era piedoso, atraía-o ajudar o pároco e aproximar-se do Santíssimo Sacramento, logicamente, embora às vezes tivesse que largar os jogos...

Naquele dia foi assim: numa rua próxima começou a ouvir-se o tilintar de uma campainha. Nesse tempo era, nas aldeias, um som familiar. Quando alguém estava doente, o padre levava-lhe a comunhão e toda a gente o sabia. Passava na rua revestido de sobrepeliz, estola e véu de ombros; ao seu lado ia o sacristão ou um menino do coro, avisando as pessoas de que o maior Hóspede ia a passar por ali. Era essa a finalidade da campainha, que repicava compassadamente.

Henrique apurou o ouvido: «Devem levar a comunhão ao tio X, que está doente». Talvez tivesse continuado a jogar por alguns minutos; mas o despertar do sentido religioso foi mais forte: «Podia ir acompanhá-lo. E Jesus que passa e eu... aqui a jogar como se nada fosse». Não pensou mais tempo. Gritou aos companheiros que tinha que se ausentar por um bocadito, que já voltava, que lhe guardassem a vez de jogar, que...

E lá foi a correr, acompanhar o Santíssimo. Deve tê-lo contado, certamente comovida, uma das boas vizinhas de Dona Micaela: «Olha como é bom o teu filho mais novo! Queres saber o que fez hoje? Andava a jogar aos berlindes, todo entusiasmado, quando o Sr. Prior passou com o Santíssimo e...». Dona Micaela terá sorriso, muito satisfeita; e terá pensado, como noutras ocasiões: «É um anjo, este meu Henrique. Se tivesse a dita de o ver um dia sacerdote... Que feliz seria, Deus meu!»

### **Rapaz, prepara a trouxa. Vais para Quinto de Ebro**

Os sonhos da mãe eram excelentes, não resta dúvida. Mas os do pai eram práticos e realistas. «Tenho três filhos. A Dolores não vai ter grandes problemas. Casa-se e o marido cuida dela. Mas os dois rapazes... As minhas terras são boas, mas é um trabalho tão duro... Além disso, sempre metidos nesta aldeia, sem entrarem na trama do comércio e da indústria de que se fala com tanto entusiasmo... Não, homem, não. Tal futuro é demasiado humilde. Quero mais para os meus filhos. O Jaime já anda metido no mundo do comércio. E agora Henrique, esperto como é...»

Falaram uma noite, já escuro, ambos cansados, Dona Micaela e o Sr. Jaime. Ela, esgotada pela lida de uma casa de campo, com alfaias agrícolas, animais domésticos, estômagos cheios de apetite ao voltar da ceifa... O Sr. Jaime, cheio de sono, como acontece aos camponeses quando o sol se põe, depois de muitas horas de calor inclinados sobre os sulcos. E sem tractores, claro.

Há bastante tempo que o Sr. Jaime ruminava a ideia. Em poucas palavras, devido à hora

e ao cansaço, disse à mãe: «Olha, pensei que o melhor é mandar o nosso Henrique para ao pé do meu irmão João, em Quinto de Ebro». «Tão pequeno, homem? Nem doze anos tem. Que poderá fazer?» «Dás-lhe muito mimo, mulher. Pode muito bem ir aprendendo o ofício de comerciante. Vender tecidos não há-de ser assim tão difícil. E não o enganarão, não, que de contas sabe muito, o rapaz». E ela: «Tenho muita pena». E ele: «Anda, agora dorme e amanhã falaremos».

E falaram. Henrique era ainda criança mas, como dissemos, profundo e inteligente. E pensava. Dissemos também que era reservado. Por isso, até então nada dissera, embora tivesse os seus planos de futuro. «Não, pai, quero ser professor».

O bom do Sr. Jaime, porém, não desistia facilmente das suas ideias. Olha com o que havia de se sair agora o garoto! Professor! A fama da profissão era terrível. Um ditado popular dizia: «ganhar menos que um mestre-escola», referindo-se aos baixos ordenados. Pela cabeça do Sr. Jaime poderia ter passado tudo, menos isso.

Não houve grande discussão. Dona Micaela viu os olhos do filho ficar brilhantes, mas sabia que, quando o marido decidia uma coisa, era preferível cair-se. Nada adiantaria responder-lhe e contradizê-lo. Ele já tinha decidido e não havia nada a fazer. A ela, cabia-lhe preparar a trouxa sem tugar nem mugir e... nem sequer se atreveu a dizer em voz alta que o seu desejo era diferente do de ambos: nem professor como o do filho, nem comerciante como o do pai. Ela queria-o sacerdote...

Alguns dias depois, Henrique punha-se a caminho, com o Sr. Jaime, para Aragão, fornecido de umas quantas mudas de roupa, em silêncio, como era hábito da «caixa fechada», e um pouco triste pela separação. Adeus aldeia querida, escola, professor, língua, companheiros, amigos e jogos. Sem o saber, estava a despedir-se da infância para entrar na adolescência.

## **2. ASSIM ERA O APRENDIZ ADOLESCENTE**

### **Responsável, atrás do balcão**

Fui falar com um grupo de crianças do 6.º ano escolar. Têm doze anos e falam de jogos, futebolistas, estudos. São crianças e tratam-nas como crianças. Fui visitá-las e conversar com elas para fazer uma ideia do que poderia ser aquele Henrique adolescente, que sai de uma pequena aldeiazita catalã, que abandona a escola primária quando sabe tudo o que o professor, Sr. Freixa, tinha para lhe ensinar, e quando se lhe acaba aquela felicidade, que todos experimentámos em pequenos, de chegar a casa, à tarde, depois das aulas, indo perguntar à mãe: que me vais dar de merenda?

O pai empenhou-se em torná-lo adulto antes de tempo, e ali vai para Aragão, por caminhos de lama e pó, pensando em que teria que se habituar a uma terra onde até a língua era diferente. Pensava também, certamente, pelo caminho, com um nó na garganta e angústia a constranger-lhe o coração, nas últimas palavras que a mãe lhe dissera. Recomendações, talvez.

Mas coisas destas fazem crescer. E o pequeno Henrique, tão ajuizado e reservado, ia disposto a aprender o ofício na loja dos tios.

Tomou-o a sério, como toda a vida tomaria a sério as coisas que lhe confiavam ou que via que devia levar a cabo.

Agora tratava-se de passar horas atrás de um balcão, de embrulhar, de levar as encomendas às casas, de trazer mercadoria... Tudo quanto o tio precisasse. Aprendeu, sem dúvida muito depressa, como aprendera na escola, as contas que há que fazer ao

tratar-se de coisas muito concretas como metros de pano. Já não era a tabuada de multiplicar, abstracta, nem problemas imaginários. Agora era a realidade de quatro metros a três reais cada um.

Não sabemos muito desta época, nem como era o seu dia a dia. Como João de Ossó não tinha filhos varões, muito entretenimento não devia ter Henrique nos tempos livres. De qualquer modo, a julgar pelo conhecimento que mostrou ter das coisas um ou dois anos depois, devia dedicar algum tempo à leitura. Os livros que encontrou em casa do tio eram talvez os que ali deixara o pároco de Quinto. Ele próprio assegurou que, naquela época, «sabia bem a doutrina». E verdade que já a aprendera perfeitamente em Vinebre, mas não é de estranhar que continuasse na catequese da aldeia aragonesa.

### **«Virgem do Pilar, curai o meu sobrinho»**

Pouco sabemos dos acontecimentos quotidianos da permanência em Quinto para deles falarmos em pormenor. Mas houve uma coisa que marcou para sempre o pequeno Henrique e que foi determinante para a sua devoção à Virgem Maria, fosse qual fosse a invocação. Agora seria a do Pilar, à qual se sentia ligado, naturalmente, por estar em terras aragonesas e pela devoção que lhe tinham os tios. Depois e sempre será a «Moreneta». Mas os nomes da Rainha do Céu pouco importam. O que aqui nos interessa é a sua providencial relação com a Mãe.

Deu-se o caso – não sabemos porquê nem como – de adoecer gravemente. E foi a doença que o uniu definitivamente à Maria. Ele próprio nos contou, mais tarde, com a sobriedade narrativa que o caracteriza:

«... ali (em Quinto de Ebro) cai gravemente doente e como sabia bem a doutrina, deram-me o sagrado Viático pela primeira vez. Mas quase não me recorde de nada. O meu tio prometeu ir à Virgem do Pilar e oferecer uma Missa e confessar-se e comungar, se me pusesse bom. E a Virgem deu-me a saúde e cumprimos a promessa com grande alegria, dando graças à Virgem».

Como vemos, uma narrativa muito sóbria, como lhe era e foi sempre peculiar ao tratar das suas coisas. Mas alguns pormenores e, sobretudo, certos matizes afectivos, revelam-nos um facto que manteve a família em suspenso, não sabemos durante quantos dias.

Adivinho dois aspectos fundamentais a que me vou referir brevemente.

O primeiro é o momento de angústia e a reacção de fé, tão própria daquela gente simples que encontrou sempre na Virgem Maria o seu refúgio e a «medianeira de todas as graças» – ainda que sem grandes aprofundamentos teológicos.

Do tipo de doença sabemos pouco. Naquela altura, qualquer coisa podia tomar-se grave, pois a ciência não chegara ainda à descoberta dos antibióticos. Um vírus, uma infecção, sabe-se lá! A mortalidade infantil era então considerável. E embora Henrique tivesse ultrapassado a idade crítica, os adolescentes, e mesmo os adultos, não estavam isentos de perigo quando surgia o espectro de uma gripe maligna, da cólera ou de alguma infecção incontrolável.

O Sr. João de Ossó e a sua mulher eram pessoas de fé, não há dúvida. E recorreram a Maria. Fizeram-no com a simplicidade própria da sua cultura. Ofereceram o que consideravam mais apto para alcançar graças do céu: uma Missa, uma confissão e uma comunhão. E, porque não?, levar depois o menino a beijar a santa coluna do Pilar.

O segundo aspecto interessa talvez mais. Quem havia de dizer que esse menino, que

andava a preparar-se com tanto fervor para a Primeira Comunhão, não teria consciência desse acto pelo qual, na sua idade, devia estar à espera com muita alegria?

Porém assim foi. Nunca se recordará da sua primeira comunhão, como ele mesmo nos diz. E não se recordará porque, provavelmente, estaria apenas semiconsciente.

Henrique teria então onze anos e meio e era nessa idade, aproximadamente, que acabavam de se preparar para receber a Comunhão. Mais tarde, Pio IX – em 1852 – decretou que se podia receber o Senhor pela primeira vez com muito menos idade.

Desse modo, não sabemos porquê, Deus quis que o pequeno Henrique o recebesse pela primeira vez de uma maneira totalmente escondida, sem nenhum tipo de festa nem de manifestação social, só, muito só, numa alcova de aldeia, a 150 quilómetros dos pais e irmãos.

Essa distância percorre-se hoje em cerca de duas horas, mas naquele tempo levava quase um dia. E havia pressa em que o menino recebesse «os sacramentos». Assim o entenderam os tios e também o médico assistente. Quando os pais o souberam, já tinha recebido o sagrado Viático.

Henrique nunca se irá lembrar daquela Primeira Comunhão, que se costuma considerar o dia mais feliz da vida. Coisas de Deus que, neste caso, quadram muito bem com a tónica geral da vida daquele que mais tarde usará como assinatura «O Solitário», e da criança que um dia será um homem controverso, protagonista de alegrias e sofrimentos fora do comum.

E foram ao Pilar porque o menino se pôs bom. Henrique atribuiu-o sempre a uma intervenção de Nossa Senhora. Coetâneo, sem o saber, da Santa de Lisieux, ambos filhos da grande Santa de Ávila, Henrique de Ossó principiou a sua vida de devoção mariana, como Santa Teresinha, com uma cura. A Santa da infância espiritual, da confiança ilimitada em Deus, começa o seu «pequeno caminho» com uma grande mudança de atitudes a partir da cura maravilhosa e do sorriso de Maria... Henrique, o adolescente catalão, aquele que depois será o homem da imensa confiança em Deus, inicia a sua adolescência com outra cura, se não milagrosa, pelo menos providencial, resposta da Virgem do Pilar à súplica aflita dos bons tios aragoneses.

O que se passou na alma daquele menino reservado e inteligente diante daquela imagem pequenina do Pilar, nunca o saberemos. Estabeleceu-se, porém, uma amizade e uma relação filiais que nunca o abandonarão.

No Pilar, como tinham prometido, devem ter-se confessado, ouvido Missa, comungado... A segunda comunhão de Henrique também a todos passou despercebida. Mas aquele casal que se aproximou do altar com um menino pálido e alto – a febre, com certeza, fê-lo dar um esticão – levava dentro de si a alegria imensa de sentir a protecção da Mãe. Henrique exprime a alegria e o agradecimento a Maria com as seguintes palavras: «...Cumprimos a promessa com grande alegria, dando graças à Virgem».

## **Segunda estação: Reus**

Dona Micaela teve um tremendo susto. Imagino que o Sr. Jaime também, e que sentiu até um pouquinho de remorsos. Porque a mãe – o que são as mães! – havia de censurar o marido: «Não tinha idade para estar tão longe dos pais, homem. Disse-to muitas vezes. Julgo que adoeceu de pura tristeza. Além disso, contrariaste-lhe os desejos. Isso de ser comerciante não é para ele. Se lhe tiram as letras... Vá, não é para isso».

Voltou para Vinebre. A mãe amimalhou-o durante uma temporada, com certeza, e ele, como todas as crianças da sua idade, deixou-se amimar. Far-lhe-ia sopas de «farigola»,

aquecer-lhe-ia a cama antes de se deitar, com um ferro (de engomar), que sei eu!, o que fazem todas as mães aos filhos convalescentes.

Mas o Sr. Jaime era duro de roer. «Já chega de atenções. Não tem idade disso. Se em Quinto não se deu, veremos em Reus».

Micaela devia sofrer com a nova separação. «Mulher, Reus é diferente. É mesmo aqui. É Catalunha. Creio que não terá tantas saudades. E já tem mais um ano...».

E foi-se embora. Desta vez para casa dos senhores Ortal.

Reus era outra coisa. Industrial, rica, com ares de renovação, com o seu pouquinho de orgulho provinciano.

Aqui, como não se tratava de parentes, mas de conhecidos do Sr. Jaime, o trabalho seria remunerado. Não sabemos em que terá gasto o seu primeiro salário, aquele rapazito de treze anos. Também não sabemos muito bem o que faria nos tempos livres. Mas constanos que, nos dois anos que ali passou, leu e leu muito. E que até frequentou uma biblioteca, famosa ainda nos dias de hoje.

Sabemos, por ele, que contraiu algumas amizades que não lhe fizeram muito bem. Como era sério e aparentava ter um pouco mais de idade do que realmente tinha, andava com rapazes mais velhos. E estes, por vezes, fizeram-lhe mal. Foi essa, pelo menos, a recordação que lhe ficou, e a sua pena: «A Virgem deu-me saúde para meu bem e eu empreguei-a mal. Voltei a andar com más companhias. Oh, que mal fazem! Fugam todos delas, mais que da peste, e receiem-nas mais que os demónios, pois causam maior dano, como disse a nossa Santa Madre, Teresa de Jesus».

Quanto a estas «más companhias», não sabemos se se refere a Vinebre ou a Reus. O certo é que se lhes refere antes de o mandarem para Quinto de Ebro e volta a referir-se-lhes no parágrafo imediatamente anterior à sua partida para Reus: «Os meus pais, quando voltei curado para minha casa, mandaram-me para o comércio de Reus, para seguir a carreira de comércio que o meu irmão Jaime já iniciara e para nos ajudarmos um ao outro. Mas a mim não me satisfazia».

Este verbo utilizado ao falar do comércio e do seu trabalho em Reus, é importante. Obedeceu, que remédio!, nesse momento. Mas era evidente que aquilo não o enchia. E esse o significado da palavra satisfazer, melhor dizendo, não satisfazer, não ter bastante... Nessa altura, começava a despontar na alma de Henrique uma contínua insatisfação com as coisas deste mundo que lhe exigiam cada vez mais. O comércio, as riquezas, o prosperar, eram coisas que não conseguiam responder às aspirações secretas daquele adolescente que, certamente pelas leituras que fazia, ia descobrindo todo um mundo de imensas possibilidades, muito para além do sucesso exterior. E tudo lhe parecia pouco... Voltou a despontar o desejo de ensinar os outros, de lhes comunicar o que descobria. Muito diferente da realidade, afinal tão humana e humanitária, de estar atrás de um balcão ou a fazer contas para controlar os lucros. Não, não era para ele!

No entanto, outros rapazes da sua idade tinham já pretendido aquele posto de trabalho. «Estive em Reus – disse – em casa de Pedro Ortal, casado com Maria Codina, que era o principal comerciante dali». Mas uma circunstância muito dolorosa e – porque não – providencial, mudou-lhe o rumo da vida.

### **3. ASSIM VIVEU A MORTE DA MÃE**

#### **A notícia da cólera**

A cólera foi, no século passado, um daqueles flagelos da saúde pública que levam a

perturbação e a angústia a muitos lares. O pior era quando se introduzia furtivamente numa cidade ou aldeia. Um pouco à semelhança do que Camus descreve em *A peste*. O contágio transformava-se num espectro de dor que tudo invadia.

Alguém deve ter levado a epidemia para a nossa aldeiazita de Vinebre, Tarragona. E ali contagiou Micaela.

A notícia chegou aos dois filhos que voaram para casa dos pais para acompanharem, nos seus últimos momentos, aquela mulher boa e paciente que muito cedo sofrera a separação deles.

Teremos de recorrer novamente à imaginação e à analogia para penetrar nos sentimentos de Henrique, nos seus treze anos e meio de idade.

Um rapaz desta idade, mais a mais se for de carácter reservado como vimos que era Henrique, tem reacções contraditórias quando a morte de um ser querido, sobretudo se se tratar da mãe, se lhe atravessa no caminho. Muitas vezes, incapacidade de chorar ou de manifestar os próprios sentimentos. Desproporção entre o que percebe nos que o rodeiam e o que vive dentro de si. Incapacidade de exprimir tudo o que a dor, a impotência, a incompreensão dos *factos* implicam.

Tudo isto pode levar o adolescente a ter reacções imprevisíveis, que muitas vezes estão longe de ser manifestações exactas do que vive, percebe ou pensa.

Henrique não seria muito diferente dos outros rapazes da sua idade. Análogas seriam, pois, as suas reacções. Mas há uma coisa que parece ressaltar claramente dos escritos que lhe saíram da pena alguns meses depois. A não ser que a mudança produzida fosse grande, como veremos de seguida. E o que se conclui é que tinha capacidade para reflectir sobre os factos a partir do prisma da fé, que sabia avaliar os acontecimentos com um olhar enriquecedor e que não era dos que se evadem da realidade ou escondem a cabeça debaixo da asa quando os acontecimentos à sua volta os incomodam.

Além disso, nessa altura já conhecia, sem dúvida, aquela a quem chamará mais tarde «a Santa do meu coração», Teresa de Jesus. Logo diremos como penetrou na sua vida. Mas não há dúvida de que os ensinamentos da Doutora mística lhe teriam proporcionado recursos para entender os acontecimentos com o sentido de eternidade que se entrevê na famosa estrofe teresiana:

«Nada te perturbe,  
Nada te espante,  
Tudo passa,  
Deus não muda,  
A paciência tudo alcança;  
Quem a Deus tem  
Nada lhe falta:  
Só Deus basta».

Apesar disso,. a viagem de Reus a Vinebre deve ter sido difícil e cheia de ansiedade. Adivinhava, certamente, a situação e temia o pior. Não ignorava o trágico desenlace que costumava ter essa doença. Ao chegar a Vinebre, o ambiente familiar – constituído pelos que ainda estavam em casa, o Sr. Jaime e Dolores, junto do leito da mãe doente – era muito diferente daquele em que estivera inserido dois anos antes. A dor e a doença transtornam completamente a vida de uma família. E foi com isso que se deparou, cedo demais, o nosso adolescente.

## **O pranto de um rapaz invulgar**

É também em poucas palavras que Henrique de Ossó nos descreve a morte da mãe:

«Sobreveio a cólera de 54 e a minha mãe adoeceu gravemente e morreu depois de ter recebido todos os sacramentos com fé e devoção. Cremos que deve estar a caminho da glória; sofreu muito e era muito boa.

Queria-me muito, e mais que a todos os outros, sem dúvida por ser o mais novo dos três filhos que teve. Assisti à sua santa morte, e chorei muito, porque senti muito ver-me sem ela».

«Chorei muito». Lágrimas de um adolescente que, como disse, estão carregadas de interrogações, sem que tenha capacidade para lhes dar resposta ou ao menos para se exprimir.

Mas aquele pranto era o final de uns dias riquíssimos que passara junto da mãe doente. Devem ter sido dias excepcionais em que o filho ouviu os conselhos da mãe e a mãe se expandiu revelando-lhe – agora com a liberdade que a proximidade da morte costuma proporcionar – os seus desejos longamente acalentados.

Sabemos que esses desejos se concentravam no filho mais novo, naquele que se considerava o mais querido, precisamente por isso, por ser o mais novo., ou talvez por parecer à mãe que tinha uma capacidade de entender os seus sentimentos que não encontrava nem em Jaime nem em Dolores.

De facto, sabemos que lhe repetiu várias vezes, e agora à laia de testamento, o que noutras ocasiões exprimira como um sonho longínquo: o desejo de que fosse sacerdote.

Até então, o rapaz ainda não tinha pensado seriamente no assunto, como se deduz das suas palavras. Foi um desejo «que lhe veio depois». Mas algo se lhe ia forjando na alma, naqueles momentos que passava junto do leito da doente lendo bons livros. Fá-lo-ia agora num tom diferente daquele que, quando mais pequeno, lhe fazia derramar lágrimas de comoção.

Junto da cama, naqueles longos silêncios da doença, ouviu-a repetir em tons diversos aquela famosa frase que se lhe gravou na memória e no coração: «Que alegria me darias, filho, se fosses sacerdote».

Quando o Sr. Jaime o encontrou a chorar no quarto, mais de uma vez, nos últimos dias da doente, ou depois de assistir à administração do Viático, deve ter-se dado conta de que o pranto de Henrique não era de uma criança; era de um adolescente invulgar.

### **«Olhem a minha mãe a subir ao céu»**

As suas filhas, as teresianas, ouviram-no contar uma única vez, muito tempo depois. Mas só uma vez e sem dar muitas explicações. Nunca as quis dar e evitava falar disso quando as noviças, curiosas, lhe perguntavam: «Padre, que se passou quando morreu a sua mãe e disse aquelas palavras...?» Ele logo as interrompia: «Já não me lembro. Valha-me Deus, há quanto tempo foi isso!». E tentava mudar de assunto, como também costumava fazer a propósito de outros factos da sua vida que não tinham explicação natural.

O caso, porém, foi muito falado em sua casa. Todos se lembravam e foram contando uns aos outros.

Foi na última tarde. Henrique devia ter passado muito tempo na alcova da mãe. O Sr. Jaime, ou talvez Dolores, ou alguma das tias, achou que era demasiado sofrimento para um rapaz daquela idade. Os momentos de agonia, mais a mais naquela doença, são muito difíceis de aguentar. Viram-no a desfalecer, com a dor e a ansiedade estampadas no rosto ossudo, e tiveram pena dele: «E melhor ires descansar um bocadinho, Henrique», ter-lhe-ão dito.

E ele, de vez em quando, afastava-se.

Havia um sítio, naquele casarão de Vinebre, que o encantava. Passara ali muitas horas, em criança, a brincar com os gatos, a ver o sol entrar pela janela, talvez a apanhar lagartixas que entravam pelas frinchas... Era o sótão. No sótão de uma casa de campo há sempre uma grande variedade de coisas. Uma verdadeira delícia para qualquer garoto. Esconderijos, lugares secretos, misteriosos. E como todas as crianças, Henrique devia gostar muito dele.

Também nos momentos de angústia e dor, dizem que gostava de subir às «golfas», como chamam em catalão às águas-furtadas de tecto inclinado e telha vã. Pendurados nas trevas haveria alfaias agrícolas, alhos, cebolas e outras coisas que é costume pôr a secar aí em cima. Sim, havia muitas coisas. Mas havia sobretudo um postigo de onde Henrique espreitava, lá de cima, a rua para onde dava a casa desse lado. Ao longe, as vinhas, os campos, a extensão imensa de terras semeadas, os prados, o rio, as montanhas, o céu... O céu azul, que sempre o entusiasmou.

Quando o Sr. Jaime fechou definitivamente os olhos de Dona Micaela, um dos parentes foi avisá-lo. E subiu a escada, um tanto perplexo, para lhe dar a notícia que, aliás, já esperava. O ruído dos passos a aproximarem-se deve tê-lo alertado. Mas depois, antes de lhe terem podido dizer que acontecera o inevitável, foi ele que falou. E da sua boca, melhor dizendo, da sua alma, saíram aquelas palavras misteriosas que ficaram gravadas nos anais íntimos da família Ossó. Ouviram-no dizer distintamente

– «Olhem a minha mãe a subir ao céu».

Disse-o a olhar pela janela.

Disse-o sem pestanejar.

Disse-o com firmeza e serenidade.

Disse-o para consigo, mas o som escapou-se-lhe e aquela frase que não entenderam bem, revelou o seu segredo.

Depois não deu mais explicações. Chorou, chorou muito. Não por a mãe ter ido para o céu. Mas porque ele ficava na terra e ficava sozinho. Ficava órfão. Ficava com o peso de um testamento que ainda não acabara de assimilar, ignorando ainda como iria alterar o rumo da sua existência. Ficava sozinho com aquelas palavras da mãe que fora para o céu: «Que alegria me darias, filho, se fosses sacerdote! »

#### **4. ASSIM FOI O ADOLESCENTE PEREGRINO**

##### **Algo mudou na sua alma**

Ai se mudou! Notaram-no – os mais íntimos, claro, os que reparam no interior – quando regressou a Reus.

Porque o pai, depois de uns dias de luto e de convivência familiar, disse ao Jaime e ao Henrique que a vida tinha de continuar, que tinham que preparar-se para o futuro e que

o trabalho em Reus estava à espera deles.

Os dois irmãos apanharam a diligência e foram-se outra vez embora.

«Voltei para Reus, mas não como antes». Sempre tão conciso e sóbrio nos comentários que faz, Henrique adverte-nos, nos breves Apontamentos autobiográficos sobre os primeiros anos da sua vida, que já não era o mesmo rapaz que, semanas atrás, deixara o comércio para ir assistir à morte da mãe.

Deve ter falado do sacerdócio, pela primeira vez, ao pai e aos outros familiares. Deve ter insinuado que aqueles desejos maternos eram talvez a resposta à inquietação que sentia, desde há algum tempo. Sentia-se atraído para ser professor, mas agora começava a entender outro tipo de magistério e outro modo de vida, mais arriscado, mais gratuito, mais idealista...

A primeira coisa que Henrique nos diz nos Apontamentos a que aludimos várias vezes, é: «Mas a isto que parecia uma desgraça – refere-se à morte da mãe, claro – devo talvez a minha felicidade e a minha sorte, porque logo me veio o desejo de ser sacerdote, lembrando-me do que me dissera a minha mãe».

Não se trata apenas de lhe cumprir a vontade; é «um desejo» interior, estimulado naturalmente pela recordação das palavras da mãe.

E digo que deve ter falado disso em casa porque acrescenta: «A minha família opunha-se a que fosse sacerdote. Confessava-me em Reus, sempre que podia, na Capela de Nossa Senhora das Dores, e resolvi ir-me embora...».

Tão simples! Parece que a sequência dos factos terá sido esta: em primeiro lugar, os desejos alimentados pela recordação da mãe ao falar-lhe do seu futuro. Em segundo lugar, uma insinuação, uma consulta, um expor os desejos. Em terceiro lugar, a negação da autorização da família. Uma direcção ou confissão frequente com alguém que o foi orientando, em Reus. E por fim, a resolução pessoal, livre, apesar da recusa da família. «Resolvi ir-me embora...».

Já vamos começando a conhecer esse rapaz que chegará um dia a ser homem de firmes convicções e que sempre fará aquilo que pensar dever fazer. Bastar-lhe-á uma só coisa: saber se Deus o quer, se Jesus o quer. Essa será a pergunta – como veremos dos momentos mais importantes. Uma vez convencido de que é da vontade de Deus, ou, pelo menos, que parece sê-lo, irá em frente, como diria Santa Teresa, «custe o que custar, trabalhe-se o que se trabalhar, murmure quem murmurar, quer se chegue ao fim, quer se mona pelo caminho».

Escrever a vida de um santo, como a de qualquer homem, é ter a certeza de que uma infinidade de coisas importantes vão ficar na penumbra do esquecimento ou da ignorância. E interrogo-me sobre o que terão sido aqueles meses ou aqueles dias anteriores à grande decisão que em breve o veremos concretizar com uma maturidade imprópria da sua idade.

Conservam-se algumas frases reveladoras das angústias e dos maus bocados que precederam a partida. Uma remonta ao tempo que passou em Reus, antes de voltar a Vinebre para assistir à morte da mãe. Diz outra vez respeito às más companhias: «A Virgem deu-me saúde para meu bem e eu utilizei-a mal. Voltei a andar com más companhias».

Agora, ao voltar mudado, estando a operar-se na sua alma uma transformação tão radical, como proceder para com aqueles amigos que, certamente, não compreendiam os seus novos ideais? O que se resume numa linha dos Apontamentos autobiográficos, com certeza lhe causou muitas horas de desgosto, de conversas difíceis, de separações custosas. E uma ou outra troça, claro. Nessa idade não é fácil dar conta das mudanças de

um companheiro e aceitá-las sem troças nem comentários desagradáveis.

Tudo isso deve ter sofrido intimamente o adolescente transformado. Deve ter rezado muito nas visitas frequentes à Capela de Nossa Senhora das Dores, deve ter-se alimentado amiúde com a leitura das Obras de Santa Teresa que já lhe tinham chegado às mãos e que o foram transformando e fazendo dele, desde então, uma alma de oração e de vida de oração.

A outra frase, muito reveladora da dor que pressupõe toda a crise de crescimento, encontramos-la num livrito precioso que oferecerá, muito mais tarde, à sua querida Virgem de Montserrat: *As três florinhas...* Refere-se precisamente aos maus bocados que precederam a resolução de se entregar a Deus.

Ao descrever como viveu naqueles anos de aprendizagem no comércio, quer em Quinto de Ebro, quer em Reus, diz:

«*Sozinho e por caminhos difíceis, cheguei aos vossos pés. Com quantas feridas! Quantas desilusões no coração! Junto de vós encontrei a paz perdida*».

«Caminhos difíceis», «feridas», «desilusões», perda da paz. Foram estas as dores daquele moço que não completara, ainda os catorze anos.

Foram difíceis os caminhos, sem dúvida, longe da família, sobretudo agora, quando nem sequer podia contar com a presença da mãe na longínqua aldeia.

Feridas, também, não há dúvida de que as teve especialmente com a proximidade da morte que tanta impressão faz nessa idade, sobretudo se se fica órfão.

Desilusões, adivinhamo-las ao pensar nos amigos que talvez lhe tenham faltado na altura em que mais precisava deles, ou quando lhes mostrou outra maneira de viver que descobrira nas boas leituras e nos momentos de oração. Quem seria capaz de entender aquele fogo que começava a arder no coração de Henrique?

Por último, a falta de paz. Que queria Deus dele? Por um lado, iria tirar-lhe, sem dúvida, a vida fácil que a prosperidade económica de Reus e a situação que Jaime começava a conquistar lhe proporcionavam. Não era insensível à comodidade, aos bens da terra, a tudo o que fosse gozar das coisas. Porque, apesar de ser reservado, era cheio de vida e entusiasmo. Mas aquela voz interior, que cada vez mais e com mais força o atraía, fazia-o perder o equilíbrio.

Tudo isto sozinho, sem uma mão que o acompanhasse para saber o que devia fazer.

Mas Deus nunca abandona os que n'Ele confiam.

Muito em breve, aquele rapaz de tenra idade e de lúcido entendimento reencontraria a paz, uma paz que muito poucas vezes perderia, embora as dificuldades e os contratempos lhe agitassem a superfície da alma.

Essa paz reencontrá-la-ia diante da Moreneta, a sua querida Mãe de Montserrat.

### **Cartas de um adolescente adulto**

Merecem que nos detenhamos e lhes façamos uma referência especial, pois revelam-nos muito claramente o que era aquele rapaz de catorze anos. Fizera-os em Outubro, poucos meses depois da morte da mãe e, portanto, do regresso a Reus.

Como vimos, depois da luta interior e vendo que o seu desejo de ser sacerdote ou, pelo menos, de se entregar plenamente a Deus, não era compreendido, resolve partir... Para onde? De momento, não o sabe muito bem. Precisa de uma mãe e a mãe da terra voara para Deus e já não podia falar com ela. Então decide pôr-se a caminho para o santuário de Montserrat e ir ter com a Mãe do Céu.

Ouvira falar desse lugar maravilhoso, mas, segundo parece, nunca lá tinha ido. Nesse tempo não era muito fácil, e a subida até Montserrat era uma verdadeira viagem, com todas as consequências. Mas Henrique convenceu-se de que partir para o santuário era a solução para os seus problemas e... aquele o momento oportuno.

A «caixa fechada» guardou absoluto silêncio sobre a sua decisão. Sabia que segredo revelado é segredo contado. E calou-se. Como faria em muitas outras ocasiões da sua vida, ao tratar-se de assuntos muito pessoais e transcendentais.

No entanto, achou conveniente comunicar aos seus, de algum modo, a sua mudança de vida. Naquele tempo já sentia, como se vê, queda para escrever, sobretudo no género que mais cultivará – o epistolar. E pensou que o melhor seria escrever umas cartas.

O facto pressupõe, sem dúvida, um pouco de romantismo. Não nos podemos esquecer de que estamos em pleno séc. XIX, época dos grandes românticos. Fugir deixando uma carta escrita, é certamente reflexo desse movimento.

«Escrevi cartas de despedida e de conselhos ao meu pai e tios...».

Assim as concebeu. Tinha o dever de se despedir e, por outro lado, sabendo que a reacção não se faria esperar, decide dar-lhes conselhos, comunicar-lhes tudo o que, desde há alguns meses, lhe era tão evidente e que agora não deixaria de pôr em prática, mesmo que a separação dos entes queridos fosse dolorosa. Dir-lhes-ia que, primeiro de tudo, há que «cumprir a vontade do meu Pai», como aquele outro Menino de doze anos, o Filho de Deus. E também Ele sabia a dor que a separação causaria aos pais.

Não resistimos a copiar pelo menos alguns parágrafos das cartas que se conservam. As que escreveu ao pai e à tia, Dona Maria de Ossó, são dignas de reflexão, para se conhecer a personalidade de Ossó aos catorze anos, a sua inteligência, sentido de Deus e... teresianismo.

«Sr. Jaime Ossó – Vinebre.

Chegou o momento de pedir a sua bênção segundo o mandam os nossos Pais e de partir. Vai causar-lhe uma grande dor o meu afastamento; mas pai, a glória e o serviço de Deus é que o motivam; por isso, deve consolar-se e recomendar-me a Deus para que me conserve fiel no seu santo serviço, conforme é meu desejo.

Não chore, nem me procure, nem se entristeça por me afastar de junto de si, pois depressa nos juntaremos para sempre no céu com a minha querida mãe para não mais nos separarmos e vivermos na companhia dos anjos e santos de Deus, para o louvar e glorificar por toda a eternidade. A sua dor transformar-se-á em alegria se pensar que depressa nos veremos na glória.

Deixo os meus bens para o que entender, mas é da minha vontade que pague os papéis, rubricados pelo meu punho, que lhe forem apresentados como redigidos por mim próprio e ditados pela minha consciência. E, depois de ter cumprido o que neles estiver consignado, distribuirá à vontade a minha roupa e tudo o que me pertence, pelos pobres mais necessitados, recomendando-lhes que peçam por mim a Deus para que siga os seus caminhos; e não deixe de os abrigar e de lhes fazer caridade em tudo o que for possível. A nossa vida é breve e para nada servem as riquezas se não se fizer algum bem.

Procure amparar e cuidar do meu irmão; olhe que tem de dar contas pelos seus filhos e se souber que procedem mal e não os corrigir, o Senhor o castigará. Bem vê quantos males vos afligem nos campos, e nos corpos, e tudo é causado pelo pecado, porque há poucos que cuidem da sua salvação e do fim para que fomos criados; os que

amam o mundo só pensam em amontoar riquezas e satisfazer maus desejos; não vêem que daí lhes vêm o sofrimento e o castigo de Deus.

Lamentaria, querido pai, que, Sem ter em conta o sofrimento, fosse do número desses mundanos; siga e pratique os mandamentos de Deus e viverá bem mortificando-se em tudo; e por estes breves trabalhos, receberemos o imponderável prémio da glória eterna para sempre. Amen.

### **Despedida:**

Vou-me embora; nada receie por mim; Deus será o meu protector e o meu defensor. A glória e o serviço do meu Pai Eterno são o motivo do meu afastamento; adeus. Tenha esperança!»

A carta tem tal nível de conteúdo e até de expressão, que realmente espanta num rapaz de catorze anos. Sentimo-nos tentados a duvidar, como no caso de Anne Frank, da sua autenticidade. Por causa do que os documentos revelam num e noutro caso.

Creio que há vários aspectos que convém sublinhar para conseguirmos penetrar na alma de Henrique, na sua adolescência. São aspectos que depois encontraremos repetidas vezes na sua personalidade espiritual.

*As motivações.* São ponderadas e reflectidas. Não se trata de nenhum capricho infantil, de nenhuma aventura determinada pelo descontentamento ou pelo desejo de evasão. Diz claramente e por duas vezes, ao iniciar a carta e no pós-escrito, que é «a glória e o serviço de Deus» que motivam a sua partida.

*O sentido de transcendência.* Todos os valores terrenos empalidecem quando comparados com os valores sobrenaturais. Tudo é mesquinho quando se trata da «pérola preciosa» pela qual vale a pena vender tudo. Daí que faça esse ingénuo testamento das suas poucochinhas pertenças. Embora revele aqui, mais que noutros momentos, a criança que ainda é e que procura ser homem, descobrimos urna profundidade que nada tem de infantil.

*A esperança.* Inicia-se aqui um percurso que será o segredo da sua vida: a confiança em Deus, o abandono nas suas mãos, o esperar contra a esperança. A sua conhecida frase: «Tende esperança e vereis grandes coisas!» parece iniciar-se aqui, embora se tique só pela primeira parte dessa exortação que tanto nos lembra Jesus nas aparições de ressuscitado: «Não temais, tende confiança e esperai!»

A segunda carta que conservamos – e foram 24 as que escreveu, segundo afirma o seu primeiro biógrafo, Juan Bautista Altés – tem características diferentes. É uma carta que parece ditada pelo desejo de exprimir tudo quanto foi aprendendo nos últimos tempos, mais do que pelo de dar lições aos adultos. Por isso pode parecer um tanto estranho que à sua tia, muito mais velha que ele, como é natural, dê uma série de conselhos impróprios da sua idade.

Penso que, depois de lhe comunicar a notícia, se sente impelido, como digo, a pôr por escrito todos os ensinamentos teresianos que nele calaram profundamente. E, num estilo muito próprio dos livros piedosos da época, tão didácticos, pega na caneta e põe -se a escrever. A primeira coisa que faz é comunicar-lhe a fuga e a razão dela:

«Um dos meus deveres é participar-lhe o passo que vou dar no caminho do Senhor, assistido pela sua graça, para me apartar das vaidades e enganos do mundo que nos tenta continuamente para nos fazer perder a graça de Deus».

E logo passa a enumerar o que ele próprio apelida de «algumas máximas saudáveis para a sua eterna felicidade».

«Amai a Deus de todo o coração, dai por Ele a vida e amai o próximo; assim cumprireis a Lei de Deus...

Cada um viva contente com o que Deus lhe deu, pois é essa a sua vontade...

Estai sempre animados de um vivo desejo de sofrer por Jesus Cristo em todas as coisas e em quantas ocasiões se apresentem...

Desapegai o vosso coração das coisas mundanas, buscai a Deus e achá-lo-eis...

Que o vosso desejo seja só ver a Deus; o vosso temor, perdê-lo; a vossa dor, não o possuir ainda; a vossa alegria, em tudo o que possa aproximar-vos d'Ele, e vivereis num grande repouso...».

Nas cartas não se faz alusão à sua ida para Montserrat, visto que, ao que parece, Montserrat não era o lugar definitivo do seu caminho para Deus e de entrega absoluta. Era ponto de encontro com a Mãe para consolidar a sua vocação, discernir a vontade de Deus e orar instantaneamente para lhe pedir ajuda e consolação.

### **A caminho com Maria**

E começa a aventura. A coisa não era fácil, nem nos começos, nem no decurso, nem no desenlace. Diz-se depressa, mas ir a pé, sozinho, sem dinheiro

– como ele próprio nos assegura – por caminhos e atalhos, através de uma orografia dura e agreste como a das montanhas de Montserrat, assustaria o melhor montanhês. E chegar até lá a partir de Reus, a mais de 100 quilómetros de distância, que dizer? Seriam precisos, com certeza, vários dias. Como se orientaria? Não. sabemos. Imagino que o planeou bem, porque chegou. Deve ter calculado e pensado em tudo muito bem, porque soube aproveitar a ocasião propícia para se ir embora sem ser notado.

A ocasião foi um acontecimento familiar triste em casa dos Ortal. Pelas estatísticas sabemos que, nessa época, a mortalidade infantil era um facto frequentíssimo. E na família Ortal não devia ser menor. O filho mais novo tinha morrido e seria enterrado no dia seguinte.

Henrique pensou que, embora fosse um dia duro para os amos, era o mais oportuno, se queria partir sem dizer palavra.

Por isso, enquanto os parentes e amigos se preparavam para o funeral, como nesse dia a loja estava fechada «devido a falecimento», pegou numa pequena trouxa e meteu-se ao caminho. Curiosamente, a única coisa que levava na trouxa, pelo menos de acordo com o que mais tarde recorda, eram livros:

«... de manhãzinha, abri a porta e fui-me embora. Os meus primeiros passos dirigiram-se para a Virgem da Misericórdia, na sua capela. Orei ali, pedi-lhe a bênção e parti para longe, levando alguns pequenos livros, sem dinheiro, a pé...».

Realmente, uma completa aventura.

Mas lança-se nela com plena consciência do que faz. Uma fuga de manhã cedo, uma visita à Virgem da Misericórdia, a padroeira de Reus, que fora visitar em muitas ocasiões, e a pé. Porque ir sem dinheiro e com alguns poucos livros, revela um estado

de ânimo à prova de bala.

Lembra-se de ter subido pela encosta de Collbató, que fica já perto, na província de Barcelona. Antes disso, teve de percorrer quilómetros e mais quilómetros através da província de Tarragona. Não sabemos por onde o fez. Passaria a noite em alguma herdade, no estábulo, talvez, onde o deixariam ficar num canto, pensando tratar-se de um pobre rapaz vagabundo. Ou a céu descoberto. Não sabemos. Do que ele se recordava, para além da subida de Collbató, era da sede terrível que passou. Estava-se no mês de Outubro e, durante o dia, o sol aperta. De noite, porém, deve ter passado bastante frio. Enfim, um peregrino acostumado ao sofrimento. De turismo, nada.

### **A pobreza é um chamamento**

E Henrique começou a senti-lo à medida que se aproximava do Jesus do Evangelho. Era sinal evidente de ir por bom caminho.

Na carta para o pai já se entrevê o desejo de deixar tudo, de ajudar os necessitados, de amar até à doação. Aquele curioso testamento das quatro coisitas que, na sua idade, podia ter, é um bom sintoma.

Vamos agora falar de um caso delicioso que merece integrar a antologia de «meninos santos» ou até quase, quase, os poemas singelos de Gonzalo de Berceo; porque se trata de um peregrino de Maria, não o esqueçamos.

E o peregrino, numa curva do caminho, encontrou um pobre esfarrapado, um rapaz da sua idade. O aspecto, em parte, seria semelhante, pois não julgo que nesse ponto do percurso – estava já em Papiol – e após vários dias de viagem, estivesse muito limpo. Mas a sua roupa devia ser, seguramente, de melhor qualidade que a do mendigo. Ou foi o rapaz que lhe pediu alguma coisa, ou o próprio Henrique que se comoveu com tanta necessidade; o certo é que quis, na sua ingenuidade e fervor infantis, imitar os santos, e fez um gesto igual ao deles: trocou o próprio vestuário pelo do pobre. Não lhe seria muito agradável, pois sempre foi aseado e arranjado em extremo. Os andrajos daquele rapaz provocar-lhe-iam bastante nojo. Mas naquela altura teria feito fosse o que fosse, por mais difícil que lhe parecesse. E a vantagem de se entregar na primeira juventude, na qual os impulsos têm o fervor e a força dos anos.

Trocaram a roupa. E com ela, como um verdadeiro mendigo, continuou a peregrinação, monte acima.

Já nada ou quase nada tinha do aprendiz de comércio. Nem o pai o teria reconhecido.

De facto, conta-se uma história muito engraçada.

Dela deu testemunho Juan Bautista Altés, tendo ouvido contá-la às filhas de Jaime, sobrinhas de Henrique.

Quando Jaime, o irmão mais velho, o viu em semelhante estado – como adiante referiremos – foi tal a vergonha que sentiu por causa dele que o levou a tirar um retrato. Suponho que não lhe teria sido fácil, pois naquele tempo não havia o costume de levar uma máquina fotográfica na algibeira. Continuemos, porém, o relato da peregrinação.

Chegou a Montserrat. A primeira coisa que fez foi apresentar-se no mosteiro. Imagino a cara que devem ter feito os monges! Primeiro, terão pensado que se tratava de mais um mendigo dos que vadiavam pelo santuário, naquela época. Mas o espanto aumentou ao ouvi-lo falar e exprimir-se com uma cultura e uma formação espiritual que não condiziam com a de um qualquer vagabundo abandonado à sua sorte.

E cada vez mais espantados foram ficando ao ouvi-lo expor o desejo de ser admitido

«como criado da Virgem», ao ver que se confessava e comungava com grande fervor, que passava horas e horas num canto do santuário a contemplar Maria... Quem seria aquele rapaz, e com tais andrajos?

Depressa se acabaram as dúvidas. De facto, passados três ou quatro dias, no máximo, viram chegar um jovem muito bem vestido, com ares de superioridade, que perguntou aos monges por um rapazito de uns catorze anos que... «Sim, sim, anda por aí um rapaz assim, desde há alguns dias, mas deu-nos a impressão de se tratar de um mendigo abandonado, embora nos admirássemos da sua formação e da vida que aqui tem levado».

Claro, com essa mesma impressão ficou Jaime quando se encontrou com o irmão. Ignoramos a conversa que se travou entre ambos, mas não seria de estranhar que o mais velho tivesse ficado comovido com os argumentos do mais novo. Pelo menos admirado com tanta capacidade de decisão, liberdade de espírito e convicções do irmão.

É que, enquanto Henrique subia penosamente a encosta de Collbató, entre outras paragens, a família andava à procura dele angustiadíssima, como é natural. Era só o que faltava ao Sr. Ortal, deparar-se com mais essa aflição ao regressar do enterro do filho mais novo. Teve que prevenir o pai e este começou a «busca e captura». O desgosto foi grande e o Sr. Jaime não era pessoa para o dissimular. Henrique, sempre com grande sobriedade e concisão, diz:

«... para meu mal, um dia, ao sair da igreja, na praça onde agora há árvores, encontrei o meu irmão Jaime que andava à minha procura, pois toda a família ficara consternada ao saber do meu desaparecimento misterioso e que ninguém conseguia explicar.

A justiça até queria chamar a contas um zeloso sacerdote de Reus por o considerar cúmplice ou culpado da minha partida».

Este último pormenor é curioso. Talvez fosse o confessor a quem recorria em Reus, e o Sr. Jaime, julgando impossível que a um rapaz de catorze anos lhe ocorresse tomar semelhante decisão, atribuí-la-ia ao sacerdote. Ainda desconhecia a capacidade de Henrique para orientar a própria vida.

### **«Serei todo de Jesus»**

Porém, ao centrar-nos um pouco na história da fuga e do reencontro familiar, não abordámos o aspecto mais importante da sua estadia em Montserrat.

Que fez, na verdade, junto da «Moreneta»? Nada mais nada menos que decidir a sua futura vocação. Fê-lo com uma clarividência enorme, quanto ao essencial da sua entrega. Não tanto, de momento, no que se referia ao como e ao onde.

No princípio, ao chegar, tinha um vago desejo que, nos Apontamentos, resume assim: «Quería ser ermitão, retirando-me para a solidão». Depois daqueles dias de solidão e oração, decide-se pelo sacerdócio. A partir daquele momento, o centro da sua vida e dos seus anelos é e será sempre Jesus, ser todo d'Ele. O modo, a forma, o lugar, ir-se-iam vendo.

Assim o explica, dirigindo-se à Mãe de Deus, no seu livro *As três florinhas à Virgem de Montserrat*:

«Achei a minha vocação. Vós me guiastes sem eu saber como. Estrela dos

mares, Estrela da manhã, da Catalunha, iluminastes os meus olhos, segui essa luz e, ao mostrar-me Jesus, fruto bendito do vosso ventre, vendo-o tão cheio de graça e tão belo, disse: “serei sempre de Jesus, seu ministro, seu apóstolo, seu missionário de paz e amor”. A vossos pés, diante do vosso altar, resolvi ser ministro de Jesus, sacerdote para sempre segundo a ordem de Melquisedeque...».

«Ser todo de Jesus». O seu lema. O verdadeiro lema que lhe marcará a existência e que nunca abandonará. Será sempre esta a sua aspiração, dele e de todas as suas filhas: «Ser todas de Jesus, que não haja nada no vosso interior e exterior que não anuncie Jesus». E esta será também a última página dos seus artigos «Desde a Soledade» que, ao longo de tantos anos, publicará na Revista *Santa Teresa de Jesus*:

«Oh, Jesus meu e de todas as coisas! Gravai o vosso divino nome no meu entendimento, na minha memória, nos meus lábios, e sobretudo no meu coração, para não inc lembrar senão de Jesus, não falar senão de Jesus, nem amar senão Jesus».

O homem do «Viva Jesus» e do «Tudo por Jesus», começa a sua vida de doação com a firme resolução de «ser todo de Jesus».

## **5. ASSIM VIVEU A SUA VOCAÇÃO**

### **Estudando...**

«Voltei para casa e então disse que queria estudar para ser missionário e ir converter os infiéis, e no ano de 54 comecei Gramática em Tortosa, em casa do Dómine Prades, e pupilo em casa do Padre Ramón Alabart, sacerdote zeloso e amigo da família que se deslocou a Vinebre para combinar os meus estudos com a minha família e sondar o meu ânimo».

Embora os seus primeiros desejos se orientem para as missões, com o mesmo idealismo por que passaram muitas vocações infantis, depressa enveredam por um caminho menos concreto, mas, de momento, mais realista: estudar para se formar e aprofundar a sua entrega a Deus. Inclusivamente, alguém lhe disse que deixasse de sonhar com ideais longínquos quando havia tanto trabalho apostólico bem perto de si: «lembro-me de que uma tia (Maria), muito boa, me dizia muitas vezes: não vás converter infiéis; há bastantes aqui, converte-nos a nós». Certamente algum efeito causariam nele as exortações dessa tia, pois daí a pouco vemo-lo completamente inserido na realidade que lhe tocou viver. Como poucos homens o fizeram, sem dúvida.

O estudo. Foi uma das características do seu temperamento responsável e da sua capacidade de reflexão. Como nunca gostou de coisas a meias, desde o primeiro momento que se lhe dedicou a sério.

Os seminários, nesse tempo, não tinham muitos elementos formativos. Um jovem que não tivesse uma grande capacidade autodidacta e não estivesse muito atento ao chamamento interior, podia passar pelos anos do seminário sem aprofundar suficientemente a grandeza do sacerdócio. E verdade que havia entre os presbíteros e entre aqueles que se preparavam para sê-lo, como em todos os tempos, figuras de uma grande santidade e de uma elevação humana e religiosa considerável. Mas também para quê

negá-lo – muita mediocridade.

Após vários anos de afastamento dos estudos – aqueles estudos primários na sua aldeia – teve que enfrentar as declinações, as formas gramaticais, as dificuldades da língua e da cultura dos antigos.

Três anos – de 54 a 57 – entre a chamada Gramática e as Humanidades. Um pouco como o bacharelato e que dava uma base cultural aos estudos que se seguiam, de Filosofia e Teologia.

Como a maior parte dos seminaristas do seu tempo, foi aluno externo. Assistia às aulas e voltava para o seu quarto, no terceiro andar da casa do Padre Alabart.

Sabe-se que era organizado – por temperamento e por disciplina pessoal – e que não perdia tempo. De facto, conserva-se o boletim das notas e foram sempre as melhores. O próprio Henrique o diz com simplicidade e verdade: «Estudei com consciência e tive boas notas. Era dos primeiros».

Tanto estudou que conseguiu adiantar um ano, O ano que tinha atrasado, ao chegar, pois os outros iam mais avançados nos estudos. Apesar dos catorze anos acabados de fazer, para aqueles tempos, era quase «uma vocação tardia». De facto, não foi dos que vão para o seminário estudar para padres por determinação familiar ou ordem paterna: «Este, para sacerdote. Vamos pô-lo no seminário porque é muito desembaraçado nas letras...» Não, bem o vimos. Não só não foi por determinação familiar, mas partiu por decisão própria, contra a opinião e a vontade dos seus. Não é de estranhar, portanto, que se mostrasse mais responsável nos estudos, mais receptivo, com melhor aproveitamento do que aqueles que tinham sido metidos num seminário sem saberem bem porquê nem para quê.

No que se refere aos estudos, prosseguiu-os, ano após ano, «com consciência». Depois da Gramática, as Humanidades, no ano de 1856, e no ano de 1857, a Filosofia. Obteve sempre classificação de «meritissimus».

Continuá-los-á, em 1860, mas desta vez em Barcelona. O futuro sacerdote vai-se abrindo a outros campos da cultura e da sociedade da sua época. Porque se Reus e Tortosa, onde residiu primeiramente, já eram outra coisa em comparação com Vinebre e Quinto de Ebro, Barcelona era o centro da indústria catalã, da cultura e da política. A vida modificou-se, certamente. Não quanto aos propósitos, que se foram mantendo no decorrer dos anos de estudo, mas quanto aos conhecimentos, experiências e vivências. As famosas «Ramblas» e a parte antiga da cidade – «la ciutat vella» como hoje lhe chamamos – seriam o circuito das suas idas e vindas.

A decisão de ir para Barcelona foi tomada pelo próprio Henrique, mas desta vez seguindo os conselhos da família. Achou que seria conveniente, com certeza, senão já sabemos o caso que deles fazia e por mais que lho tivessem dito, não teria acedido, como procederá mais tarde, quando se empenharem em que seja «licenciado», pensando ele não lhe ser necessário...

«No ano de 1860 flui para Barcelona estudar Física no seminário, a pedido do meu irmão e família, que queriam que brilhasse, e estudei com o célebre Dr. Arbós, que me queria muito e me fez seu assistente nos dois ou três meses em que teve de se ausentar para instalar o gás em Villafranca».

É curioso o desejo que, com realismo e uma ponta de ironia, Henrique diz que tinham os seus familiares.

Nessa altura, o seu irmão Jaime instalara-se em Barcelona, dedicado ao comércio que ia prosperando. Durante esse ano em que, como nos diz, Henrique alterou o papel de discípulo com o de mestre, residiu em casa do irmão.

Dessa vez a permanência foi só de um ano, pois em 61 vemo-lo outra vez em Tortosa, onde passou os dois anos escolares seguintes.

Os familiares insistem novamente em que volte para Barcelona para acabar a Teologia, mas agora põe uma condição: ficar interno no seminário. E fica, no antigo edifício dos Jesuítas, sendo eles que, nessa altura, dirigiam o seminário.

Bons professores, boas amizades. Os anos de estudo foram as bases de uma formação que, durante os anos de actividade prodigiosa no apostolado sacerdotal, dará consistência às suas obras, decisões e ensinamentos.

### **Aprofundando e orando**

Não era só o estudo. Era também a reflexão pessoal, o aprofundamento dos acontecimentos que um apóstolo há-de sempre encarar à luz da fé, para criar estratégias ou para amadurecer projectos.

É uma das características de Ossó, apesar de ser um homem de uma actividade prodigiosa. E esta característica começou a cultivá-la desde muito jovem.

Em que empregava os tempos livres durante os anos de estudo no seminário, tanto em Tortosa como em Barcelona? Há duas coisas que, de momento, quero realçar. Depois referir-me-ei às horas de recreio, de apostolado, de dedicação aos pobres...

No que agora quero insistir é na sua vida de oração e aprofundamento pessoal e religioso, alimentado pelas boas leituras.

Da sua oração, sabemos que era assídua. Não nos fala muito, com Santa Teresa o fez, da evolução da forma de orar. Também nada sabemos das suas experiências de Deus. Mas, a julgar pelo que transparece da sua alma quando começa a escrever – e fá-lo muito cedo – damos-nos conta de que, na oração, voou muito alto.

Chegou a hora de fazer referência ao seu «teresianismo», a característica mais saliente da sua espiritualidade, bem como, mais tarde, do carisma pessoal das obras que fundou.

A iniciação na espiritualidade de Santa Teresa foi algo providencial. Ele próprio a contava muitas vezes. Foi a sua tia Mariana, muito boa mulher, mas com uma cultura própria da época, e de uma grande simplicidade, que lha deu a conhecer, sem saber o que estava a despontar naquele moço tão jovem.

Deve tê-lo feito antes de ele ir para o seminário. O facto é que a boa Mariana tinha um livro das Obras completas, que não sabemos como adquiriu, e por mais esforços que fizesse para o entender, não conseguia perceber grande coisa. O castelhano antigo atrapalhava aquela mulher que, para cúmulo, nem sequer tinha a língua de Cervantes como língua materna, pois devia falar, habitualmente, o «tortosí», um dialecto muito característico do catalão.

Como viu naquele rapaz uma propensão especial para a leitura e também deu conta de que havia algo nele que o atraía para as coisas de Deus, pensou que seria quem mais proveito tiraria dele. E ofereceu-lho. Henrique reconheceria, mais tarde, que fora a melhor prenda que lhe podiam ter dado em dias de sua vida. Foi um presente providencial que o fez penetrar naquele «castelo» maravilhoso com muitas moradas que podia usufruir, como Santa Teresa, e de onde nunca mais sairia, avançando continuamente por elas até gozar da que está no «centro e que é a principal de todas, onde se passam os grandes segredos entre Deus e a alma». Só que, no caso de Santo Henrique, esses «grandes segredos entre Deus e a alma» quase não nos foram revelados. Somente se adivinham em muitos dos seus escritos. Os autobiográficos, no caso do nosso Santo, são escassíssimos, tão reservado, tão «caixa fechada» como era.

Em Santa Teresa encontrou, como digo, uma fonte de riqueza interior que o foi transformando. Via-se impregnado daquela fundura de alma que reflecte profundidade e a contagia. E assim o viam os companheiros; assim o percebiam os professores e até o Bispo...

Por isso, em Tortosa, nas férias de verão em Vinebre, em Barcelona, vemo-lo sempre leitor assíduo, conhecedor das Escrituras, enamorado da doutrina teresiana, pensador nato que aprofunda os acontecimentos e se vai preparando por dentro para o momento em que lhe caberá sair para a luta.

### **Com os pobres e... as crianças**

Também arranjou tempo para se dedicar aos mais necessitados. Sabe-se que frequentava as «Conferências de S. Vicente de Paulo», uma forma de se aproximar do mundo da marginalização própria da sua época. Visitava doentes, ajudava os que não tinham o necessário.

E as crianças. Atraíam-no de um modo especial e sentia realizar-se assim, de certo modo, a sua primeira vocação.

Durante o ano escolar seria difícil. Para além dos estudos, leitura, oração, desporto – que também praticava, como sabemos – pouco tempo lhe restaria, mais a mais estando inscrito nas Conferências de S. Vicente de Paulo. Os compromissos dos sócios eram, não só a visita semanal aos necessitados, mas ainda uma reunião aos sábados e um retiro mensal.

Mas com as crianças começou – como digo – a exercitar a sua antiga vocação de professor, que agora ia singrando pela via catequética.

Consta que, durante as férias em Vinebre, reunia os garotos e ensinava-lhes a Doutrina. Fazia-o de uma maneira espontânea, que tinha muito mais de vida do que de organização. Durante a sesta, e com muito cuidado para não acordar o pai, reunia-os na adega, por baixo da casa, um sítio fresco e retirado, para que as vozes incontroláveis das crianças não chegassem aos quartos de cima.

Agora, na casa dos «Ossó da esquina», transformada em museu, ainda se pode ver essa bela arrecadação por baixo da casa. E muito ampla e está dividida em duas partes, que deviam corresponder à adega e ao estábulo. A porta de entrada, com padieira de pedra, dá para a rua de trás e permitia a Henrique, o seminarista amigo das crianças, mandar entrar por aí os «alunos» improvisados. Uma vez dentro, e depois de lhes sossegar os ânimos sempre propensos aos berros e ao bulício, falar-lhes-ia, entretê-los-ia e ensinar-lhes-ia as primeiras grandes verdades da fé que deveriam viver.

### **Preparando-se para ser «O Solitário»**

Nas vidas dos santos costuma haver alguns lugares com uma certa ligação com eles. Obviamente, o do nascimento que, em muitos casos, lhes deu o nome: Francisco de Assis, Inácio de Loiola... Mas também outros que não os viram nascer, mas sim crescer ou realizar tarefas que os caracterizam.

Ao falar de Henrique de Ossó, não podemos prescindir de alguns destes lugares. E um deles é, sem dúvida, o Deserto de las Palmas, em Benicasim.

Ter encontrado este lugar delicioso foi também providencial. Falei da sua tendência para a solidão e para o «deserto», símbolo dos nossos retiros para retemperar forças. Jesus teve também momentos de solidão e deserto que O prepararam para a vida pú-

blica. Não podemos prescindir deles, se quisermos actuar em profundidade. E muito mais quando a vida que se leva se expande numa actividade espantosa, como em breve veremos que foi a vida do Padre Henrique.

No verão de 1860, estando de regresso a Vinebre a passar férias, uns tios, Justo e Rafada, convidaram-no a ir passar alguns dias com eles em Benicasim. Os tios eram pessoas do campo endinheiradas e tinham uma herdade maravilhosa. Henrique passaria aí momentos muito bons, pois sempre foi amante da natureza.

O caso não teria passado disso. Mas os tios tinham grande amizade aos Padres Carmelitas do Deserto de las Palmas, um convento encravado numa belíssima paisagem, entre pinheiros e palmeiras e com o espectáculo do mar ao fundo, sempre surpreendente.

E não se fica por aqui. O tio Justo tinha uma grande devoção a Santa Teresa e muitos livros dela e sobre ela na sua vasta biblioteca. Era quanto bastava para Henrique gostar de ali estar! «Certo que hei-de voltar, tio, hei-de voltar».

Um dia, passeando pelo imenso pinhal, o tio Justo mostrou-lhe a ermida de Santa Teresa. E Henrique deve ter sentido um chamamento interior. «É um lugar privilegiado. Já não posso separá-lo da minha vida».

E assim foi. Partiu contente com a descoberta e desde aquele dia o Deserto de las Palmas será um daqueles recantos que o atrairão sempre que precisar de repouso, solidão, retiro, oração...

Alguns anos mais tarde, em 1873, descreverá esse paraíso numa carta para o seu grande amigo Juan Bautista Altés:

«Porque não vieste ao Deserto de las Palmas para descansar e cobrar novo alento naquela deliciosa solidão? Se tivesses vindo, ontem terias dado comigo um passeio a Borriol e ao Deserto de las Palmas e terias estado numa linda capela nova, a um tiro de balista do mar.

Está cá um Padre Jesuíta e depois de amanhã espero o Padre Martorell, teu discípulo. Por cima da minha janela voltada para o mar, há paras de uma frondosa videira. Estou a escrever-te ao compasso das ondas e de uma brisa suave e refrescante...»

É no verão anterior à partida para Barcelona que ali vai pela primeira vez. Antes de ir para a cidade-condado e de dar início à segunda parte dos estudos eclesiásticos, o futuro apóstolo familiariza-se com aquelas jornadas de retiro e solidão que o ajudaram a baptizar-se a si mesmo com o pseudónimo de «O Solitário». Com ele assinaria, mês após mês, um dos mais belos artigos da Revista *Santa Teresa de Jesus*.

## **6. ASSIM FOI SACERDOTE PARA SEMPRE**

### **O encontro de dois santos**

Chegamos, pois, ao último ano de Teologia no seminário de Barcelona. Faltavam uns escassos meses para o grande dia da Ordenação e para o outro, maior ainda, da Missa Nova.

Henrique tinha bons amigos entre os companheiros de estudo. Um deles, porventura o mais íntimo, era Andrés Martorell. Nesse ano de 1865, ao encontrar-se com os antigos

companheiros, recordou sem dúvida o amigo do coração. É que Martorell, mais adiantado que ele na carreira sacerdotal, cantara Missa em Junho desse ano. E um mês depois entrara no noviciado da Companhia de Jesus.

Henrique despedira-se do amigo e fê-lo prometer que pregaria o sermão da Missa Nova. Martorell prometeu-lho. Agora Henrique recordava tudo isso.

Estes eram os factos exteriores. Interiormente, porém, continuava a crescer e a preparar-se para o acontecimento em que culminava a sua carreira sacerdotal.

Para se prepararem melhor para o presbiterado, os seminaristas faziam Exercícios Espirituais que, naquele ano, começaram no dia de Pentecostes. O mais interessante é que o director dos Exercícios seria outro Santo: aquele que, durante muitos anos, foi simplesmente conhecido por «Padre Claret», Santo António Maria.

Mal conseguimos imaginar o que foram aqueles Exercícios e aquelas confidências entre dois homens que tinham sido tocados pela mão de Deus e nos quais «a graça não fora vã».

Além de o imaginar, porém, podemos saber alguma coisa. Em primeiro lugar, pelo pouquinho que nos relata nos Apontamentos autobiográficos:

«Recebi as Ordens Menores e o Sub-diaconado em Barcelona, das mãos do Senhor Bispo de Montserrat (de Maella) e tive a dita de fazer Exercícios com o Padre Claret (Casa de Gracia), de me confessar a ele e de resolver se era vontade de Deus que eu fosse ou não sacerdote, com grande alegria e paz, sem nunca ter passado por nenhuma tentação, pela misericórdia de Deus, contra a minha vocação».

Exercícios de discernimento segundo Santo Inácio? Não terá sido bem isso. Porque, ao que parece, nesta altura não tinha dúvidas quanto à sua vocação. Mas é lógico que um homem da sua estatura e profundidade, delineasse diante de Deus, perscrutando a sua vontade, o que constituiria a sua vida futura. Henrique não era dos que chegam ao sacerdócio por uma espécie de inércia adquirida ao longo dos anos de carreira eclesiástica. Nem por sombras. A convicção de ter sido chamado produziu nele uma tal alegria e paz que ainda as recorda perfeitamente, anos mais tarde, ao escrever os Apontamentos.

A segunda fonte escrita para ficarmos a saber um pouco mais sobre aqueles sublimes Exercícios e sobre o encontro com o Padre Claret, revela-nos algo da sua oração e vida interior.

Trata-se de alguns apontamentos espirituais que, infelizmente, não chegaram até nós, mas que foram utilizados pelo seu primeiro biógrafo, Juan Bautista Altés. Neles podemos ler uma belíssima oração ao Espírito Santo, um dos seus grandes amores durante toda a vida:

«Oh, Espírito Divino! No vosso dia, peço-vos uma graça. Dentro de pouco tempo, consagrar-me-ei a Deus para ser seu templo de uma maneira especial e para ser seu ministro para sempre. Enchei o meu coração com os vossos sagrados dons, que me infundam um espírito de oração e zelo como o dos apóstolos e fazei que habitem em mim, especialmente o dom da sabedoria e do santo temor de Deus».

Aquele amor extraordinário a Jesus, centro da sua existência, do seu agir e sentir,

transparece em muitas frases que exprimem compromissos de vida e que Juan Bautista Altés afirma ter encontrado nos seus apontamentos. Uma das mais características será talvez esta:

«Imitar e copiar Jesus no meu coração e no meu exterior, de modo que possam dizer de mim o que diziam ao ver 5. Francisco de Sales: Jesus comportar-se-ia assim».

E na verdade, foram muitas as testemunhas que afirmaram ter sido esta a realidade da sua vida. Vou copiar do Sumário de Virtudes para o Processo de Beatificação, um desses depoimentos. É da Madre Teresa Rubio e fala por muitos outros:

«Um dos seus mais íntimos amigos, P. Francisco Marsal, Decano de Solsona, disse que lhe parecia ver sempre no P. Henrique um modelo vivo de Nosso Senhor Jesus Cristo».

Não pode haver testemunho mais eloquente que nos leve a concluir: aqueles Exercícios Espirituais que o preparavam para o sacerdócio, acabaram de lançar os fundamentos de uma espiritualidade cristocêntrica que caracterizará toda a vida sacerdotal de Santo Henrique de Ossó.

#### **A Mãe acolhe-o, enquanto recorda a sua própria mãe**

«Ordenei-me presbítero pelo S. Mateus de 1867, e estava resolvido a cantar Missa no dia de Santa Teresa por ter devoção à Santa e por causa da minha madrinha Teresa Serra, mas como ao Bispo lhe pareceram dias demais, fizemo-lo no dia da festa de Nossa Senhora do Rosário, em Montserrat, que naquele ano calhou a 6 de Outubro».

Em Montserrat. Ali resolveu «ser todo de Jesus» e ali quis cantar a sua primeira Missa. Montserrat. Um dos mais belos lugares do território catalão. Montanhas espectaculares de formas diversas que parecem – como diz o «Virolai» – esculpidas pelos próprios anjos a golpes de serra. A névoa que envolve frequentemente as faldas da montanha, quase todas as manhãs, e que o sol radiante do meio-dia vai dissipando, dá lugar a espectáculos verdadeiramente grandiosos, quando emergem, de entre brancas nuvens, os picos rochosos recortando-se no azul intenso do céu. A rocha acinzentada é enegrecida pelos pinheiros e matagais que parecem nascer da própria pedra. As formas caprichosas dos píncaros têm nomes populares como o «dit de Déu» ou o «cavall Bemat», e constituem um cenário incomparável para todo o recinto do santuário e para o mosteiro beneditino. Para Henrique de Ossó tinha um encanto especial desde que a escalara na sua adolescência, naquela fuga heróica, quando era aprendiz de comércio em Reus. Nessa altura, demasiado jovem ainda, só tinha tido a intuição de que era um lugar de oração incomparável. Mas foi na maturidade que Montserrat passou a significar para ele muito mais que um santuário mariano: o símbolo da sua entrega a Jesus pelas mãos de Maria, sua Mãe.

Fala-nos com entusiasmo da beleza natural de Montserrat, descrevendo a sua orografia com pormenores verdadeiramente literários:

«Constituída por rochas altíssimas e desiguais em forma de cones, a sua silhueta caprichosa e variada excita a imaginação com mil figuras raras e fantásticas que parecem representar reis, cavalos, castelos, meninos do coro, gigantes, etc.

As rochas são de pedra calcária, redondas, vermelhas, amarelas, pardas e de cor de carne, conglutinadas com um betume natural. No seu conjunto, apresenta uma configuração oblonga e poligonal e, completamente isolada das serras que a rodeiam, a forma de uma imensa nau cuja proa se situa na casa Massana e a popa na cova da Virgem, a Este. Há como que uma série de degraus escalonados de baixo para cima. O mosteiro está, aproximadamente, a meio da montanha, a uns 887 metros acima do nível do mar.

O que mais nos admira nesta montanha, diz um escritor, é que sendo tão áspera e cheia de penhascos, cresçam entre eles mil variedades de flores, cravelinas silvestres, violetas e narcisos; e entre as imponentes rochas, ervas odoríferas e medicinais, raízes fortificantes, árvores copadas ou frondosas, plantas frescas e aprazíveis, que fazem de toda aquela montanha um grandioso jardim...».

Era lógico o desejo que tinha de que a sua primeira Missa tivesse aquele cenário que lhe era tão querido e que tanto admirava.

Mas não procurava somente a sua beleza, nem por sombras. O que na verdade atraía aquele jovem seminarista, a ponto de ali cantar Missa, era a Mãe de Deus. O facto de «ter escolhido para trono» aquele formoso lugar, era secundário.

Por isso acrescenta à descrição, entre outras, estas palavras:

«Mas o que confere a Montserrat a sua importância principal, é o célebre Mosteiro, porque encena a mais preciosa jóia da Catalunha, a imagem de Maria mais venerada pelos catalães e que é como que a síntese da história deste país, escrita em páginas de pedra, “A pérola da Catalunha”».

E quis ir ter com a Mãe do céu naquele dia tão grande da sua vida: o da Missa Nova. Com a Mãe do céu, precisamente quando mais sentia a falta da querida mãe da terra, Micaela, que tão contente deveria ter ficado por ver realizados os seus mais ardentes desejos, que fosse sacerdote.

O texto do seu livro *As três florinhas à Virgem de Montserrat* oferece-nos esta comovente descrição do encontro com a Mãe do céu e... com a da terra:

«A vossos pés, diante do vosso altar, resolvi ser ministro de Jesus, sacerdote eternamente segundo a ordem de Melquisedeque, e no vosso altar celebrei a minha primeira Missa, no dia do. Rosário, treze anos depois; mas não sozinho: rodeado do meu pai e irmãos, tios e amigos queridos. Apenas uma falta sentia: a da presença visível, física, da minha boa mãe deste mundo. Mas que importa? Estava ali presente em espírito, animando-me no meio de tão sublime acto. Ao entreabrirem-se os céus para descer pela primeira vez às minhas mãos o Filho de Maria, assomaram-se às portas as minhas boas mães, Maria Imaculada, Mãe de Deus, e Micaela, minha mãe da terra. E regozijaram-se com este novo e divino espectáculo. Tinham razão. A elas se devia. Dei-lhes graças e sempre conservei no meu coração tão doce recordação. Benditas mães minhas, Maria e Micaela! Tudo vos devo, depois de Deus».

Ali estavam o pai, os irmãos, familiares, amigos. Os seus grandes amigos. Teve-os muito íntimos, como os tiveram muitos santos. Um deles, já o conhecemos, o jesuíta Padre Martorell que lhe tinha prometido fazer o sermão desse dia. Foi buscá-lo à gruta de Manresa onde estava a fazer o noviciado. Todos falaram da eloquência daquela homilia. Também outros dois grandes amigos: Manuel Domingo y Sol e Juan Bautista Altés.

### **Onde me queres, Senhor?**

Com o curso acabado, após os últimos exames em Tortosa e Barcelona, com o jubiloso ónus do sacerdócio, abria-se diante do novo presbítero um futuro que não hesitou em colocar nas mãos de Deus.

Alguns anos antes, em pleno período de estudos, tinha compreendido claramente como queria exercer o seu sacerdócio e deixou-o escrito e concretizado em alguns belos advérbios que constituem todo um programa de vida:

*ATTENTE*, quer dizer, com aquela vigilância evangélica que pressupõe estar aberto continuamente ao que o Senhor vai pedindo, atento às necessidades do mundo que nos rodeia: às suas chagas, para nos compadecermos delas e as curarmos na medida do possível; às suas alegrias, para as partilhar ou purificar.

*DEVOTE*, com aquela sensibilidade que dá o amor, para ouvir a «sua voz suave» no silêncio, na oração, nos afazeres diários.

*CONFIDENTER*, com a ousadia dos santos que entenderam, a partir da experiência mais profunda, o que é a paternidade de Deus revelada por Jesus Cristo e já não podem deixar de confiar n'Ele incondicionalmente.

*ALACRITER*, com o ardor de quem vive apaixonadamente o mistério de Cristo Jesus e não pode deixar de contagiar os homens com o fogo que Ele quis trazer à terra.

*FERVENTER*, transmitindo a alegria dos que não vivem e meias, mas em contínuo entusiasmo interior, deixando transparecer a paz daquele que caminha ao lado do Senhor; a sua vida será um cântico fervoroso de acção de graças, apesar das dificuldades.

Ao iniciar a vida de sacerdote, o P. Henrique pôs à disposição do seu Bispo que era pôr à disposição de Deus – todo aquele caudal que recebera da graça e que tentara fazer frutificar.

E o primeiro passo foi... esperar. Assim começam muitas vezes as obras de Deus por nosso intermédio. Sem protagonismos, na tarefa oculta de deixar o Senhor agir, sem saber exactamente o que há por trás daquela espera, daquele escondimento ou daquela inutilidade.

Um ano inteiro em Vinebre. Um ano aparentemente perdido, quando se encontrava na plenitude das suas forças, do seu entusiasmo juvenil por uma vida de apóstolo.

Assim foi, para o P. Henrique, o ano de 1868. O seminário fora encenado como consequência da revolução de Setembro e ele era aí professor de Ciências Físicas e Matemáticas desde antes de acabar os estudos. Agora, o edifício fora confiscado à Igreja e as portas, logicamente, fechadas aos alunos.

Sim, um ano em Vinebre.

Serviu-lhe para pensar nas estratégias necessárias para o seu futuro apostolado. Para isso, em primeiro lugar. E em segundo, para se exercitar num dos seus apostolados preferidos: a catequese.

Teve tempo para orar, ler, estudar, celebrar Missa...

Gosto de evocar a figura do Padre Ossó a celebrar a Eucaristia. Creio que, para um sacerdote, é o momento por excelência para comunicar a experiência de Deus. E para não vaguear pelo campo da imaginação, vou servir-me de um dos testemunhos – por sinal, belíssimo – sobre a sua vida sacerdotal. E de um jesuíta que o conheceu bem em vida, o P. Manuel Carceller y Catalán:

«Posso dar testemunho de que o Servo de Deus manifestava o seu ardente amor a Deus, de modo especial, no exercício do ministério sacerdotal... Na celebração da Missa, em que muitas vezes o acolitei, provocava-me admiração e devoção ver a serenidade e perfeição com que dizia as orações e celebrava os ritos, com uma calma, uma elevação de espírito e um ar de santidade próprios de um sacerdote santo... Entre todos os que o conhecíamos e com ele nos relacionávamos, o P. Henrique tinha fama de ser um homem muito “apaixonado por Deus”...».

Imagino – agora sim – que quando iniciou a sua vida sacerdotal em Vinebre, a celebração da Eucaristia devia ser um dos momentos do dia em que mais se manifestava como era: «apaixonado por Deus».

Nesse e noutros momentos do dia, o P. Henrique, na sua oração, sem perder a imensa paz que o caracterizava, devia pensar no seu futuro ministério: «Onde me queres, Senhor?»

Muito em breve lho iria dizendo, na linguagem divina do dia a dia.

## **7. ASSIM FOI O CATEQUISTA E MESTRE**

### **«Deixai as criancinhas...»**

Tudo começou em Vinebre... poderíamos dizer, plagiando uma célebre frase do início da Igreja. Sim, começou em Vinebre quando o próprio Henrique era uma criança que admirava o professor e o pároco da aldeia. Ambos. Um introduzira-o no campo dos conhecimentos humanos e trabalhara na sua educação.

por isso provocara a admiração do pequeno aluno do mestre Freixas, de um modo mais intuitivo que racional. Ao pároco, vira-o aproximar-se dos fiéis naqueles momentos cruciais da vida e da morte – baptismo, viático – e nos contactos do dia-a-dia, e considera-o factor importante para a sua aproximação de Deus.

Por isso, desde pequeno, desejou ser professor.

Mas digo que «tudo começou em Vinebre...» no que se refere a falar directamente às crianças no seu tema predilecto: a catequese. Sabia que uma boa formação religiosa era um meio necessário para aquele seu primeiro desejo: conhecer Jesus para O amar. Depois viria o segundo, aquele que estimularia sempre a sua alma de apóstolo: torná-lo conhecido e amado.

As férias do verão na sua aldeia natal e agora aquele ano «sabático», iniciaram-no, de um modo prático, no campo da pedagogia.

Agora juntava-se à sua antiga e primeira vocação – a de professor – o afã catequético, como uma estratégia de primeira categoria que logo começou a reconhecer como tal.

Um ano a pensar, a amadurecer, a reflectir sobre os métodos mais oportunos para

exercer o apostolado, naqueles momentos que agora lhe cabia viver, deu muito de si. Ao regressar a Tortosa, entrou em contacto com o Bispo Vilamitjana. Tinha que se fazer alguma coisa numa sociedade que, nessa altura, estava a descristianizar-se.

E expôs-lhe os seus planos.

Gostaria que – correspondendo ao título e ao significado deste livro – tentássemos penetrar mais no estado interior do P. Ossó do que nos acontecimentos exteriores da vida do novo apóstolo. Interessa-nos penetrar na capacidade de reflexão do P. Henrique ao tratar-se da acção apostólica. Não creio que se dedicasse à Catequese como sendo um recurso fácil ou simplesmente por «gostar de crianças»; não, a catequese foi o seu primeiro campo de acção por a considerar imprescindível. E considerou-a assim a longo prazo. Não procurou o êxito imediato nem transformar a sociedade criando-lhe falsas expectativas, mas com a eficácia de um desenvolvimento lento e seguro. E que a única maneira de reformar um povo é «doutriná-lo».

Poucos anos depois, os «regeneracionistas» fomentaram a mudança com aquele famoso lema de Joaquín Costa: «dispensa e escola». A dispensa, porque o homem necessita de satisfazer as suas necessidades primárias; a escola, porque se não cultivar, além disso, os valores do espírito, jamais crescerá nem fará crescer o seu país. Aqueles homens de letras, já influenciados pela Instituição Livre do Ensino, sabiam do poder imenso que, na reforma de um povo, tem a escola.

Henrique de Ossó deu conta disso, logo de imediato. Escola e catequese. Formar as crianças para reformar a sociedade. São elas o futuro e mais vale lançar os alicerces do que construir sobre uma base pobre e fraca.

O Bispo viu o céu aberto. Seguramente já pensara nisso, pois não deixou fugir a ocasião e encarregou-o de organizar a catequese de Tortosa. «Nas tuas mãos entrego as crianças, Ossó».

Foi um extraordinário catequista e mestre; provam-no os seus escritos – de que falarei mais adiante te – mas sobretudo o resultado prático daquelas jornadas que começaram a realizar-se em Tortosa a partir de 1869.

E há uma coisa de que sempre gostei e admirei profundamente na actuação do P. Henrique. Nunca começa as suas obras criando uma estrutura. No entanto, é o homem das grandes estratégias organizativas, portanto das boas estruturas. Mas estas são válidas por nascerem da vida.

Tratando-se da catequese, como é o caso, a primeira coisa que faz é dirigir-se aos subúrbios mais carenciados, aos mais marginalizados. E no Bairro dos Pescadores, onde, havia muito tempo, ninguém cultivava devidamente o campo religioso, empenha-se em fazer ouvir a voz do Senhor da maneira mais eloquente: por meio das crianças. E as crianças, como sempre, conquistaram o coração dos mais velhos. Daí o seu lema: «Pelas crianças, aos homens».

Começou pela Catequese porque acreditava nela e porque tinha a certeza de que era necessário começar pela formação.

«O catecismo é a última esperança de reformar o mundo...».

«As crianças e só as crianças podem reformar...».

«Este é o único segredo infalível para alcançar a reforma social: cultivar a inocência».

Como disse, começou por dar vida à obra e só depois de a ter é que a organizou. Caso contrário, ter-lhe-ia fugido das mãos.

Foi a primeira demonstração prática do seu carácter ordenado e da sua capacidade de estratégia. E as crianças multiplicaram-se de tal maneira que foi necessário montar uma série de andaimes, uma estrutura, para aquele edifício que, quase sem se dar conta, começara a erguer-se em Tortosa.

Dois anos depois, quando sentiu necessidade de escrever a famosa obra *Guia práctico do catequista*, dirá ele próprio, admirado por ter conseguido chegar ao que outros chamariam êxito:

«Apesar dos tempos calamitosos que estamos a atravessar, têm assistido à catequese, todos os domingos, cerca de mil crianças».

Tendo em conta que Tortosa, embora grande, era uma povoação que estava então a ser vítima da influência laicista da época e que, de um modo geral, as pessoas andavam bastante afastadas da prática religiosa, penso que seria quase a totalidade das crianças daqueles bairros as que assistiam às catequese de Ossó.

Da experiência, pois, brotou a organização que abrangia as crianças, os catequistas, os padres e a comunidade paroquial.

E só depois da experiência e da estrutura nasceu a necessidade de teorizar, de criar um corpo doutrinal de didáctica e pedagogia catequéticas. Finalidade, objectivos, métodos. Tudo estava perfeitamente estudado e os catequistas sabiam como proceder, tendo nas mãos esse instrumento catequético que foi, durante muitos anos, o melhor da bibliografia catequética. Era-o, certamente, por ter nascido da vida e da experiência de um homem que acreditava na catequese.

Não é de admirar que o Bispo Vilamitjana tivesse dito aquela frase que a Madre Francisca Plá, uma das primeiras Irmãs da Companhia de Santa Teresa, ouviu repetir muitas vezes ao Padre Agustín Pauli: «Se tivesse dois ou três Ossós, salvaria a diocese».

### **Exercer o magistério a partir do sacerdócio...**

O sonho de ser professor também se realizou, por ordem do Bispo, num campo que nunca poderia ter imaginado: a docência de Física e Matemáticas no seminário, aos futuros sacerdotes.

Começou como assistente do Professor catedrático quando ainda estudante. Agora é-lhe confiada a cadeira e ele assume-a com o mesmo entusiasmo e sentido de responsabilidade com que assumirá todas as coisas.

Dia a dia, com a constância e empenhamento que deve caracterizar todos os professores, passa algumas horas a preparar as aulas e outras a dá-las. Dez anos consagrou a este trabalho, tendo sido libertado pelo seu Bispo, em 1878, a pedido do próprio P. Henrique, que viu multiplicarem-se as tarefas sacerdotais e que deixou de poder dedicar-se-lhe com a responsabilidade que requer o exercício da docência.

Como os seminaristas daqueles anos não podiam continuar em regime de internato e viviam os anos de formação sacerdotal em situações bastante conflituosas, Ossó deve ter sido para aqueles adolescentes um modelo acabado de sacerdote.

Assim o recorda, muitos anos depois, ao ser chamado como testemunha, um sacerdote que foi seu aluno no seminário:

«Considerarei-o sempre um homem cheio de fortaleza, que não se atemorizava com nenhuma dificuldade e suportava de ânimo sereno todas as

contrariedades...».

Desta época em que integrou o colégio dos professores do seminário, o P. Henrique conservará sempre uma recordação e até um estímulo para a formação dos sacerdotes. Não é de estranhar que, mais tarde, ajudasse aquele outro sacerdote catalão chamado por Deus à missão de reformar os seminários e a formação sacerdotal, P. Manuel Domingo y Sol. E que nas Teresianas por ele fundadas, inculcasse o desejo de ajudar os futuros sacerdotes, em especial pela oração.

### **Não serei professor, mas multiplicarei o magistério**

Assim se poderia resumir ou sintetizar o que parece significar a missão do P. Henrique: lançar alicerces no campo do magistério.

Retomaremos agora a sua história, embora o propósito de penetrar na sua alma me leve a interromper continuamente a ordem cronológica.

A organização das catequeses em Tortosa pô-lo em contacto com uma infinidade de crianças. Esta pastoral levou-o também a uma constatação que já previa: a sociedade vai melhorando se as crianças melhorarem.

Contam-se histórias deliciosas daquele período. Que as mães, ao verem as suas pequenas irem atrás do P. Henrique cantando pelas ruas cânticos religiosos, com as suas «mantilhas» – era costume usá-las para ir à igreja – se comoviam. Naquelas ruas, até então, ouvia-se outra espécie de gritos. A função que hoje têm as manifestações, tinham-na então os ajuntamentos de rua. Agora, as mães viam as procissões que aquele padre organizava com os garotos do bairro e nem conseguiam acreditar: «Olhem, diziam umas às outras, são tão pequenas que parece que as mantilhas vão a andar sozinhas pelas ruas».

Dizia-se também que era capaz de promover campanhas só com as crianças e sem muito barulho. Foi o caso da ordem dada aos guardas-nocturnos, a partir de 1870, pela Câmara Municipal de Tortosa, obrigando-os a gritar, enquanto iam pelas ruas, de bengala e lanterna de gás: «Onze horas, tudo calmo; viva a Soberania nacional». O facto não teria importância de maior se não se tratasse de cortar pela raiz certos costumes simbólicos do povo simples: até então, os guardas-nocturnos costumavam anunciar as horas louvando a Virgem: «Onze horas, tudo calmo; Ave Maria Puríssima». Eram tradições sãs e simples que nascem do povo e perduram no povo até que alguém, com outra intenção não tão simples, lhas arranque. Mas com as crianças podem fazer-se certas campanhas que com os adultos não seriam possíveis.

Não sabemos exactamente como foi, se a organizou o P. Henrique ou se a tramaram as crianças. O facto é que se conta que um grupo de garotos se encarregava de gritar, atrás do guarda-nocturno, a antiga exclamação mariana, todas as vezes que ele cumpria a ordem da Câmara acerca da Soberania Nacional. O povo comentou-o muito e disse logo: «Coisas do P. Henrique e das crianças».

Por outro lado, o P. Henrique depressa deu conta de que a catequese corria muito bem, mas que muitas daquelas crianças não iam à escola, ou então frequentavam umas escolas onde a formação humana e religiosa estava votada ao esquecimento.

Voltemos, pois, à Instituição Livre do Ensino. Giner de los Rios foi o seu fundador, em 1876. O P. Henrique viu o valor objectivo daquela instituição no campo educativo. Os métodos, a pedagogia, a qualidade do ensino, eram muito superiores aos de qualquer

outro tipo de escola.

Mas uma coisa preocupou desde o princípio o sacerdote-professor: essa Instituição defendia a «escola laica». Dizia-se que não era ateia, mas a-confessional. Evidentemente, a conclusão que o P. Henrique tirou foi: «uma escola sem Deus, converte-se, a longo prazo, numa escola contra Deus»; tem de se formar a criança com princípios religiosos, se lhe quisermos dar uma educação integral.

Nem Machado, nem Juan Ramón Jiménez, nem nenhum dos grandes literatos formados à sombra da Instituição Livre do Ensino, podiam suspeitar de que aquela obra de cultura laica ia ser a centelha que motivaria a fundação de uma Congregação religiosa dedicada ao ensino com uma característica específica: a qualidade. Eu explico. Muitas vezes, no campo da pastoral, caímos no erro de fazer obras de boa vontade, mas de pouca exigência humana e técnica. Sobretudo naquela época. O P. Henrique viu o que a Instituição tinha de bom e não o negou. Também *foi* realista ao reconhecer a pouca qualidade do ensino em muitos centros públicos e privados. E a primeira coisa em que pensou foi na qualidade: no ensino, na formação, na educação. As crianças mereciam tudo, do bom e do melhor.

E foi pensando nas crianças que enchiam as ruas de Tortosa ao dirigirem-se em procissão para Mig Camí, que pensou em alargar a obra do ensino religioso, findando algo que elevasse o nível educativo e formativo, sem diminuir o grau de sabedoria humana. «Mulheres que se formem bem em letras, mulheres que estudem, obtenham títulos académicos, estejam à altura de... da Instituição, numa palavra. São as professoras com que sonho».

Das catequeses ao magistério, do magistério à Instituição, da Instituição à Companhia de Santa Teresa, empenhada em educar «formando Cristo Jesus nas mentes e nos corações das crianças». Vê-lo-emos depois. Basta por agora que compreendamos esta grande verdade: foram as crianças e a qualidade de um ensino secularizado, mas de alto nível, que induziu o sacerdote-professor a prolongar a sua missão educativa pelo tempo fora.

### «Mártires do estudo»

E curiosa a expressão utilizada pelo P. Henrique, mais tarde, para definir as suas filhas da Companhia de Santa Teresa e que quero agora evidenciar como símbolo da atitude que acabo de realçar na secção anterior.

Para Ossó, o cumprimento do dever foi sempre a maior das penitências. Fazer as coisas «com todo o empenhamento» e não a meias, era o pressuposto necessário para elas terem a força do trabalho bem feito. Por isso fugiu sempre da perda de tempo. O ditado «o tempo é ouro», tantas vezes utilizado por muitos empresários para significar que com o trabalho se ganha dinheiro e que é este que lhe dá valor, assume no P. Henrique, e aplicado sobretudo ao estudo, uma nova tonalidade. E neste sentido que diz:

«vale mais que o ouro, vale tanto como Deus, porque em cada instante podemos ganhar ou perder Deus».

De tal modo inculca o amor ao trabalho que recorre a uma curiosa reflexão incluída no Directório das Teresianas:

«O que havíeis de fazer em oitenta anos, fizeti-o em vinte, para irdes quanto antes descansar no céu, dando lugar a outras Irmãs que continuem a vossa obra com o mesmo ou talvez maior zelo do que vós; assim vos multiplicareis e mul-

tiplicareis a glória de Deus e os interesses de Jesus».

É claro que não se trata de dispor à vontade do nosso tempo, mas de o empregar tão bem que nos convertamos em verdadeiras «mártires do estudo», sem olhar ao cansaço e assumindo este como a melhor mortificação. É precisamente neste sentido que se entende a palavra «martírio». Não é preciso andar à procura de outro tipo de mortificações:

«As austeridades e penitências exteriores nunca devem ser prescritas pela regra, nem ser imoderadas e imprudentes, porque prejudicam e impedem bens maiores, isto é, o conveniente exercício do apostolado do ensino, que é o fim principal da Companhia».

Sim, foi para isso que a fundou e para isso educou pessoalmente as Irmãs. O professor nato, o homem que desde pequeno quis dedicar-se ao magistério, sabia que, para formar bons professores para ensinarem em boas escolas, era necessário o estudo, o estudo até ao martírio do dever bem cumprido. Os resultados não se faziam esperar.

## **8. ASSIM FOI O FUNDADOR TERESIANO**

### **«Mulheres à maneira de Teresa de Jesus»**

Chegou o momento de revelar a principal característica do P. Henrique de Ossó, o carisma do nosso santo, aquele dom que Deus concedeu ao seu espírito para fazer bem à Igreja: o teresianismo.

Com a expressão – não se pode negar que foi homem de slogans – «mulheres à maneira de Teresa de Jesus», procurou reformar a sociedade, propondo um modelo de mulher que correspondesse às características que descobriu naquela mulher do séc. XVI que foi Teresa de Jesus, e que considerava perfeitamente válidas para o séc. XIX.

E como as descobriu já nós sabemos. Recordemos que foi a tia Mariana que o induziu a ler as suas Obras, tendo-se ele, seguidamente, deixado impregnar da sua espiritualidade. Primeiro transpô-la para o campo da sua oração pessoal. Mas depois, quando o sacerdócio o pôs em contacto com a pastoral, quis utilizar essa espiritualidade como meio eficaz para levar a cabo a reforma da sociedade descristianizada da sua época. Descobriu uma série de valores eternos naquela contemplativa do séc. XVI. E soube difundir a eficácia desses valores por todo o mundo secularizado do séc. XIX. Em primeiro lugar, entre as jovens em plena actividade secular e, depois, na actividade apostólica da vida religiosa, nunca adversária da contemplação.

Parece-me que o testemunho que dele deu a Madre Saturnina Jassá, uma das fundadoras que mais intimamente conheceu e contactou com o P. Henrique, resume perfeitamente o que o teresianismo significava para Santo Henrique de Ossó.

«Sei, por o ter ouvido às tias do Servo de Deus, Maria e Mariana, que desde adolescente gostava muito de ler as obras da Santa que a sua tia Maria lhe oferecera – nunca acaba de se esclarecer se foi a tia Maria ou a tia Mariana – e que se impregnou tanto do espírito da Santa que aos treze anos de idade, nas cartas que escreveu, intercalou muitas máximas dela.

Toda a vida do Servo de Deus foi um contínuo trabalhar por propagar o amor e a devoção à Santa com uma dupla finalidade:

- 1) combater o indiferentismo daqueles tempos revolucionários;
- 2) reavivar a fé por meio da oração e da imitação das coisas santas».

Fala depois de todas as fundações de carácter teresiano, de que tratarei a seguir, e conclui, dizendo:

«Na minha opinião, como aliás é também a do povo, o Servo de Deus é o grande apóstolo teresiano do século XIX».

É, com toda a certeza, uma definição adequada. Mas eu queria realçar o que essa devoção tem de original. É verdade que, devido às características pastorais da época, está ligada a uma série de práticas de piedade que hoje não ajudam muito; mas o essencial não passa por aí. Julgo que interessa muito mais captar a transcendência desse teresianismo nas suas obras. Conseguiu penetrar numa forte espiritualidade cristocêntrica, numa experiência de Deus muito forte, pela contemplação e pelo recolhimento interior, e foi capaz de captar certos valores profundos, tanto humanos como religiosos. Soube, por fim, enriquecer a Igreja com essa espiritualidade através de várias fundações, especialmente em tomo da mulher. Daí a força e o valor da sua expressão: «mulheres à maneira de Teresa de Jesus».

Que viu em Teresa de Jesus que o impeliu a valorizar a mulher e a fazer dela instrumento da reforma do mundo?

Vêmo-lo principalmente no texto fundador da primeira obra teresiana: a Arquiconfraria de Maria Imaculada e de Teresa de Jesus, a que aludiremos de seguida. Vejamos o texto e a sua dimensão de teresianismo:

«Em todos os tempos, a providência de Deus associou a mulher aos grandes acontecimentos da humanidade. Ela foi, com Adão, o princípio e a origem de todos os males e foi, com Jesus Cristo, a cooperadora, a iniciadora de todos os bens. Pela mulher entrou no mundo o pecado... e pela mulher veio igualmente a graça ao mundo...» (Palavras dirigidas ao Bispo de Tortosa, ao expor-lhe o fim da Arquiconfraria).

«Uma mulher hebraica (Débora), noutros tempos, provocou a confusão nas hostes do rei Nabucodonosor; e mais tarde, outra mulher provocou confusão nas do demónio. Já sabeis que esta mulher corajosa é a ímpar Virgem Maria, Mãe de Deus e vencedora do inferno.

Mas em tempos posteriores, o Senhor operou a grande cura do povo católico por meio de uma filha de Maria, porque suscitou, como nova Débora, a Virgem Teresa de Jesus...».

«...Alguma vez se viu o mundo resistir à acção simpática, à influência entusiástica da mulher? Coração da família, rainha do lar, doce encanto da sociedade e glória da religião, a mulher católica possui a virtude da interiorização, uma virtude sem limites e irresistível, O mundo foi sempre o que dele fizeram as mulheres...» (Das palavras do «chamamento» às jovens de Tortosa).

Num mundo em que a mulher era pouco valorizada, há-de ter-se em conta, de um modo especial, esta opinião do P. Henrique. Nenhuma relação tem, porém, com o actual feminismo. Pelo contrário, descobriu a força irresistível da mulher, contemplando os dois grandes modelos que foram Maria, a Mãe de Deus, e Teresa de Jesus, a monja carmelita do séc.

## XVI.

Foram sobretudo as virtudes teresianas que atraíram o P. Henrique e o motivaram a começar uma obra que, depois, foi singrando por caminhos dos quais, inicialmente, nem ele próprio suspeitava a existência.

A primeira obra de carácter teresiano foi a Revista *Santa Teresa de Jesus*, fundada em 1872. Falarei dela quando me referir ao escritor e publicista. No entanto, é bom saber que, ao fundar a primeira das suas grandes Associações – a Arquiconfraria Teresiana – já dispunha de um instrumento capaz para propagar o teresianismo. Vejamos como começou.

### **Monjas, não; mas cristãs de primeira classe, sim**

No verão de 1873, como noutras ocasiões, foi fazer Exercícios Espirituais no Deserto de las Palmas e usufruir de um merecido descanso em casa dos tios de Benicasim Mas o descanso do P. Henrique foi sempre relativo. Ali, no retiro, iam-se forjando as suas obras futuras. E por aquela época já lhe andava a passar pela cabeça, há alguns meses, uma «obra para maior glória de Deus», segundo anunciou, um pouco enigmaticamente, em vários números da Revista *Santa Teresa de Jesus*, recomendando aos leitores que pedissem por essa intenção.

Agora era preciso concretizar a realização dos seus desejos: fundar uma associação de jovens que vivessem mais intimamente tinidas a Jesus Cristo, para O conhecerem e amarem e para depois O tomarem conhecido e amado. Conhecia já um bom número delas que estavam interessadas em viver um cristianismo mais autêntico. Mas caminhavam «sozinhas». Não se atingira ainda o auge do que depois foram os «movimentos apostólicos», a partir do Vaticano II, em que se filiaram tantos leigos, comprometendo-se na vida da Igreja.

Com certeza já falara com o Bispo sobre o assunto, mas agora queria expor mais pormenorizadamente os objectivos dessa Associação numa carta redigida cuidadosamente naquela paz de Benicasim. As suas palavras não são de desprezar. Vejamos alguns parágrafos que nos interessam mais do ponto de vista do seu teresianismo e concepção do apostolado laical:

«...a nossa associação é de jovens que vivem no mundo.

E não encontramos meio mais adequado para alcançar este fim (reformular a sociedade) do que procurar que, com Maria Imaculada, seja conhecida Teresa de Jesus, o seu espírito, a sua vida e os seus escritos. Que tenha fiéis admiradoras e amantes imitadoras no mundo como as tem no claustro...

Não é nada de novo o que propomos. Queremos, em primeiro lugar, que pelos meios que indicamos, se tome verdade nas jovens o que solenemente prometeram a Deus e à Igreja ao receberem o santo baptismo...

Queremos que, sendo membros vivos da Igreja, enxertadas em Cristo como o sarmento na vide, o bom Jesus infunda, contínua e eficazmente, a virtude e a graça nos corações das jovens cristãs: que vivam em Cristo, unidas a Ele em caridade, vivam a sua vida, numa palavra, o conheçam e amem e o tomem conhecido e amado... queremos despertar, avivar, aperfeiçoar no coração da juventude católica feminina, uma certa sensibilidade delicada e santa simpatia por Jesus, pelos seus interesses sagrados, pela sua glória e salvação das almas...»

Imagino que o Bispo deve ter ficado encantado com aquele programa que especificava muito mais o fim e os meios da Associação.

A 27 de Agosto de 1873 chegava a aprovação canónica assinada pelo Bispo Benito Vilamitjana. Considerava-a «admiravelmente oportuna».

O P. Henrique podia trabalhar com satisfação. Tinha a aprovação do Bispo, portanto a confirmação de que era vontade de Deus.

Começou por idealizar um acto simples e, ao mesmo tempo, popular: reunir as jovens que o desejassem na Igreja de Santo António. Providencialmente, a data da convocatória coincidiu com aquela em que o Bispo assinou a aprovação – 27 de Agosto, dia da Transverberação de Santa Teresa.

Aí se concentraram umas trezentas jovens que ouviram um dos sermões mais fervorosos da sua vida. Naquele dia, o P. Ossó tinha qualquer coisa que o fazia clamar como um autêntico profeta.

No actual MTA, Movimento Teresiano de Apostolado, herdeiro do espírito da Arquiconfraria, este documento é considerado como a Carta Magna, o «Chamamento» que contém todo o espírito da obra. Vejamos também alguns parágrafos:

«O objectivo da minha Associação é o mesmo que a Igreja nos propõe ao admitir-nos no seu seio: renunciar a Satanás, às suas obras e pompas, para dar lugar ao Espírito Santo: tirar as almas a Lúcifer, para que nelas viva e reine Cristo Jesus.

Não se trata de serdes monjas, nem sequer de vos sobrecarregar com novas obrigações ou de vos impor duros sacrifícios; trata-se apenas de serdes cristãs deveras, e de vos proporcionar os meios para tal... Haverá alguma que não responda ao chamamento?».

Passa depois em revista os diversos estados sociais e tarefas a que uma jovem de então podia dedicar-se e assegura-lhes que para todas e cada uma havia lugar na Associação:

«... cada uma de vós se sentirá como na sua própria casa... Sois nobres?... Sois trabalhadoras?... Sois camponesas?»

Os ânimos daquelas trezentas jovens ir-se-iam inflamando à medida que o P. Henrique avançava nas suas reflexões: um mundo descristianizado, uma Europa que fora, outrora, mãe da fé e que hoje via apagar-se esse facho da fé e do amor. Só «algumas brasas do fogo divino continuavam escondidas debaixo da cinza», à espera de que alguma mão voltasse a atizar o fogo. Seguidamente, passou a «chamar» de novo as jovens:

«Onde está essa mão? E esse sopro? Quem atizará as brasas prestes a apagar-se até que delas irrompam chispas que percorram a terra e ateiem chamas que cheguem ao céu? Vós, irmãs associadas sob o glorioso e eficaz padroado de Maria e de Teresa: a imitação das virtudes de ambas e os escritos da segunda, são os meios que hão-de operar tamanha maravilha».

E tanta a esperança que Henrique de Ossó deposita naquelas jovens, que as chama a salvar a sociedade, dizendo-lhes com o profetismo que caracteriza o «Chamamento»:

«Vós é que deveis decidir se a família e o indivíduo, por conseguinte a sociedade inteira, hão-de ser de Jesus Cristo...».

Fala depois de um «castelito de bons cristãos» onde as associadas se hão-de fortalecer para lutar com as armas da oração, da leitura de Santa Teresa e do apostolado no próprio

meio. Serão esses os meios. Daí o famoso compromisso de «O Quarto de Hora de Oração» diária.

«Por isso chamamos a atenção para o quarto de hora de oração diária, pois é o único meio eficaz que, com segurança, as pode guiar para o céu...». Depois daquele chamamento, começou a agir. Foram-se filiando, pouco a pouco, jovens decididas e entusiasmadas. Compôs para elas um Regulamento, foi-as acompanhando pessoalmente, entusiasmou-as, deu-lhes bons conselheiros nas paróquias quando o seu número começou a aumentar e ele deixou de poder atender todas e cada uma. E... chegaram a ser multidão. Um ano depois eram 700.

Depressa surgiram questões jurídicas, como a elevação à categoria de Arquiconfraria – até então era Associação – pelo Papa Pio IX em Dezembro de 1875, a aprovação e o elogio de muitos Bispos, etc...

La crescendo de uma maneira extraordinária. Chegou a contar 13.000 associadas. E ainda hoje, em numerosas paróquias da Catalunha, de parte de Aragão e na região valenciana, há um altar dedicado a Santa Teresa ou à Puríssima Virgem, que se atribui à Arquiconfraria Teresiana.

Um movimento religioso inaudito em tomo da mulher. O espírito de Teresa de Jesus que adejava por sobre aquelas jovens que liam as suas obras, oravam diariamente, escutavam o P. Henrique e exerciam, mesmo sem o saberem, uma influência impressionante à sua volta.

### **Também as mais pequenas têm exigências**

Conta-se que um dia um grupito de meninas foi ter com o P. Henrique, dizendo-lhe que também queriam pertencer à Arquiconfraria, que também queriam, pelo menos, aprender a fazer oração com as mais velhas... O P. Henrique, que escrevera já *O Quarto de Hora de Oração* e um livro para crianças, *Viva Jesus*, viu-lhes o livrito nas mãos. Perguntou--lhes se já tinham feito a primeira comunhão. Responderam que não, mas que, também para elas, Jesus era o Bom Pastor e queriam segui-l'O...

- Portanto, o que vós quereis é ser um rebanhozito de Jesus, não é verdade? – Sim, sim – disseram elas.

E deste modo, em plena rua de Tortosa, sem mais burocracias do que uma conversa com crianças e um desejo inspirado por Deus, nasceu a associação conhecida por um nome muito da época e que congregou centenas de crianças: «Os Rebanhitos do Menino Jesus». Estava-se no ano de 1876.

Depois, como acontecera com a Arquiconfraria, surgiu o Regulamento, a estrutura, e começou a propagar-se com um sentido de apostolado laical que ainda hoje nos deixa admirados: «círculos» – que hoje chamaríamos equipas – «pastoras» – jovens que os dirigiam como actualmente os monitores – e compromissos adaptados a essa idade. Milhares de crianças, ao longo dos anos, viveram a espiritualidade que é hoje a dos «Amigos de Jesus» e que pode concretizar-se no famoso slogan: «ser outro Jesus na terra».

### **Se pudesse chegar a todos: homens, leigos, sacerdotes, famílias...**

Continuando a falar do seu carisma de fundador, temos de prosseguir agora com os homens, que também soube congregar na «Irmandade Josefina», entusiasmando-os, não

só com as práticas de piedade próprias do seu tempo, mas com compromissos de leigos que devem cristianizar o mundo a partir do próprio trabalho e lugar na sociedade. Foi também no ano de 1876, tão fecundo.

Passaram alguns anos e o P. Henrique ainda não se dava por satisfeito. Duas novas fundações ficaram-se simplesmente pelo desejo, embora uma delas chegasse a ver a luz do dia.

A primeira, foi um ideal que acalentou toda a vida e que não pôde ver concretizado: a dos «Missionários de Santa Teresa». Ao regressar de uma das suas peregrinações teresianas, escreveu em Montserrat, em 1877, um pequeno opúsculo onde traçou as linhas gerais do que considerava ser uma obra necessária como «complemento da Arquiconfraria, do Rebanhito e da Companhia de Santa Teresa» – que por aquela altura já estava fundada. Mas a sua redacção definitiva data de 1882. Foi, como disse, um desejo que não chegou a poder realizar. Talvez estivesse guardado para este final do séc. XX e para o México, dar continuidade àquela obra que não chegou a nascer durante a vida do Fundador, O P. Rogel, seguindo as pegadas de Ossó, iniciou essa fundação que hoje conta com a aprovação diocesana e com um grupo de jovens que se formam nas suas fileiras.

A outra obra era ainda mais ambiciosa.

Foi em 1882, ano do III Centenário da morte de Santa Teresa, que pensou nela. Trata-se da «Irmandade Teresiana Universal», como que uma confederação de todas as demais obras teresianas, para «unir em si todos os corações, todos os membros da família teresiana que vivessem a mesma vida e desejassem o mesmo fim».

Empreendimento ambicioso, sem dúvida, mas que teria sido como que o culminar dos seus desejos: pertencer-lhe-iam todos os homens, mulheres e crianças que, unidos pelo mesmo espírito, o de Cristo, e pela mesma espiritualidade, a de Teresa de Jesus, ajudassem a tomar realidade essa verdadeira obsessão do nosso santo: a reforma da sociedade através do conhecimento e do amor de Cristo.

### **Uma Companhia, de preferência: será que Deus o quer?**

Na vida de Henrique de Ossó, como na de todos os santos, há urna pergunta-chave que caracteriza a sua actuação e que é, portanto, o eixo central das suas numerosas fundações. A pergunta é a seguinte: será que Deus o quer? Pergunta primeiro e age depois, se os acontecimentos e a graça lhe mostrarem, de alguma maneira, que sim, que Deus o quer.

Foi esta a pergunta que fez naquela madrugada do Domingo da Paixão, de que já falámos, e em que, durante uma insónia, pensou em tantas crianças que precisavam de ir à escola...

Outras razões, porém, impediam o nosso P. Ossó de dormir, naquela noite de 2 de Abril. Aquele ano de 1876, em que se situa a chamada «Inspiração» de 2 de Abril, foi um dos mais fecundos da sua vida. A Arquiconfraria contava com três anos de caminhada, e com quatro a Revista *Santa Teresa de Jesus*. Peregrinações maciças tinham tornado o seu nome famoso em toda a Catalunha. As Catequeses, juntamente com a Arquiconfraria, tinham transformado a configuração pastoral de toda aquela região. O P. Henrique dava conta do que as pessoas chamam «êxitos», mas com a humildade que caracteriza as obras de Deus, dava graças e... prosseguia confiante, sabendo que tudo estava nas suas mãos e que só Ele podia tornar fecundos os seus esforços. A verdade é

que, sem o pretender, tinha-se introduzido em toda a pastoral da diocese de Tortosa e das dioceses vizinhas.

Como é normal, havia um grupito de jovens «teresianas» – assim chamavam às da Arquiconfraria – que se tinham comprometido mais que as outras. E a selecção própria da vida. O P. Henrique tinha com elas longas conversas e projectava acções. E dessa maneira, a sua antiga vocação de professor reflectia-se agora naquele grupo de jovens empenhadas em dedicar-se ao ensino. Naquele tempo não havia Escolas Superiores de Formação de Professores nem nada que se parecesse. Se alguém tivesse adquirido os conhecimentos necessários para ensinar as quatro operações, já podia exercer o magistério. Com razão era tão menosprezada a profissão e com razão o Sr. Jaime nem sequer quis ouvir falar em tal para o seu filho!

Mas às nossas jovens teresianas meteu-se-lhes na cabeça que queriam formar-se para ser professoras do povo. Passou então por ali uma boa senhora, Dona Magdalena Mallol, que vivia em Tarragona, dirigia umas quantas escolas primárias e... oferece-se para mandar estudar aquelas jovens e prepará-las para leccionarem nas suas próprias escolas. Não sabemos se a movia o altruísmo ou o desejo de levar por diante o seu trabalho. A verdade é que as jovens teresianas se dispuseram a partir, animadas pela promessa de Dona Magdalena de lhes comprar livros, dar aulas, horas de estudo e estágios com as crianças. Que mais queriam!

Mas, «do dizer ao fazer...» E realmente assim foi. Bem depressa começou a mandá-las para as escolas, e os «estágios» converteram-se em substituições e as substituições quase em direcção, como aconteceu a Dolores Llorach, que foi enviada logo a seguir para La Canonja, para tomar conta de uma escola, O mesmo fez a outras jovens de Calaceite, Tortosa, Roquetas. E choviam jovens. Não sabemos donde lhes vinha, áquelas moças da Arquiconfraria, o desejo de exercer o magistério. Certamente por contágio... E Dona Magdalena não contara com tantas...

Começou a alastrar o desalento. Aquilo de «as formar para serem professoras» acabara por se transformar num fazer delas professoras sem grande formação. Sentiam-se inseguras e, sobretudo, frustradas.

Foram ter com o P. Henrique e contaram-lhe o que se passava. Quando ouviu dos lábios de Dolores Llorach, especialmente, no que degenerara aquela grande expectativa das jovens, e sentindo-se um pouco culpado de «as ter metido naquela embrulhada», começou a entregar tudo a Deus., e já não deixou de pensar nelas momento algum.

Para cúmulo, naquele 1 de Abril, sábado, tinha reunido centenas de crianças de Tortosa e de toda a região. Tinha ido com elas a Mig Camí. Os cânticos e a alegria dos pequenos, as suas orações infantis, os seus desejos de ser atendidos, tinha-os impressos nas pupilas quando, nessa noite, fechou os olhos.

Contra o costume, começou a dar voltas na cama. «Que se passa comigo, que não consigo dormir?» Duas coisas lhe vinham constantemente à memória: as crianças, tão necessitadas de escolas confessionais, e aquelas teresianas cheias de vontade e unidas numa dolorosa desilusão. Que fazer?

Foi então que começou a penetrar-lhe no coração aquela pergunta: «Querá Deus que funde alguma obra para dar continuidade à tarefa educativa? Religiosas de ensino? Leigas comprometidas? Não, têm que ser religiosas, embora não o pareçam exteriormente, para melhor se poderem introduzir na sociedade descristianizada e educar... Como formá-las? Não será necessário ter em conta as mentes e os corações...? E subjacente a tudo isso, o espírito de Teresa de Jesus. Talvez a intervenção de Dona

Magdalena fosse providencial. Será que Deus o quer? Será que Jesus o quer? Será que Teresa de Jesus o quer?...»

No relógio da igreja vizinha deram as três. «E de madrugada e a dar voltas ao assunto não consigo dormir. Melhor será levantar-me, rezar e... escrever esta forte moção que não me deixa sossegar... Melhor será que ordene todo este projecto que tenho em mente sem o poder expulsar. Se for de Deus, nada há a temer, irá para a frente».

E levantou-se. Pegou na caneta e no papel e começou a escrever com letra firme:

«Viva Jesus e a sua Teresa! Tortosa, Domingo da Paixão, 2 de Abril de 1876/Companhia das Filhas de Santa Teresa de Jesus/Companhia de Santa Teresa de Jesus.

FIM: Reforma do mundo, em especial de Espanha, pela educação da mulher segundo o espírito de Santa Teresa de Jesus...»

Seguem-se depois os meios e as condições de admissão, com uma série de pormenores que nos deixam admirados por se tratar de uma primeira inspiração.

Realmente, a inspiração devia ter irrompido na sua alma com uma grande força e com uma tal lucidez que não podia provir dele, mas de Deus que o chamava a esta tarefa. Porque nos apontamentos que escreveu sobre a origem da Companhia encontra-se uma página que precede as Constituições de 1882, onde se descreve o que aconteceu naquela noite e o que, desde o primeiro momento, quis para a Companhia de Santa Teresa:

«Pensando no que poderia fazer com estas boas e animosas jovens (as da Arquiconfraria que estavam com Dona Magdalena Mallol que, a uma simples indicação – embora talvez para sua conveniência, com o desejo de obter o título de professoras – tinham deixado a casa e os pais, na noite memorável de 2 de Abril... que naquele ano era Domingo de Paixão, estando preocupado com este pensamento, coisa que raras vezes me aconteceu, já que o sono costuma ser contínuo, despertei pelas três da madrugada, tanto quanto me recordo. E, enquanto pensava, ocorreu-me: ou Congregação ou Associação com o nome de Companhia de Santa Teresa de Jesus, Filhas da Companhia de Santa Teresa de Jesus, à qual dedicara a Revista havia quatro anos e três que fundara a Arquiconfraria Teresiana.

Tanta impressão causou em mim este pensamento, que me obrigou a levantar da cama e, pegando na caneta, escrevi os seguintes esboços que contêm perfeitamente o plano da Companhia de Santa Teresa de Jesus tal como o temos vindo a desenvolver nos cinco anos da existência que tem esta obra de zelo».

Os passos que se seguiram foram os próprios de um homem prudente e desejoso de cumprir em tudo a vontade de Deus. Não se empenhou naquilo que entendia, mas submeteu-o à obediência para se certificar, de alguma maneira, de que era coisa de Deus. Escreveu o plano ao seu confessor, P. Jacinto Peñarroya, e esperou pacientemente... O P. Jacinto falou com o Bispo e ambos o acharam conveniente e o aprovaram.

O P. Henrique, com esta nova confirmação da vontade de Deus, avançou com a mais importante das suas fundações: uma nova congregação religiosa dedicada ao ensino, e sempre com o mesmo espírito que o moveu em todas as suas acções: o espírito de Santa Teresa de Jesus, a Santa que há muitos anos lhe roubara o coração.

Dolores Llorach foi a primeira. Seguiram-se outras amigas da Arquiconfraria, Teresa

Plá e Teresa Blanch e outras e outras... Até que o P. Henrique viu chegada a hora de as reunir e de lhes expor «oficialmente» os seus planos. Foi em Tarragona, numa casita da rua da Baja del Patriarca. Ali fizeram os Exercícios Espirituais que ele dirigiu e foram penetrando na ideia que o fundador da Arquiconfraria tinha para elas:

«... filhas, em toda a formação deve haver sempre uma companhia que, de preferência, vá adiante, a zelar pelos interesses de Jesus...».

Todas se mostraram de acordo. E no dia 23 de Junho de 1876, festa do Sagrado Coração de Jesus, ali mesmo, em Tarragona, nasceu a Companhia de Santa Teresa de Jesus.

Cresceu rapidamente. Começos cheios de dificuldades, como os de todas as obras humano-divinas. Umhas tantas não se mostraram à altura do que lhes era proposto e foram-se embora. As outras seguiram em frente e começaram a dar-se a conhecer em Tarragona. São oito as que, por tradição, se consideram «fundadoras» e que, dois anos depois, fizeram a sua profissão na Companhia: Teresa Pia, Teresa Guillamón, Dolores Llorach, Maria Cinta Talarn, Teresa Blanch, Agustina Alcoverro, Saturnina Jassá e Josefa Teresa Audi.

O P. Henrique, empenhado em muitas coisas em Tortosa entre as quais a docência de Matemáticas e Física no seminário – não podia deixar a sua diocese, mas ia todas as semanas a Tarragona para seguir de perto o crescimento das novas filhas.

E assim foram os começos de uma Congregação religiosa já mais que centenária e espalhada hoje por três continentes. Com a Companhia de Santa Teresa de Jesus, o Fundador deu início à obra mais querida da sua missão apostólica e também à que mais o fazia alegrar-se e sofrer... Muito em breve, e mais do que ele pensava.

## 9. ASSIM FOI O ESCRITOR CATÓLICO

### **Os escritos permanecem**

Considerar Henrique de Ossó como literato não seria exacto. Nem o foi nem o pretendeu ser. Mas sim escritor e publicista. A lista das suas publicações é muito extensa.

Os seus escritos não foram mais que um veículo do seu apostolado e uma forma de difundir muitas das suas obras. Por isso temos de o considerar apenas desde esse ponto de vista. A qualidade das suas páginas é, geralmente, escassa. Não só por a maneira de se exprimir e de pensar chocarem com as do mundo de hoje, mas porque não cuidava demasiadamente do estilo, preocupado como estava em transmitir aquilo que vivia e desejava comunicar.

Como a sua Santa preferida, escrevia a correr. Muitas vezes fazia-o nas viagens, nos tempos de espera, em momentos que separavam uma actividade de outra. Costumava andar com um lápis e algum caderno para ir tomando notas ou para escrever o que lhe vinha ao pensamento naquele momento.

Desta maneira, a sua produção é imensa, O trabalho de recompilação das suas obras foi muito penoso. Formam três grossos volumes, que não abarcam, nem por sombras, tudo o que escreveu. Ficaram de fora a maior parte dos artigos da Revista teresiana e as numerosíssimas cartas.

Fazer um estudo de todas as suas obras e catalogá-las vai além do propósito desta biografia. Limitar-me-ei, pois, a penetrar na pessoa do «escritor», nas suas motivações,

no seu modo de proceder e ser.

Em primeiro lugar, deparamo-nos com o autor que se viu obrigado a elaborar textos como fundador. Todas as suas obras precisavam de ser organizadas e, como disse anteriormente, uma teoria difundida apenas pela palavra, não consegue manter-se. Assim, uma grande parte dos seus escritos gira em torno das suas fundações. Os regulamentos, as exortações, os directórios de tudo o que fundou e organizou constituiriam só por si todo um grosso volume.

Mas muito mais que essa organização das suas obras, interessava-lhe que os seus membros penetrassem nas fontes da sua espiritualidade. Em primeiro lugar, na Palavra de Deus, que se encontra sempre viva e actuante em todos os seus escritos. E, em segundo lugar, na doutrina de Santa Teresa, que ele soube aproveitar, infundindo o estilo de oração e a sensibilidade espiritual teresianas em todos os escritos e em todas as obras.

Quero mencionar particularmente um dos seus livros, o que mais edições teve enquanto viveu e depois de morrer e que formou muitas gerações na oração. Refiro-me a *O Quarto de Hora de Oração*, que escreveu, em princípio, para ajudar as jovens da Arquiconfraria nessa prática tão sua do «quarto de hora» de oração diária, mas que quase logo, indubitavelmente, ultrapassou essa finalidade e chegou a milhares de leitores que deram os primeiros passos no campo da oração pessoal e da meditação através de *O Quarto de Hora*.

Em todos os escritos do P. Henrique que poderíamos chamar «piedosos», há uma união e um fervor muito grandes. Escreve para ajudar a orar ou a formar em certas devoções da época, mas sempre centradas no amor de Jesus e na obsessão por O tomar conhecido e amado. Uma forte espiritualidade mariana e a devoção a algum santo que, como S. José, em primeiro lugar, ou S. Francisco de Sales, o ajudaram – com Teresa de Jesus – na sua formação cristocêntrica.

As suas melhores páginas, na minha opinião, são as que escreveu na solidão dos retiros, quer em Montserrat, quer no Deserto de las Palmas ou no Coliseu de Roma, quando, na fase final da vida, passou ali horas à espera que se resolvessem os seus assuntos... A dor e o sofrimento, a espera e a paciência foram-no purificando e a sua alma, muito mais próxima de Deus em cada dia, já só aspirava aos bens do céu.

Nestes escritos, a alma do P. Henrique derrama-se em sentimentos e afectos que, normalmente, era renitente em exprimir. Por exemplo, num dos últimos livros, dedicado ao Espírito Santo, podemos penetrar na intensa vida espiritual que já o inundava e na grande importância que sempre atribuiu à vida de oração:

«Para obter a graça do Espírito Santo e, por conseguinte, com maior razão, o próprio Espírito Santo, é necessária com toda a necessidade, a oração. Porque, se nenhuma graça do céu desce à terra dos nossos corações sem oração, quanto menos descerá se não orarmos ao Espírito Santo santificador, que é fonte e princípio de todas as graças?...».

«Oh, Espírito consolador das almas! Ensina-me a orar e a perseverar na oração, pois de nenhuma outra graça necessito para me salvar. Oh, Pai dos pobres, Espírito Santo Deus! Vinde e socorrei com o dom da oração esta alma que santificastes com a vossa presença...».

«... Oh, Espírito Santo, Espírito de santidade e de verdade, nunca vos aparteis da minha alma, dos meus pensamentos, palavras, desejos e obras...».

Mas onde mais se reflecte, talvez, a riqueza de sentimentos e de afectos da sua alma enamorada de Deus, é nos artigos que, durante mais de vinte anos, mês após mês, foi escrevendo na Revista *Santa Teresa de Jesus* com o título genérico «Desde a soledade» e assinados por «O Solitário».

São escritos cada vez mais inspirados na doutrina de Santa Teresa, escritos cheios de fervor espiritual, de verdades feitas vida e de profundo amor de Deus. Muitos começam com uma frase de Santa Teresa e a maior parte termina com estas palavras que ajudaram a formar na oração muitos leitores da Revista: «Esta graça vos deseja, devotos teresianos, e pede à Santa Madre Teresa de Jesus que vo-la obtenha se todos os dias meditardes estas ou outras verdades eternas durante um quarto de hora. O SOLITARIO».

E as verdades que «O Solitário» ia deixando escritas todos os meses, cresciam também na penetração dos mistérios divinos à medida que ele próprio se aproximava de Deus. As suas «descobertas» interiores, os seus estados de alma, alegrias e dores, eram de certo modo traduzidos nestes artigos repletos de sã espiritualidade teresiana:

«Passa a brevidade da vida e, com ela, todas as misérias e grandezas. Que fazer, pois?

Agarrar-se bem a Deus que não muda, e n'Ele encontraremos o descanso, a paz, a felicidade que não podem dar-nos todas as criaturas juntas, porque não os têm e ninguém pode dar o que não tem.

Agarrar-nos bem a Deus que não muda, pelas virtudes da *fé*, da esperança e da caridade. Agarrar-nos bem a Deus que não muda, pela graça que é participação na natureza divina, e começaremos a gozar alguns tragos da felicidade perfeita que só se encontra no céu, começaremos a vislumbrar aqueles esplendores da luz eterna que nos hão-de mostrar, com toda a clareza, a glória e a magnificência do Criador.

E enquanto não chega tão ansiado momento, cantares de pena, suspiros pelo céu, hão-de brotar do nosso pobre coração, alegrando-se com a contemplação e a esperança de ser um dia cidadãos do céu para ali cantar eternamente as suas misericórdias...».

Palavras de um homem que, sem o saber, se encontrava *já* perto desse céu que Santa Teresa tanto desejou – como «a vida verdadeira» – e que quando escreveu estas palavras estava muito perto de possuir.

Os escritos de Henrique de Ossó centram-se, como disse, em Jesus, no desejo de que, em cada dia, seja mais conhecido e amado. E para este fim se orientam muitos deles. Jesus, centro dos corações, dos desejos, das acções, das palavras...

«A fazer conhecer Jesus Cristo mais e mais, no que consiste a vida eterna, nossa felicidade no tempo e na eternidade, se destina este livrito (Um mês na Escola do Sagrado Coração de Jesus). A mostrar-nos a sua vida real, prática, imitável; a ensinar-nos e mover-nos a fazer tudo por Jesus e com Jesus, se ordena o nosso humilde trabalho... O viver hoje, comer, dormir, falar, calar; trabalhar, padecer, fá-lo-ei tudo, sofrerei tudo em união com Jesus, em união com a divina intenção e com os mesmos sentimentos com que Jesus o *fez*...».

A par dos escritos organizativos e dos piedosos, Henrique de Ossó dedicou também bastantes horas a escritos pedagógicos. O seu entusiasmo pelo ensino e o espírito nato para educar, também através dos escritos, converteram-no num grande pedagogo e assim foi sempre considerado. Neste aspecto, foi autodidacta com uma personalidade característica no campo da educação. E foi assim que formou as primeiras Irmãs da Companhia, que souberam transmitir

os seus conhecimentos de geração em geração, vindo a elaborar um corpo doutrinal de teoria pedagógica que constitui um verdadeiro tesouro para a Companhia de Santa Teresa de Jesus e para os seus projectos educativos actuais.

Algumas instruções têm grandes consequências para a educação e são muito válidas ainda hoje.

«O fim da educação é formar Cristo Jesus na mente e no coração das crianças».

«Educar um menino é formar um homem. Educar uma menina é formar uma família».

«A primeira coisa que se aprende é a última que se esquece».

«Procura ser amado para ser obedecido».

### **Estratégias de santo: *O Amigo do povo***

Foi um dos seus primeiros passos no mundo da imprensa. E surgiu por pura estratégia, tal como acontecera com a batalha das catequeses. Estava ainda plenamente inserido nessa organização – em 1871 – quando sentiu a necessidade de criar um veículo do pensamento que contrastasse com outras publicações de então. É certo que tem de se compreender o afã apologista da época, que talvez hoje não nos agrade. Mas era uma maneira de «contestar» que o P. Henrique não quis deixar de aproveitar como «sinal dos tempos». Dos seus, claro está. Havia uma verdadeira febre de publicações, revistas e jornais e, geralmente, eram de tendência bastante anticlerical e ateia.

Um desses jornais, que começou a publicar-se em Tortosa, foi o semanário *O Homem*. E Ossó sentiu a urgência de responder com outro semanário que intitulou *O Amigo do Povo*, denominação um pouco demagógica, mas que correspondia às necessidades do momento.

O que mais nos interessa talvez seja captar o fundo da questão: um sacerdote recém-ordenado que, com um grupo de jovens, cria um jornal, assumindo ele quase todo o encargo da redacção e com uma finalidade muito clara: fazer oposição. Sobretudo, dar resposta a certas inquietações a partir da fonte de origem, isto é, a partir do povo. Como a sua actividade lhe possibilitava viver completamente inserido no meio das pessoas – catequistas, crianças, pais das crianças – não tinha dificuldade em captar os rumores, os comentários, as preocupações. E saía a público com as mesmas inquietações que, num sentido muito diferente, *O Homem* comentaria.

A sua estratégia era a seguinte: duas jovens catequistas inteiravam-se das notícias e comentários e mantinham-no em dia. A sua rapidez na redacção e comentário, com a ajuda de grandes amigos como Domingo y Sol e Juan Bautista Altés, permitia-lhe que no mesmo dia, ou até algumas horas antes, saísse o semanário com os mesmos temas tratados pelo *O Homem*. Parecia absolutamente uma réplica. Todos estranhavam aquela infiltração. E o que se chama instinto jornalístico!

### **Uma revista de Santa Teresa**

Outubro de 1872. *O Amigo do povo* teve que desaparecer porque o Governo, sob um pretexto insignificante, o suprimiu.

Mas Henrique de Ossó dera já entrada oficial no mundo do jornalismo apostólico. E nesse Outubro, na festa de santa Teresa, já muitos habitantes de Tortosa tinham nas mãos uma nova revista – de perfil muito diferente do semanário – que iniciava uma nova etapa na vida do P. Henrique como escritor: *Santa Teresa de Jesus – Revista mensal*.

Aquele primeiro número abre com um editorial que apresenta, da melhor maneira que lhe foi possível, o ideário e o fim da revista. Trata-se de uma carta que o P. Henrique escreveu, provavelmente, no Deserto de las Palmas; tem a data de 22 de Setembro; é dirigida ao Bispo Benito Vilamiñana, expondo-lhe as suas intenções.

Parece-me importante conhecer alguns parágrafos desta carta, pois penetraremos assim, de novo, na alma do grande teresianista. A Revista é uma tentativa, a primeira na linha das iniciativas de Ossó, de divulgar a doutrina de Santa Teresa, de fazer chegar à gente simples a experiência espiritual da Santa, ajudando a conhecer e a amar mais a Cristo; numa palavra, contribuindo para a desejada reforma da sociedade. Esta é a motivação fundamental de Ossó e se não se tiver em conta, será difícil entender as suas obras.

Começa por fazer um elogio da vida de Santa Teresa e da sua influência na Igreja do séc. XVI como reformadora. Depois passa rapidamente ao séc. XIX:

«Teresa de Jesus, para salvar uma única alma, como ela própria afirmou, de bom grado sofreria até ao fim do mundo todos os tormentos do purgatório. Que sentiria hoje ao ver que em Espanha a juventude bebe a iniquidade como quem bebe água, nos livros e escolas ateias...?»

Não obstante, a nossa coragem não desfalece; ainda temos razões de esperança: a Igreja de Santa Teresa permanece unida na fé e possuímos a recordação das suas virtudes e exemplo admiráveis, os seus escritos e ensinamentos repletos de celestial sabedoria...com a devoção a Santa Teresa de Jesus, mestra insigne de oração, o Senhor derramará sobre a Espanha indiferente, o espírito de oração, com o qual advêm às almas todos os bens; o espírito de fé prática, que as fortalece e revigora; o espírito de amor, que minora todas as penas deste miserável desterro...».

O Bispo responde, aprovando a publicação e elogiando muito os esforços para divulgar a doutrina de Santa Teresa. Essa carta tem a data de 6 de Outubro de 1872.

Este primeiro número é dedicado, como seria lógico, a apresentar a finalidade da publicação, «o plano e as condições». E também o preço. Não quero prescindir do prazer de transcrever esse último parágrafo que fala por si só:

«Como a especulação não faz parte de modo nenhum dos nossos propósitos, fixámos o preço da assinatura em 4 reais por ano, incluindo nele a intenção de distribuir vários livritos da Santa, ou que a ela se refiram, pelos nossos assinantes; assim, com o tempo, poderão adquirir uma biblioteca completa e selecta de tudo quanto se relaciona com a seráfica doutora...».

Quatro reais por ano e, ainda por cima, oferecendo livros!

A Revista teresiana foi, até à morte do seu fundador e ao longo de muitos anos ainda, um verdadeiro veículo da devoção a Santa Teresa. E ninguém pode negar que a esta publicação e aos contínuos esforços do P. Henrique, seu chefe de redacção e director, se deve a difusão dos seus escritos, especialmente na Catalunha, Valência, Aragão e Rioja.

É admirável que uma publicação monográfica se mantenha assim, com esta orientação, anos e anos. Porque, apesar de conter secções de notícias de Espanha e do estrangeiro – poesias, narrativas, representações, etc., nunca perdeu o carácter para que foi criada: o teresianismo.

Uma das principais maneiras de tornar conhecida a doutrina de Santa Teresa foi ir publicando «máximas» ou frases breves extraídas dos seus escritos. De novo, a

estratégia. Alguns dos leitores menos profundos dificilmente leriam todas as suas obras. Mas uma frase é muito mais fácil de digerir. Muitas gerações de jovens e crianças formadas em colégios teresianos beberam a doutrina de Santa Teresa através do simples método pedagógico das máximas.

Mês após mês consagrava uma página a «Pensamentos de Santa Teresa de Jesus». A selecção estaria, obviamente, a cargo do P. Henrique, pois era um grande especialista na matéria e sabia seleccioná-los bem. Por exemplo, no mês de Março de 1873:

«Bem fala Deus ao coração quando lho pedimos de coração» (Cam., cap. 24).  
«Não está aguardando outra coisa o Senhor, a não ser que olhemos para Ele; tem em tanto que voltemos a olhar para Ele que, por diligência sua, não deixará de nos fornecer» (Ib., cap. 25).

«O amor que temos a Deus não há-de ser fabricado na imaginação, mas provado nas obras» (II M., cap. 1).

Indubitavelmente, pouco a pouco, aquela doutrina em pequenas doses foi formando muita gente no teresianismo. Nunca o agradeceremos bastante a Santo Henrique de Ossó.

### **Dirigindo à distância**

Refiro-me, é claro, às cartas. A recopilação delas foi um trabalho árduo. Foram centenas e centenas as que escreveu. É verdade que se conservam muitas, mas outras tantas devem ter-se perdido.

No meu entender, as cartas são de uma frescura e de uma proximidade que lembram muito as da sua Santa predilecta. Umam tratam temas que poderíamos chamar «de negócios», de assuntos pendentes. Outras são conselhos e advertências às suas filhas que, como todos os principiantes, necessitavam muito do pai que corrige, anima, exorta. Outras ainda são fruto da sua espiritualidade e da sua própria experiência de Deus que sente necessidade de comunicar.

Em todas, no entanto, há um denominador comum: o mesmo que nos outros escritos, ou seja, o desejo de conhecer e amar Jesus e de O tomar conhecido e amado através da espiritualidade teresiana.

Quando são os «negócios» que o obrigam a pegar na caneta, há sempre um pensamento a dar sentido a essa tarefa:

«Estimada Saturnina: Vão 40 reais que a tua mãe te manda por Ramona Pujol, para que os dêes de esmola ou faças deles o que quiseres. Estamos no princípio da peregrinação. Vê se inscreves mais 30 e vai a Avila e Alba se a Santa quiser. Nada vos perturbe, nada vos espante: espera e verás grandes coisas se lhe juntares a humildade. Tem muita paciência e com o tempo e a graça tudo se arranjará...» (3 de Agosto de 1877).

Quando se trata de conselhos, a caneta voa para a direcção espiritual com o amor de pai e a simplicidade de amigo. Aquelas jovens que, pouco a pouco, começavam a dispersar-se por todo o território espanhol e também no estrangeiro, precisavam de urna palavra do fundador que fosse moldando os seus espíritos com o carisma que ele recebera. As Irmãs esperavam obter daqueles textos uma ajuda imensa e guardavam-nos como um tesouro. Por isso se conservou tamanha quantidade. A graça das suas «reprimendas» era

proverbial e sempre num tom teresiano que não escapa a quem conhece a fundo as obras da Santa de Ávila. Bastará um exemplo, simplesmente delicioso, de uma dirigida à Mestra de noviças que, naquele momento, passava por dificuldades interiores:

«Viva Jesus e sua Teresa na sua filha Francisca. Porque és tão medricas e cobarde? Andarás sempre à caça de lagartixas? Coragem, minha filha, e grandes desejos, se quiseres fazer grandes coisas. Nada te perturbe, porque tudo vem de Deus. Nada te espante, porque, sem permissão de Deus, nada te pode prejudicar. Tudo passa e, por isso mesmo, não faças caso das coisas vãs do mundo. Deus não muda, a Ele tudo hás-de confiar e nunca te abandonará.

Tem paciência com todos, e ainda mais contigo, porque a paciência tudo alcança. Quem a Deus tem, que é Bondade infinita, nada lhe falta, nem pode faltar. Porquê, pois, temer seja o que for e seja quem for? Só Deus basta. Dilata os seios da tua alma e Deus enchê-los-á, porque só Deus, que a criou para Si, pode satisfazê-la...

Não pares até seres outra Teresa de Jesus, como deseja o teu pai e capelão que te abençoa,

Henrique de Ossó»

Além de tudo ser de proveito, que preciosa glosa da copia teresiana! Mas os conselhos não se destinam só às Irmãs para seu próprio bem espiritual, mas também a ir introduzindo-as no segredo da formação de outros. Todas haviam de ser mestras, e mestras da oração, o que, na linguagem teresiana, quer dizer mestras da vida de Deus. Pouco a pouco, com a firmeza de mestre e o amor de pai e mãe, vai-as formando para formarem.

Nestas cartas – que poderíamos chamar de formação – é onde mais encontramos, se possível, o cristocentrismo que o caracterizava, o amor a Jesus com uma ternura que poderíamos condensar naquelas duas exclamações tão suas: «Viva Jesus», com tudo o que implica viver em Cristo, com Ele, por Ele, n’Ele e para Ele; e «tudo por Jesus» que leva o afecto e os sentimentos – e a própria vida – para o campo da acção e da intenção.

Não me quero privar do prazer de transcrever alguns destes parágrafos formativos sobre o amor de Jesus:

«Que todas as filhas da Companhia se distingam pela magnanimidade – diz à Madre Francisca Plá, formadora. Por isso hás-de procurar torná-las, antes de mais, muito generosas para com Jesus. Que conheçam quem é Jesus: infinitamente amável pela sua bondade e, além disso, digno de infinito amor por todos os benefícios que nos concede. Ensina-as a dizer com muita frequência, como se fosse a sua respiração: Jesus meu e de todas as coisas! Tudo por Jesus! Viva Jesus, meu amor! Jesus meu, Vós sabeis que vos amo!... E coisas do género, de modo que não pensem senão em Jesus, não falem senão de Jesus, nem amem senão a Jesus, O exemplo da nossa Santa Madre Teresa de Jesus ajudar-te-á muito a consegui-lo melhor» (22 de Junho de 1894).

Era esta a sua verdadeira obsessão, que tantas vezes transparece nos seus escritos. E é, verdadeiramente, uma obsessão muito teresiana. Quase com as mesmas palavras respondeu a Santa, em certa ocasião, ao Padre Graciano quando este lhe perguntou como andava com Nosso Senhor: «Imaginaí – disse – uma pessoa tão enamorada que nunca pode estar nenhum instante sequer sem aquele que ama. Assim estou eu com Nosso Senhor, pensando sempre n’Ele, falando sempre d’Ele, amando-o sempre a Ele...».

Todo um programa para aquelas Irmãs que se iniciavam na vida religiosa e às quais, muitas vezes, não podiam chegar directamente as palavras do Fundador. As cartas eram um meio fundamental.

Mas não formava só através de conselhos e exortações; aplicava aos acontecimentos da vida a sua visão de fé e de confiança ilimitada. Neste sentido, são admiráveis as cartas que dizem respeito à questão do pleito – de que terei ocasião de falar demoradamente – que marcou com a cruz da incompreensão grande parte da sua vida.

Escreve, de Tortosa, à «Irmã mais velha», Teresa Plá, em plena tormenta:

«Minha estimada filha em Jesus:

Ruge ainda a tempestade sobre o colégio e todos se conjuram, digamos assim, ou todos desconfiam e temem por ele. E um caso muito parecido com o que sobreveio à Nossa Santa Madre quando fundou o primeiro convento, no ano de 1578; todos temiam que a sua obra se dissolvesse e só ela se mantinha animada no meio do desa-lento e da perseguição dos seus amigos e protectores...

Bendito seja Deus e Pai da Consolação, que assim nos prova e nos consola!

Como está o seu coração, o que sente ao receber todas estas notícias? Certamente me perguntará: e o do nosso Padre, que teme, que espera? Eu estou tranquilo, minhas filhas, e confiante. Parece-me ter provas de que é da vontade de Deus que se faça ali o Colégio... Parece que uma voz me diz, como da outra vez à Santa: “Agora, Teresa, mantém-te forte”...

...oração e resignação e silêncio. Tratemos deste assunto só com Jesus...» (7 de Julho de 1878).

Talvez as mais belas das suas cartas sejam aquelas em que parece escapar-se da sua alma algo de toda essa riqueza interior que, normalmente, sabia guardar. Seriam, certamente, exteriorizações dos seus sentimentos, como por exemplo: «... não sei como vos quero tanto e espero tanto dessa fundação. Será porque começou humilde e pobrezita e suportais tanto calor?» – dirigida às Irmãs de Mérida (México). Ou desabafos do seu estado de enamorado de Deus que cada vez transparece mais nas suas últimas cartas enviadas de Roma:

«cada dia vou conhecendo mais a felicidade  
que se goza não pedindo nada, não desejando  
nada, não recusando nada; mas fazendo somente  
a vontade de Deus em tudo...» (22 de Agosto de  
1894).

Às vezes são pormenores que mostram a sua extraordinária sensibilidade espiritual e um desejo de simplicidade e pobreza muito próprio dos santos:

«Grande iluminação no dia da Assunção da Virgem, em Roma. Mas o que sobretudo me fez mais devoção foi o sapateiro, remendão por sinal, que, pobrezito, não tinha mais que um saguão de uns dez passos de comprimento (e ao fundo havia uma cortina grosseira) por seis de largura, e trabalhava a bom trabalhar (eram oito da noite) à luz de um candeeiro de petróleo; mas agora vem o mais bonito e que me fez mais devoção que a iluminação do palácio da... com luzes eléctricas em honra da Santíssima Virgem. Fora, à porta, sobre o lintel da porta, que teria uns escassos seis palmos de altura por quatro de largura, tinha pendurado um lampião às cores, muito bonito e airoso, num grosso prego, em honra da Santíssima Virgem; mas enquanto o bonito e alegre lampião iluminava a rua, o pobre sapateiro remendão, trabalhava a bom trabalhar à pobrezita luz de petróleo; fez-me tanta devoção!» (18 de Agosto de 1894).

Não se pode negar que tem o encanto de um milagre de Berceo. Foi o que cativou o P. Henrique, que o contou às teresianas. Também assim, com as histórias e recordações das suas cartas, lhes oferecia grande riqueza formativa. Nelas se reflectia a si próprio, a sua alma de homem bom. Com razão escreveu um dia: «Tive a dita de ter uma alma boa!»

## 10. ASSIM ERA «O SOLITÁRIO»

### «Dai-me um quarto de hora de oração...»

O homem orante que foi Henrique de Ossó formara-se na escola de Santa Teresa. De facto, o nosso santo foi, sobretudo, um homem de oração. A oração conservou-lhe a fé viva, impregnou de amor a sua inesgotável actividade apostólica, conferiu paz e serenidade ao seu carisma lutador perante as dificuldades, profundidade à visão que teve das coisas, sentido de eternidade à verdade que defendeu sem desanimar perante falsas interpretações dos homens. Sim, não há dúvida de que não se entenderia a personalidade espiritual daquele homem de uma actividade superabundante, se não a soubéssemos sustentada por uma contínua e profunda oração.

Se começou a vida – já na adolescência – aos pés da Virgem Maria de Montserrat, naquele retiro que ele mesmo se propôs fazer para encontrar a luz e a orientação do futuro, continuou, durante toda a vida, a procurar desertos onde retemperar forças para a luta de cada dia. Homem de acção e de contemplação tão bem conjugadas que nunca nele houve uma sem a outra.

E como encontrara na oração a fonte inesgotável de felicidade interior, de paz, de fortaleza e de luz, não pôde deixar de difundir o que para ele fora sempre imprescindível.

São muitíssimos os testemunhos do seu espírito de oração. Era considerado como homem de oração e mestre de oração. Vejamos vários desses testemunhos. Começo pelo seu confessor, P. Francisco Marsal. Conhecia-o a fundo e contactava muito com ele fora do confessionário. Costumava hospedar-se em sua casa, nos primeiros anos de sacerdote, quando ia a Tarragona:

«Por conhecimento próprio posso assegurar que Henrique de Ossó era um homem de oração, porque orava continuamente e com simplicidade, visitando com frequência o Santíssimo Sacramento, como pude observar quando vinha a minha casa.

Além disso, ensinou a prática da oração, quer por palavras, quer servindo-se da caneta, como se vê pelos numerosos escritos, sobretudo “O Quarto de Hora de Oração”».

É interessante verificar que todas as testemunhas que falam da sua vida de oração, falam imediatamente do ensino da oração. Penso que é algo característico do seu teresianismo. Como Teresa de Jesus, sentia necessidade de que todos enveredassem por aquele caminho que a ele lhe proporcionara «todos os bens», dizendo como ela: «prove-o quem não acreditar e vê-lo-á por consoladora experiência».

Duas das fundadoras que mais com ele contactaram e o conheceram bastante, falam também com entusiasmo deste carisma da oração de «O Solitário», como gostava de se intitular ao assinar os artigos sobre a oração e a vida interior. A este propósito, disse a Madre Saturnina Jassá:

«Era um homem de oração e em tão alto grau que merece justamente a designação de mestre da oração. Sei, por o ter ouvido aos seus familiares, que desde criança praticou assiduamente a oração.

Quando eu pertencia à Arquiconfraria teresiana, o P. Henrique, nas reuniões, ensinava-

nos a fazer oração, para que, como zeladoras dos pequenos, ensinássemos também as crianças a praticá-la.

No Regulamento da Arquiconfraria e no do “Rebanhito do Menino Jesus”, estabeleceu como primeira obrigação, o quarto de hora de oração diária, contínua, porque vivia numa contínua elevação da alma a Deus.

Para nós, religiosas da Companhia, foi um verdadeiro mestre de noviças e director de professoras, formando-nos e orientando-nos na vida de oração...».

Assim, ao seu carisma de orante une imediatamente o de mestre da oração. O mesmo encontramos nas palavras da Madre Teresa Blanch, ao falar do seu profundo recolhimento e da sua transparente presença de Deus, na qual habitualmente vivia, como fruto da oração:

«Pude observar sempre nele um recolhimento habitual e uma atitude exterior que revelava encontrar-se na presença de Deus. Antes de sair de casa e ao regressar, fazia uma visita a Nosso Senhor... e passava longos momentos diante do Sacrário, segundo parece para pedir conselho ao Senhor para os seus assuntos. Antes e depois da Missa, observei que passava longos momentos na presença de Deus.

De igual modo, antes de tratar de algum assunto difícil recolhia-se um longo momento na capela. E recomendava-nos que nunca resolvéssemos nenhuma coisa importante sem consultar o Senhor...».

Três aspectos interessantes podem deduzir-se desta declaração da Madre Teresa Blanch: por um lado, a atitude orante habitual de Ossó. Uma atitude que se traduzia em recolhimento e serenidade. Um homem que vivia o «orar sem interrupção» de S. Paulo. Por outro lado, o modo como avivava essa presença, renovando-a continuamente nas visitas ao Santíssimo Sacramento, que são, afinal, uma maneira de alternar as horas activas do dia com a oração – sobretudo para aqueles que, não vivendo uma vida monástica, não têm marcados esses ritmos orantes pela liturgia comunitária – e que tanto ajudam a fazer a síntese necessária entre oração e acção. Não é muito fácil manter a presença habitual de Deus na nossa vida se não formos capazes de ter essas pequenas paragens que a vão focalizando quando, pelas circunstâncias ou dificuldades, tende a desfocar-se.

Há ainda um terceiro aspecto: viver dependente da vontade de Deus e da sua acção na nossa vida e nas nossas obras. Isso de em tudo «consultar» o Senhor na oração, de lhe entregar os assuntos preocupantes, confere à vida inteira um clima interior de serenidade que dificilmente se consegue quando se prossegue ininterruptamente a actividade, desligada da oração.

Andrés y Cebriá, que viveu muitos anos perto dele. Com uma grande simplicidade, diz da sua oração:

«Foi favorecido por Deus com o dom da oração. Ordinariamente, fazia uma hora de oração mental de manhã e pelo menos meia hora ao entardecer. Sem contar as frequentes visitas a Jesus Sacramentado, as jaculatórias, a recitação do Ofício divino, o Rosário. Quase se pode dizer que a sua oração era contínua... Numa conferência que nos fez sobre a oração, nos últimos meses da sua vida, disse que o seu livro de oração era o Pai Nosso.

Não deixava a oração por muitas que fossem as suas ocupações, nem sequer quando ia de viagem...».

Sim, homem de acção, mas imerso, não há dúvida, na oração e sustentado por ela. Voltemos ao tema do ensino da oração. E um orante e também um mestre da oração. Como disse, não podia deixar de O ser. Comunicava-a quase por osmose. Assim se exprime de novo a Madre Blanch:

«Posso dizer também que Henrique de Ossó não foi apenas um homem de oração, mas um mestre dela que procurava, por todos os meios, ensinar o modo de o fazer. Nada recomendava com tanto empenho na pregação, nos regulamentos das associações que fundou, nos escritos em geral, como a prática da oração. De tal modo que, a nós, religiosas, chegava a dizer que “se fosse necessário, deixássemos tudo menos a oração”.

Eu lia sempre as suas recomendações sobre a oração na Revista Teresiana. Num dos números dizia textualmente:

“Oh, se a Revista teresiana pudesse conseguir, pelo seu empenhamento, que uma só alma se dedicasse ao exercício da oração! Pensaria que todos os esforços e trabalhos ficariam amplamente recompensados, certo de que, com isso, teríamos alcançado a salvação daquela alma”.

A nós, religiosas, recomendava-nos que não só fôssemos almas de oração, mas mestras dela. Também nos recomendava que procurássemos inculcar a prática da oração nas famílias cristãs com que contactássemos e que todas as professoras, nas aulas, ensinassem a praticar o quarto de hora de oração diária, tanto aos pequenos como aos maiores».

E este final de um texto que não quis deixar de transcrever, confirma-nos o apostolado singular e único de Henrique de Ossó, a sua personalidade inconfundível no panorama espiritual do séc. XIX, cuja influência chegou aos nossos dias na pessoa das suas filhas, as Irmãs da Companhia de Santa Teresa, de Jesus. Os tempos mudaram, os costumes escolares, as formas de piedade, as manifestações de carácter educativo... Mas em todos e cada um dos Colégios da Companhia de Santa Teresa de Jesus, o quarto de hora de oração diária é algo fundamental e com ele se começa a jornada escolar.

Lembro-me da surpresa de um inspector que, ao visitar certo dia um colégio e ao passar pelos corredores de onde as salas de aula se podiam ver perfeitamente através dos vidros das portas, observou as centenas e centenas de crianças dos diversos anos em absoluto silêncio e em gestos ou atitudes orantes. E algumas estavam sozinhas... «Como conseguem isto hoje em dia?» – perguntou admirado. Não soube responder-lhe senão com esta simples conclusão, feita vida durante anos e anos: «É um carisma próprio dos nossos colégios teresianos». Se o entendeu ou não, ignoro. O que sei é que me disse no fim da visita: «E não deixem esse costume do... quarto de hora de oração. Há-de ser bom em muitos sentidos». Lembrei-me então daquela utópica escola de Rabindranath Tagore em Bolpur, o «Santiniketan», «Morada de paz», onde as crianças começavam as aulas com um momento de oração para serenar os ânimos. Assim o conta um visitante, falando do horário: «...todas as manhãs, depois do banho, as crianças têm quinze minutos de retiro para a oração silenciosa que fazem sentadas debaixo das árvores, ou no campo aberto à alvorada; e ao terminar a oração pessoal, reúnem-se para cantar os versos sânscritos do poeta...».

«Nunca me esquecerei dessa oração... e quisera conservar a frescura dessas primeiras impressões...».

Curiosamente, aquela «Mansão de paz» que o poeta indiano quis que fosse a escola, começava com o exercício de um quarto de hora de oração silenciosa.

Sempre que reli este texto, dei graças a Deus por este carisma maravilhoso das nossas escolas, onde se procura criar um espaço de silêncio e de paz, durante um quarto de hora antes de começar a buliçosa jornada escolar.

Mas «O Quarto de Hora de Oração» ultrapassa, sem dúvida, o campo escolar. Foi uma «máxima» que o P. Henrique soube encontrar para de algum modo fomentar o que ele achava fundamental na oração pessoal: a constância, o compromisso, o costume que só se adquire como hábito quando começa a tomar-se imprescindível, apesar de custar ao princípio.

E falo de «máxima» porque se trata de um slogan que hoje pode parecer estranho, se não se lhe reconhecer o valor e a profundidade: «Dai-me um quarto de hora de oração e eu prometo-vos o céu».

Pensei muitas vezes no alcance desta frase. O P. Henrique atribuía-a a Santa Teresa e punha-lha na boca para animar a viver a mesma experiência que ela fez. Escutei-a desde a minha infância, e foi ela que me levou a essa prática quando mal sabia fazer mais do que ler um texto do livrito *O Quarto de Hora* e fechar os olhos, ficando à espera que passassem os minutos prescritos. Não sabia exactamente o que fazia. Mas devo dizer que, pouco a pouco, aquela prática que pode parecer rotineira e sem sentido, foi-o adquirindo e veio a tomar-se uma necessidade vital. Então, pus de parte o relógio e deixei de contar os minutos que tanto me preocuparam ao princípio.., mais tarde entendi: conseguira adquirir o hábito e um pouco do espírito de oração.

Mas o que descobri muito mais tarde foi que aquela promessa do céu que me seria dado em troca de um quarto de hora, era uma realidade não apenas futura, mas que se descobria na vida diária. A felicidade de viver com Cristo e em Cristo, não será o céu, o Reino já a começar aqui?

Aquela simples prática de um quarto de hora trabalhoso, de relógio em punho, ficou a dever-se a um grande pedagogo e mestre de vida espiritual.

Oxalá continue a ser hoje fonte de felicidade, de «céu», para quem procurar na oração o encontro diário com Deus amor.

### **«O silêncio é a morada das almas grandes»**

O homem de oração, necessariamente, amava também o silêncio. Um silêncio de plenitude, claro, não de vazio.

Cultivou o silêncio desde a infância. Aquele que muitos chamavam «caixa fechada» guardava silêncio, em primeiro lugar por temperamento, e depois também por capacidade de aprofundamento. Como Maria, conservava todas as coisas no seu coração. E aí, nesse recinto sagrado da pessoa, é que enriquece e fortalece tudo o que vai amadurecendo silenciosamente.

E urna virtude – o silêncio – que hoje parece esquecida. Mas tem um grande valor, pois trata-se de uma atitude interior, fonte de maturidade pessoal.

Como tinha, o tempo completamente preenchido com múltiplas ocupações decorrentes das obras que fundou, da docência no seminário, viagens, escritos e muitas outras inerentes à missão sacerdotal, necessitava de buscar, no silêncio e no recolhimento, tudo aquilo que distribuía às mãos cheias. Senão, correria o risco de se esvaziar.

O segredo do que, para o P. Henrique, era o silêncio, revela-no-lo ele próprio num dos mais belos textos que escreveu sobre o assunto nos «Documentos de perfeição» para as Irmãs da Companhia:

«O silêncio é a morada das almas grandes, um meio muito eficaz para nos preservar de inúmeros pecados e perigos, para elevar a alma acima das ruindades deste mundo miserável, dispô-la para ouvir a voz delicada do Senhor e receber grandes segredos e graças».

Este parágrafo é digno de atenção porque nos revela o que foi Ossó quanto ao amor ao silêncio e ao retiro.

Em primeiro lugar, uma alma grande, que sabe morar no seu próprio interior e, a partir daí, ponderar as coisas, aprofundá-las, avaliar, corrigir. Muita da superficialidade que tantos estragos causa hoje em dia, vem da incapacidade de guardar silêncio, característica do homem moderno. A música de fundo da televisão parece ajudá-lo. Assusta-o o silêncio e deixa de ouvir outras vozes maravilhosas do espírito que só no nosso interior podem ser ouvidas. Por isso, o P. Henrique combateu tanto, nas teresianas, a superficialidade que definia muito esquematicamente na frase «não sejas nada mulheres nem o pareçais.. ». A que queria aludir com esta frase, que chegou a escandalizar alguns? De maneira nenhuma à feminilidade. Não, o que o incomodava era o «fala-tório» mulheril, e não queria, de modo algum, que as suas filhas incorressem nele. Comentários e críticas que não levam à concórdia nem levantam os ânimos. Silêncio, pois, que amadurece interiormente porque nos faz morar na profundidade do nosso ser e dialogar, como dirá Machado, «com o homem que anda sempre comigo / - quem fala sozinho espera falar com Deus um dia»...

Em segundo lugar, o silêncio como refúgio. Nem sempre estamos preparados para dizer a palavra mais oportuna. Então é melhor calarmo-nos. Deste silêncio foi também mestre Henrique de Ossó. Precisamente nos momentos mais dolorosos da sua vida, a que em breve nos referiremos, foi o silêncio heróico que o santificou. Foi um dos maiores testemunhos da sua vida durante os anos do pleito. Por isso, recomendará às Irmãs aquele célebre: «Vós calai, orai, esperai». E que o silêncio de Ossó era um silêncio para orar e para esperar. Alimentava-lhe a fé e a esperança no Senhor. Numa palavra, era, nele, fruto da oração e presença de Deus. De que recebeu grandes graças, uma infinidade de segredos divinos, não resta a menor dúvida. Há muitos indícios para o afirmarmos, embora, precisamente devido à reserva natural que referimos, não os contasse nem deles falasse. Pelo contrário, evitava comentários. Pensa-se que deve ter recebido graças místicas, sobre as quais nada deixou escrito, mas muitas declarações de testemunhas presenciais são eloquentes. Bastará uma. Várias Irmãs a referem. Transcreveremos a da Madre Josefina Beltrán:

«Ouvi contar a uma Irmã da Companhia um caso de êxtase que teve o Nosso Padre na aldeia de Fatareila, de onde era esta Irmã. Estando o pároco a falar com três jovens da Arquiconfraria, entrou na sacristia e viu Henrique de Ossó, enquanto se paramentava para a Missa, elevar-se do solo e ficar suspenso no ar com o rosto resplandecente. Então o pároco disse às jovens: “Que bom fundador tendes! O P. Henrique é um santo !”».

Agora entenderemos melhor o papel que aquele pitoresco recanto do Deserto de las Palmas desempenhou na sua vida. Uma ermida no meio da montanha. O mar ao findo. Silêncio da natureza e Deus no seu interior. Que mais queria «O Solitário»?

## 11. ASSIM ERA NA DOR E NA INCOMPREENSÃO

## Como começou uma história interminável...

A história do pleito jurídico em que Henrique de Ossó viu envolvida grande parte da sua vida, está hoje amplamente estudada. Referi-la-ei a largos traços, pois me interessa muito mais analisar «como foi» o santo em todo aquele embaraçoso assunto, como agiu nos momentos mais difíceis, que atitude albergou em si mesmo quando todos – ou pelo menos muitos – se viraram contra ele e contra a sua obra, como foi a sua caridade quando os que mais amava – amigos, a Igreja – puseram em dúvida, senão as intenções, pelo menos as suas obras e atitudes... Numa palavra, como o pleito e tudo o que ele originou, serviu de crisol, de pedra de toque, talvez necessária para os homens de hoje avaliarem até onde pode chegar a acção da graça quando «deixamos o Senhor agir...».

Tudo começou com um daqueles grandes ideais que faziam vibrar e pôr todo o seu ser em acção, empregar as horas de trabalho que fossem necessárias e envolver aqueles que viam com bons olhos as suas iniciativas.

Conhecemos o seu teresianismo. E, como consequência, a simpatia e amor que tinha à Ordem do Carmo. Em Tortosa, a cidade dos seus desvelos, não havia nenhum convento de Carmelitas Descalças, quais sentinelas orantes da actividade teresiana que ali se estava a desenvolver a velas desfraldadas. E pensou no que se poderia fazer. Falou com os amigos, tentou ultrapassar as dificuldades de licenciamento de um Governo anticlerical e conseguiu a autorização do Bispo. A primeira parte, a dos amigos, foi fácil. Tinha-os muito bons ou... pelo menos até então era o que julgava. Falou com três: Jacinto Peñarroya, José Mateo Auxachs e José Sánchez. Acharam que era uma boa ideia.

E o licenciamento do Governo? Uma cláusula da lei proibía construir novos conventos exclusivamente contemplativos. Tinham de se dedicar a alguma obra social, educativa, por exemplo. Então, pensou em como salvaguardar este aspecto. No mesmo terreno, mas com distância suficiente entre ambos para não criar inconvenientes à clausura, edificar-se-iam o convento carmelita e o colégio – casa de estudo das Teresianas. Porque estas estavam a aumentar e precisavam de um local de for mação. Os amigos também acharam bem.

A autorização do Bispo Vilamitjana depressa se alcançou. Tratando-se do P. Henrique, o prelado já sabia como as obras se faziam.

Quanto ao terreno que, segundo parecia, era o principal obstáculo, obteve-se com aparente facilidade: uma senhora, Dona Magdalena Grau, «cedeu-lhe» um, amplo e em muito boas condições. Mostrou-se encantada por ali se construírem dois conventos. O fundador falara-lhe do desejo tão teresiano que acalentava: próximos um do outro, poderiam unir ãs dois carismas – o da contemplação e o educativo – numa mesma espiritualidade, a de Santa Teresa de Jesus.

E todos encantados. Lançou-se a primeira pedra. A 6 de Agosto de 1876. Um dia cheio de alegrias e cumulado de esperanças. As Teresas, que assim chamavam às Irmãs da Companhia, também contentes.

Passaram os meses e as obras prosseguiam com maiores ou menores dificuldades. Porque a senhora Grau acabou por se revelar um tanto ou quanto niquenta e mudou várias vezes de opinião quanto ao sítio. Começavam os desgostos. Mas Henrique de Ossó nunca lhes dava demasiada importância.

Por outro lado, as Teresas aumentavam. Já havia duas comunidades, uma das quais para as que estavam em formação e que ele apelidou carinhosamente da «companhieta» –

diminutivo catalão carinhoso – e a casa de estudo e formação tomava-se cada vez mais necessária.

Assim chegamos ao dia 12 de Outubro de 1877.

Tudo é festa em El Jesús. Por toda a parte se fala da inauguração do convento das Carmelitas mandado construir pelo P. Henrique e são muitas as pessoas que acorrem à festa. Chegara já a nova comunidade. Viera de Saragoça, sendo as Irmãs conhecidas pelo nome de «Las Fecetas».

Pormenor curioso para conhecer melhor a índole de Henrique. Naquele dia não esteve na festa. Muito simplesmente por coincidir com as aulas de Física no seminário. Sem palavras.

Passaram dois anos. As Carmelitas foram fazendo ali a sua vida de oração e trabalho. O P. Henrique visitou-as muitas vezes. São amigos. O outro edifício no mesmo terreno, o do noviciado e colégio da Companhia de Santa Teresa, foi-se entretanto erguendo, embora não sem dificuldades, graças às esmolas que iam chegando pouco a pouco. Tudo a andar.

E outro 12 de Outubro, desta vez de 1879. De novo uma inauguração solene. Naquele dia, sim, esteve presente o fundador. E cheio de alegria. Parecia que se realizavam os seus desejos: «Umas orando, outras ensinando, aumentarão os interesses de Jesus...».

Mas as coisas não foram assim tão fáceis. Mal sabia ele, naquele dia, que, juntamente com o noviciado das Teresas, se inaugurava o mais terrível calvário e a prova mais dolorosa da sua vida.

Assim, no dia 13 de Outubro, no dia seguinte ao da inauguração, lê, com surpresa, que a priora do Convento das Carmelitas por ele fundado, apresentara um recurso judicial ao Vigário Geral da Diocese, acusando o P. Henrique de «graves prejuízos» pela «ocupação» do terreno com o colégio das teresianas... e demandando que lhes fosse «devolvido» o dito terreno que lhes fora «roubado».

Digo surpresa, porque imagino que foi o primeiro efeito que lhe produziu a carta. Em seguida e sobretudo, dor, profunda dor, porque quando é chamado urgentemente ao Paço Episcopal, dá conta de que... ali, estão a favor das Carmelitas.

Henrique de Ossó encaminha-se então noutras direcções: os seus amigos. A mesma atitude. Mas que se teria passado? Como entender esta tempestade que assim se levantou?

E a reacção não se fez esperar: «contradição de bons». «Tudo serve para o bem dos que amam a Deus». «Não tendo pecado, nada temo».

Resumindo, a história continuou assim: Quatro meses de silêncio, sem nada mostrar exteriormente. Silêncio, imagino, doloroso e... – está provado – heróico. Muitas horas a imaginar, a pensar, a acalmar os seus receios e desânimos.

A 23 de Fevereiro de 1880 propõe uma solução equitativa para que nenhuma das duas partes fique prejudicada. Isto sem ainda entender nada do que se teria passado. Roubo? Se foi cedência... Culpado? Se todos se mostraram de acordo...

O dia 15 de Março é uma das datas mais trágicas desta dolorosa questão. Entra em cena o Provisor Castellarnau que apresenta contra o P. Henrique um decreto governativo ordenando a demolição do noviciado, à sua custa, e no prazo de três anos.

E aqui que começa a atitude «lealmente contestatária» de Ossó. Sofrer em silêncio, não julgar os outros, aceitar o sofrimento como uma provação, certamente. De tudo isso falaremos a seguir e apresentaremos extensos testemunhos. Mas lutar pelo que era justo, sim, crê que tem o dever de o fazer.

Mete-se num pleito que tem dois pontos altos –pondo de parte, para abreviar, uma série de datas e documentos —: um, o «interdito» com que Castellarnau ameaça o Colégio, caso não fosse demolido no prazo de 15 dias. Foi a 23 de Fevereiro de 1884. E o outro pleito, o dos «prejuízos» e, portanto, a demolição à sua custa, que durará até muitos anos depois da sua morte.

Do primeiro vou falar um pouco mais pormenorizadamente. O segundo, prefiro deixá-lo só resumido nos seguintes dados: do Tribunal de Tortosa passará ao Metropolitano de Tarragona, e deste ao de Madrid

e depois ao Tribunal Pontifício. Porque o P. Henrique, de cada vez que a sentença era contra ele, apelava a um tribunal superior. Há um momento-chave em que a questão parece ganha, graças a uma mudança de Juiz em Tarragona. Ouve-se então uma voz a seu favor. Surge novamente algo inexplicável para quem não tiver em conta os artifícios da alma humana e as paixões de que nós, pobres seres humanos, podemos ser vítimas. A sentença a seu favor desaparece do maço de documentos. E não se sabe mais dela até... 1967! Sim, nada menos que 71 anos depois. Foi um carmelita, muito amigo da Companhia de Santa Teresa, grande teresianista, o P. Tomás da Cruz Alvarez, quem a descobriu –quase milagrosamente –nos documentos dos Arquivos do Vaticano. Talvez um presente da Santa para que o Processo de Beatificação, retardado até as águas do pleito se aclararem, começasse a avançar rapidamente.

Do outro pleito quero falar um pouco mais porque foi causa de um dos momentos mais ricos vividos pela Companhia de Santa Teresa e pelo seu fundador. E um daqueles acontecimentos dolorosos que dão às pessoas a oportunidade de viver o que durante anos trataram de assimilar na oração sobre a vida de Cristo.

Foi no dia 17 de Março de 1884. No noviciado onde está a Madre Saturnina, uma das fundadoras, alma grande e muito apreciada pelo P. Henrique, que era naquela altura Superiora Geral da Companhia, com a Superiora da casa, Madre Maria Teresa Plá, a Mestra, Madre Maria Teresa Blanch, e as noviças, há muita falta de comodidade porque o inverno é rigoroso e a casa está ainda meio por acabar.

As jovens nada sabem da «tempestade» que ameaça a Companhia e a Casa do noviciado porque, como vimos, o P. Henrique é reservado, guarda silêncio para não deixar ninguém ficar mal e prefere orar e esperar... A Madre Saturnina está ao corrente, mas não suspeita de que o Provisor passe tão friamente das ameaças aos actos.

O caso é que, naquele dia, se apresentou na casa o Secretário Episcopal acompanhado do Notário-mor. Pergunta à Irmã porteira pelo P. Henrique. Não está. «Então que venha a Superiora», diz.

Apresenta-se a Madre Saturnina. O Secretário ordena-lhe que reúna a Comunidade.

Quando, a meio da manhã, ouvem um toque desabitual, as noviças olham umas para as outras e descem a reunir-se na sala da comunidade, segundo a notícia que vai circulando de que ali as espera o Secretário do Bispo.

A comunicação é tão dolorosa que se faz um silêncio confrangedor. Algumas lágrimas brilham nos olhos das Irmãs que vão do Secretário para a Superiora, deixando transparecer uma profunda interrogação perante o inexplicável. Interdito! Não vão ter direito nem sequer a ter em casa o Santíssimo Sacramento...

Passaram algumas horas e chegou o Fundador.

Voltou a reuni-las e consolou-as, pondo-as ao corrente do que se passava. Voltaram a olhar umas para as outras. Mas quem diria, se parecia o homem mais feliz do mundo!

No diário da casa lêem-se algumas das palavras do P. Henrique, que preferia comunicar

serenidade com a sua paz interior e não com demasiadas explicações:

«Bem vedes, filhas, que trabalhos nos envia o Senhor. Se alguma não se acha com forças para continuar numa obra que é declarada interdita pela Igreja local, pode ir livremente para casa...»

Na verdade, esta era a grande dor que não podia esconder. Aquilo vinha da Igreja, da sua Igreja local, da sua diocese. Mas era o Senhor que o permitia. Achou necessário deixar às noviças a decisão de se irem embora se não fossem capazes de lhe dar um voto de confiança perante aquele acontecimento sem explicação possível.

O P. Henrique podia ter desabafado, falado de ciúmes, invejas, mal-entendidos, represálias..., porque não podia deixar de ver alguma destas atitudes nos que tramaram aquilo tudo. Mas calou-se. Não se defendeu nem disse mal de ninguém. E com essa atitude, esperou pela livre opção das jovens que também guardavam silêncio ou choravam baixinho.

Naquela tarde o oratório esteve cheio em todos os momentos livres. Ouviam-se de vez em quando alguns soluços. Mas nenhuma se foi embora. Nem uma sequer.

No dia seguinte cumpriu-se a ameaça do interdito. Um sacerdote enviado pelo Paço Episcopal veio dizer a última Missa e deixou o sacrário aberto porque... estava vazio. E na porta da casa, um papel com o selo episcopal, declarando a casa interdita.

Quem se aproximava e lia, deve ter feito mil perguntas, mas sem obter qualquer resposta.

Pouco a pouco, só veriam actos: umas religiosas que, sorridentes e serenas, saíam todas as manhãs para irem à Missa no convento das suas vizinhas Carmelitas. E estas, admiradas, calar-se-iam - vítimas também, as pobres, de algum engano - admirando a virtude com que o fundador contagiara aquelas Madres, Saturnina, Teresa Plá e Teresa Blanch, e aquelas Jovenzitas. São comoventes as páginas do diário daqueles dias.

Isto passou-se, como vimos, no dia 18, terça-feira. A 19, quarta-feira, era dia de S. José, muito festejado na Companhia; e na quinta começava o santo Tríduo Pascal.

Na Quinta-Feira Santa, as Irmãs passaram horas de adoração ao Santíssimo Sacramento na igreja das Carmelitas...

E no mesmo dia receberam uma carta que o Padre lhes escrevera no dia anterior. Era o melhor dos conselhos que lhes podia dar. Um verdadeiro programa de vida para qualquer tribulação, sobretudo para aquelas em que entra o próximo como agente directo e a caridade como perigo nas nossas reacções:

«Vós, orai, calai, esperai... Esta tribulação há-de ser de grande glória. Mas é mister que vos porteis dignamente, como filhas da grande Teresa de Jesus, cuja vida vos oferece ensinamentos admiráveis a este respeito.

Amanhã levo o Santíssimo Sacramento para Junqueras e à tarde ficará exposto..., admirável coincidência! Apaga-se uma lâmpada e acende-se outra... Nada vos perturbe...».

Só no domingo de Páscoa tiveram a alegria - por concessão do Bispo de ter Missa em casa, celebrada pelo Fundador. Mas a felicidade acabou à tarde...

«A alegria desta casa era grande porque o Senhor vinha... As Irmãs fizeram companhia ao Senhor, importunando-o para não se ir embora... comungaram

todas as Irmãs... Quanto mais se aproximava o momento de consumir, mais apertados os corações das Irmãs..., comovente espectáculo o que oferecia uma comunidade de sessenta irmãs chorando a ausência... Alegre foi a manhã; triste chegava o meio-dia...».

«À noite, todas as Irmãs no oratório, rogando ao Senhor que venha. O nosso Padre fez uma prática sobre o cuidado com que devemos vigiar as afeições do nosso coração inclinado ao amor».

E o Senhor voltou, mas bastantes meses depois. Porque, após uma conversa das fundadoras com o Cardeal Rampolla, em Madrid, este tratou-lhes do assunto, pensando que as pobres religiosas nada tinham a ver com aquele penoso pleito que tantos interesses e paixões humanos escondia e do qual era vítima principal Henrique de Ossó y Cervelló.

No Ano de 1885, voltaram a ter o Santissimo Sacramento. Mas o pleito sobre a demolição da casa foi a cruz que continuou a carregar, com muito sofrimento e grande coragem, o P. Henrique.

### **Os amigos também falham**

No centro de tanta dor esteve também a amizade. O P. Henrique foi um bom amigo e de uma grande fidelidade. Agora via truncadas as esperanças que depositara nos seus grandes colaboradores nas obras teresianas. Porquê todos contra? Já o vimos e não vale a pena analisá-lo mais. Creio, no entanto, que o que mais interessa é observar a sua atitude face a essa dor, sem deixar de pôr em prática uma virtude que marca fortemente a existência de alguém e que nos permite avaliar a sua qualidade humana e sobrenatural: a caridade.

E imprescindível recorrer aos testemunhos daquelas pessoas que presenciaram dia a dia as suas reacções. Mesmo daquelas que, durante a vida do P. Henrique, não assumiram abertamente uma atitude a seu favor. Todos reconheceram que o seu silêncio, a sua caridade, a sua mansidão foram extraordinários. Ninguém foi capaz de encontrar nele a mínima sombra de amargura que o tivesse levado a cometer faltas de caridade. E isto, conhecendo as circunstâncias do pleito, é das coisas mais admiráveis da sua vida.

Vejam os que disse um dos advogados, José Maria Salvador y Vicente:

«O P. Henrique procedeu sempre de boa fé no processo; seguiu o procedimento canónico legal e exercitou heroicamente a virtude da paciência; nunca manifestou ódio nem malquerença contra ninguém e perante a oposição que lhe fizeram, chegou até a elogiar os seus adversários dizendo que se tratava de “contradição de bons”».

É também admirável o testemunho de um sacerdote jesuíta que contactou com ele durante muitos anos e precisamente durante aqueles em que o processo esteve mais aceso: de 84 a 87 e de 91 a 95:

«A caridade que tinha para com o próximo, não só o levou a amar os seus amigos, mas também os seus detractores, pois nunca disse mal de nenhum deles; pelo contrário, falava bem de todos e mais ainda, se possível, dos que não aprovavam a sua obra e lhe eram contrários. Sei isto, particularmente, pelo P. Miguel Franch, já falecido que, durante muitos anos, foi pároco da freguesia de El Jesús, em Tortosa, e que, falando da

contradição que sofrera o P. Henrique, com quem contactava muito, me disse que, todas as vezes que quis falar com ele do processo, sorria e louvava os seus adversários».

Atenuados pela admiração e carinho de filhas, mas com a riqueza que lhes confere o contacto muito mais frequente que o de outras pessoas, são preciosos os testemunhos de algumas das fundadoras. Todos são da mesma opinião quanto ao silêncio caritativo e cheio de compreensão:

«Não me recordo de alguma vez ter ouvido o Servo de Deus falar dos defeitos do próximo, nem sequer dos seus adversários. Sempre interpretava em sentido favorável todas as acções dos outros...» (Madre Maria Teresa Blanch).

«Nunca o ouvi falar mal do próximo e quando lhe dirigiam alguma palavra de crítica acerca de outra pessoa, se fosse uma religiosa, repreendia-a, se fosse outra pessoa, afastava-se. Nem sequer permitia críticas acerca das crianças pequenas, porque dizia que tantos direitos humanos tinha a honra dos pequenos como dos maiores» (Madre Rosario Elías).

Podíamos multiplicar os testemunhos, mas creio que bastam estes.

Uma caridade que passa pelo crisol da prova, confirma-se, aumenta e toma-se muito mais semelhante à de Cristo e à do Pai «que faz chover sobre bons e maus».

### **«A verdade padece, mas não perece»**

E como esta foi sempre a sua mais íntima convicção, sofreu, padeceu e lutou pela verdade, mas com uma atitude serena, paciente, cheia de mansidão e de fortaleza. Sabia que a verdade podia esperar. Não teve pressa, nem sequer pretendeu ver os resultados da sua luta e do seu padecimento.

Quando no ano de 1967 como disse – se descobriu aquele documento a que chamavam, nos círculos jurídicos, «non nata» – a sentença a seu favor que tinha abortado – a figura do P. Henrique ficou engrandecida à altura da verdade, essa verdade que padeceu com ele, mas que não podia perecer. E agora, ao manifestar-se, mostrava também o rosto de um homem lutador, que tinha sabido suportar a contradição, embora alguns considerassem a sua luta como «contumácia», teimosia e até «desobediência» ao Bispo. Defender a verdade com valentia pode acarretar esses adjetivos. Não há dúvida. Há ocasiões em que é muito mais simples “deixar andar”. Mas o P. Henrique não era desses. Queria, como diria em certa ocasião, defender direitos «que, por não serem meus, são para mim mais sagrados». Eram muitas as Irmãs que ali tinham depositado o seu dote e eram muitos os interesses de terceiros que seriam prejudicados. E sobretudo, ficaria prejudicada a verdade que há-de sobrepor-se a tudo.

A dose de paciência que tem de se ter para aguentar, durante mais de dez anos, o calvário de andar de tribunal em tribunal, de suportar comentários, críticas, opiniões, sem dizer uma palavra, sem se queixar, sem se azedar, é algo que nos deixa profundamente admirados.

A sua paciência manifestou-se também em mil pormenores, independentemente do pleito.

Contam-se histórias comoventes, precisamente porque todos sabemos a grandeza de alma que é necessária para suportar o dia-a-dia, às vezes até mais que para as coisas grandes e espectaculares. Era uma paciência nascida da aceitação serena da vontade de Deus que via nas mínimas circunstâncias. Como daquela vez em que a Irmã da portaria «regou» inadvertidamente uma pasta com documentos importantes que o Padre deixara

atrás da porta. Nem uma palavra de queixa. Apenas «Valha-me Santa Maria!». Ou aquela outra ocasião em que uma senhora, para cúmulo sua parente, que lhe devia uma boa soma de dinheiro muito necessário para acabar as obras, o tratou de uma maneira indigna. Ao ir, com toda a humildade e pela enésima vez, pedir-lhe o dinheiro que lhe devia, a senhora, despeitada, deu-lho sim, mas em moedas pequenas; isso equivalia a um bom montão de sucata que, para o humilhar, atirou ao chão. O P. Henrique não disse uma única palavra, abaixou-se e durante bastante tempo arrastou-se pelo chão, apanhando moeda a moeda. Ao terminar, agradeceu e foi-se embora. Fácil de dizer!, mas...

Paciência, por outro lado, que requer uma fortaleza a toda a prova e se manifesta na igualdade de ânimo, uma virtude bastante ignorada, mas fruto da união com Deus, da paz interior e da bondade do coração. Esta igualdade de ânimo deixava profundamente admirados aqueles com quem convivia. Ninguém conseguia perceber o que nele se passava nos piores momentos do processo.

A Madre Teresa Rubio, que tive a dita de conhecer na minha juventude, e que parecia conservar, no olhar penetrante e profundo, nos seus quase noventa anos, toda a força herdada do Padre, disse dele coisas belíssimas. Conheceu-o a fundo, muito de perto, muito no dia a dia, nesse contacto frequente em que poucas coisas nos escapam:

«Nunca dei conta, no nosso Padre, de nenhum gesto, expressão, acto ou escrito que revelasse abatimento de espírito. Pelo contrário, a sua qu3-lidade característica era a magnanimidade; e nas contradições e dificuldades parecia aumentar o seu ímpeto e confiança em Deus...

Eu, que vivi muitos anos perto dele na Casa Mãe em Ganduxer, e fui sua secretária nos nove últimos anos da sua vida, em que com muita frequência ali residíu, nunca teria podido acreditar, fixando-me apenas no seu aspecto exterior e nas suas reacções, que estava a sofrer aquela terrível contradição do processo.

A última vez que teve de ir a Roma por causa desta questão, no momento em que devia estar mais angustiado por a tempestade aumentar de intensidade, vendo a tristeza com que o acompanhávamos até à porta do jardim, a Madre Teresa Plá e eu, consolou-nos, recomendando-nos que comungássemos todos os dias até ele voltar. É de Marselha e de Génova mandou-nos um telegrama com estas palavras de ânimo: “Sursum cordis».

Que maravilha de ânimo e que delicadeza de alma para com os seus amigos! Esquecer-se da própria dor para consolar. Creio que aquele telegrama deve ter sido um tesouro para as duas irmãs. Jamais o esqueceriam. Embora, na verdade, estivessem habituadas a estas minúcias de Pai e amigo.

É esta a breve história de uma luta pela verdade, serena, paciente, caridosa, que lhe marcou a vida com a cruz durante muitos anos, que ocultou a verdade no padecimento, mas que não permitiu que morresse. Porque a verdade é eterna e imperecível, e um dia, embora tivessem de passar muitos anos, descobriu-nos a grandeza que encerra quando alimentada pelo amor. Sim, é bem certo que «a verdade padece, mas não perece»: vive em pessoas como Santo Henrique de Ossó que sabem defendê-la com pureza de coração, humildade e amor.

## **12. ASSIM FOI ESTE GIGANTE DA FÉ**

### **Manifestações da época: as peregrinações**

Peregrinar foi sempre uma maneira de manifestar a fé, de unir os crentes num

empreendimento comum, de os sensibilizar a respeito de algum lugar sagrado e de os ajudar a conhecer a história da Igreja.

Mas há certos lugares – e certas épocas – mais propícios para as peregrinações.

Os tempos de Henrique de Ossó foram desses. Roma, em primeiro lugar, a chamada «Cidade Eterna», foi sempre um lugar desejado por todos os que partilham a mesma fé.

Para Henrique de Ossó, concretamente, havia ainda outros lugares que lhe despertavam a atenção e aos quais procurou ir em peregrinação e organizar peregrinações; um desses lugares é compreensível, no caso dele: refiro-me ao Santuário de Montserrat, à Virgem Morena, padroeira da Catalunha, que, como sabemos, amava ternamente desde a infância Também não nos custa a acreditar que todos os lugares relacionados com Santa Teresa tivessem para o santo um atractivo especial: Ávila, Alba de Tormes, Salamanca, Burgos... Mas sobretudo as duas primeiras cidades, a do nascimento e a da sepultura de Teresa de Jesus.

Estas peregrinações tinham algumas notas características: o fervor e a austeridade. E claro que nada tinham a ver com as que actualmente organizam as Agências de viagens, que são mais turismo que outra coisa, embora se visitem os «lugares santos» ou se assista a alguma cerimónia religiosa «ad casum», como seja uma Beatificação. Naquele tempo, a começar pelas dificuldades dos meios de comunicação e pela natural austeridade de vida imposta pela situação económica média do povo espanhol, não podiam fazer-se senão com bastante simplicidade.

Mas interessa mais outro aspecto das peregrinações organizadas por Ossó: a capacidade de convocação, de motivação, de organização e de entusiasmo com que soube animar as que promoveu aos lugares mencionados.

Começou com umas «mini-peregrinações»: as organizadas em Tortosa com as crianças das Catequeses ou dos «Rebanhitos do Menino Jesus». Ia com elas a pé, entre cânticos e orações, até à ermida de Mig Camí. Ali tinham algum acto de piedade, depois merendavam na grande esplanada que está diante da Igreja, brincavam e, satisfeitas com a experiência, regressavam por entre terras semeadas e matas, enchendo de novo os caminhos com a alegria fervorosa dos cânticos. Quanta alegria lhe deram, na juventude, aqueles encontros infantis!

Depois foi com a Arquiconfraria e outros amigos teresianos que animava através da Revista *Santa Teresa de Jesus*. Iriam mais longe, percorrendo o itinerário teresiano de Ávila e Alba, que já conhecia pela sua primeira peregrinação a esses lugares com o amigo Altés.

Foi uma iniciativa de animação que incluiu o anúncio contínuo na Revista e, mais tarde, a direcção do grupo de peregrinos que, no dia 20 de Agosto de 1877, saíram de Tortosa. Iam juntar-se aos 4.000 peregrinos espanhóis. Uma grande parte do entusiasmo geral ficou a dever-se ao P. Henrique. O programa dos peregrinos era exaustivo, mas repleto de espiritualidade e unção. Disso se encarregava o nosso santo.

Desfrutou e não perdeu tempo... Até trouxe consigo uma vocação para a Companhia. Vejamos o que diz numa carta para as Irmãs de Tarragona, ao regressar da peregrinação, datada de 30 de Agosto:

«Estimadas filhas em Jesus:

Estamos hoje de regresso, os peregrinos teresianos, após termos passado três dias em Alba, pregando e ajudando no Pontifical da Missa de um senhor Bispo, e tendo muitas teresianas passado toda a noite em vigília, com outros fiéis e

sacerdotes, junto do coração da Santa.

Que coisas faz a Santa! Veio com Saturnina, para reforçar a Companhia, uma teresiana de Salamanca chamada Vicenta. Andava a estudar para professora e está bastante adiantada. Parece-me que é uma travessura da Santa, pois foi em Alba que se combinou a sua vinda. Os pais dela são muito bons e aceitaram muito bem...».

Voltaria aos lugares teresianos passados alguns anos. Em 1883. Quem conhece as datas teresianas, certamente perguntará porque não foi em 1882, III Centenário da morte da Santa. Muito simples... ou muito complicado, conforme o ponto de vista. Houve implicações políticas na organização do Centenário e Ossó, que começara a envidar todos os esforços em ordem à peregrinação, resolveu afastar-se. Um ano depois, no entanto, já longe dessas questiúnculas humanas, partiu com um grupo de peregrinos a desagrar a Santa. Um roubo afectara não só o património artístico de Espanha, mas também o coração dos que se consideravam amigos da Santa: a mão, carregada de jóias, da escultura atribuída a Gregório Fernández. Henrique de Ossó encarregou-se da colecta para recuperar a mão, que agora seria de ouro. Em 1880 encarregou-se ainda de outras duas peregrinações. Dessa vez, a Montserrat. A primeira, organizada na Catalunha para celebrar o Milénio, foi muito solene. Centenas de milhares de peregrinos de todas as regiões catalãs ali se reuniram. O P. Henrique animou a peregrinação com o seu entusiasmo habitual, a partir da Revista, e nela publicou a letra do “Virolai” que o seu amigo Verdaguer escrevera. Aquele encontro maciço teve lugar nos dias 24 e 25 de Abril. Mas Ossó ficou no Mosteiro até aos dias 28 e 29, nos quais teria lugar o encontro dos sacerdotes das dioceses catalãs. Não podia faltar. Como disse Gabemet na sua biografia, *El Lleal Contestatari*, «poucos catalães amaram a Mãe de Deus de Montserrat com tanto entusiasmo e gratidão como Henrique de Ossó y Cervelló»..

Teve também a alegria de ir a Roma com quinhentos peregrinos de Tortosa – a quinta parte da totalidade dos peregrinos espanhóis! – em Dezembro de 1887, para celebrar os cinquenta anos de sacerdócio do Papa Leão XIII. Foram dias de profunda felicidade porque o seu espírito, aberto desde a infância às coisas da religião, gozava com tudo o que fosse comemoração e vivência de Cristo e da sua Igreja. Em Roma, com um candor evangélicamente infantil, recordava sempre a vida dos primeiros cristãos e via naquelas ruínas a fé dos protomártires.

Pôs todo o seu empenho em organizar também esta peregrinação e participou nela com as madres Saturnina Jassá e Teresa Plá, em representação da Companhia de Santa Teresa.

### **Viajando incansavelmente**

Não foram só peregrinações. Viajou extraordinariamente, se tivermos em conta os meios de comunicação da época. Nisso não foi inferior a Santa Teresa. Normalmente não viajava de carruagem, mas sim em comboios muito semelhantes aos que se inauguraram em 1848 na linha Barcelona-Mataró e, anos depois, na de Madrid-Aranjuez. Na altura em que os dois catalães, Miguel Biada e José Maria Roca, conseguiram que o seu plano fosse aprovado, Henrique tinha apenas oito anos de idade. Até 1868, a rede ferroviária espanhola permaneceu relativamente incompleta. E as ligações com a França e com o resto da Europa, sabemos bem as dificuldades que tiveram – e que continuaram a ter até há pouco tempo – por causa da diferença dos carris espanhóis. Os transbordos,

naquela época, não seriam muito agradáveis, pois pressupunham pernoitar muitas vezes. Não havia horários muito completos nem tinham apeadeiro nem estação em muitas povoações. Ia-se de diligência ou por outros meios, até a cavalo. Não lhe era fácil, não. dos «Rebanhitos» pelas paróquias da Catalunha, Aragão, Valência e Castellón, e as numerosas casas da Companhia, que começou a propagar-se com uma rapidez incrível, obrigavam-no a viajar continuamente. Estas viagens nunca eram desperdiçadas sob o ponto de vista pastoral: pregações, conversas, sacramentos e... as inúmeras diligências de todo o género, sem excluir as relacionadas com o famoso pleito.

A expansão da Companhia de Santa Teresa, como digo, foi rápida. Em 1889, só treze anos após a fundação, tinham já sido feitas trinta e duas fundações. Fora da Catalunha, em Aragão (La Almunia), Valencia, Alcira, Salamanca, Ciudad Rodrigo e La Rioja (Calahorra). E acabava de se chegar a Madrid.

Mas não só. A expansão atingiu o estrangeiro. A primeira saída foi para Portugal –Fraga (Viseu) – a segunda para África (Oran), em 1885. E a terceira a mais espectacular –para o México. Era preciso atravessar o Atlântico, e foi em 1888, doze anos apenas após a fundação. Creio ter sido um bom percurso.

Como das outras vezes, interessa-nos penetrar nas suas disposições e vida interior ao longo dessas viagens e na superabundante actividade que pressupunham da sua parte.

As cartas são o melhor testemunho pessoal de como vivia. Deixam-nos apreciar a atitude de um homem cheio de vida, interessado por tudo, sensível ao que o rodeia, mas sempre dependente do que ele chamava, com uma das suas frases consagradas, «os interesses de Jesus». Apenas o exemplo de uma carta escrita de Portugal para a Madre Satumina:

«...São muito bons nesta cidade (Braga), ao contrário de noutras onde insultam os sacerdotes. O meu chapéu e capa espanhóis são a admiração de todos os que param para ver uma coisa tão rara por estas terras. Muitos obséquios me fazem estas boas gentes e por isso lhes estou “muito obrigado”, como elas dizem. Muitas se preparam para vir para Espanha –refere-se a novas vocações para a Companhia –e boas; e espero que vos hão-de suplantar no amor ao Senhor, pois são almas eleitas e habituadas a lutar. As mulheres usam aqui um lenço preto, como os que fizeram para as Irmãs em viagem...

tenho saudades da “minha terra da Virgem Maria e Teresa de Jesus” e desejo ver as minhas filhas no Senhor...

Não podeis imaginar quão perdido anda o mundo e quão poucos são os que procuram os interesses de Jesus. Todos procuram tornar-se ricos e aumentar os seus interesses, mas não os de Jesus Cristo.

Vós, minhas filhas, e da grande zelosa da honra de Cristo, Teresa de Jesus, olhai por essa honra, porque sois suas esposas muito amadas».

Transparece a alma de um homem que vive a todo o momento o desejo de propagar o reino de Cristo e que, entregue a uma intensa actividade, nunca abandona a atitude pessoal de profundo amor a Jesus, por quem viaja, prega, fala, come, dorme, vive, numa palavra.

### **Filho fiel da Igreja**

Este é um dos aspectos que mais o caracteriza, como bom discípulo de Santa Teresa. Se é verdade que foi precisamente da Igreja que recebeu alguns dos maiores desgostos

da sua vida, também é verdade que o P. Henrique teve sempre capacidade para distinguir entre o que eram erros humanos, inerentes a qualquer obra em que interve-nham os homens, e a Igreja Mistério, prolongamento de Jesus Cristo na terra. Também é verdade que os estudos teológicos e pastorais, enriquecidos pelo Concílio Vaticano II, incrementaram consideravelmente este modo de ver que, evidentemente, não era tão nítido nos tempos de Ossó. Mas os santos têm sempre a capacidade de intuir essas verdades e de as viver com simplicidade de coração.

Com essa simplicidade viveu o seu amor ao Papa e a sua adesão inquebrantável à Igreja de Cristo. Com essa simplicidade usufruiu de tudo quanto vinha da Igreja e com ela defendeu sempre a veneração do Vaticano e do representante de Cristo na ter-ra.

Conheceu dois grandes pontífices, Pio IX e Leão XIII. Coube-lhe viver momentos históricos da Igreja, cheios de luzes e sombras. Amou sobretudo a Igreja, com espírito filial e com grande percepção sobrenatural, na pessoa do Vigário de Cristo. Sofreu sentidamente as vicissitudes que o espólio dos Estados Pontifícios – a história, também a da Igreja, só se entende à distância – e a prisão de ambos os pontífices significaram para os fiéis. Foi a Roma várias vezes, tendo visitado Pio IX e Leão XIII, e dedicou muitas páginas da sua Revista Teresiana, tanto a motivar e vivificar a adesão dos fiéis à Igreja, como a tornar conhecida a sua doutrina. Neste sentido, a primeira das grandes encíclicas sociais de Leão XIII, a *Rerum Novarum*, teve, graças a Ossó, uma ampla difusão, já que lhe ocorreu publicá-la em forma de Catecismo, para tornar mais acessível a linguagem das cartas papais que ainda hoje é difícil para o povo simples.

Como tinha uma grande capacidade de convocação e de animação, empregou-a sempre que pôde em mobilizar campanhas. Bastará recordar uma: a de Outubro de 1876, quando o grande número de peregrinos catalães despertou fortemente a atenção, até do próprio Pio IX, já idoso e necessitado, nos seus dias de angústia, dessa homenagem de amor filial. O curioso é que essa manifestação depressa foi conhecida pela designação de «peregrinação teresianas». Ossó não esteve presente, devido às suas múltiplas ocupações nesse ano. Mas animou-a como ninguém e sempre a partir do seu profundo e entusiasta teresianismo. Vejamos alguns parágrafos dessa convocatória na Revista de Julho:

«Iremos a Roma se a celestial padroeira e a diligenciadora de negócios para a maior glória de Jesus (Teresa de Jesus, claro), nos deixar uns dias um pouco livres para reiterarmos ao grande Pontífice a nossa ilimitada e inquebrantável ade-são à sua pessoa e à sua cátedra infalível.

Ireis connosco a Roma? Fazemos esta pergunta a todos os nossos amigos teresianos que hão-de distinguir-se pelo seu amor ao Sumo Pontífice, já que são devotos daquela Santa compatriça que, à hora da morte, exprimia a sua maior dita repetindo: “Enfim, sou filha da Igreja”».

Nesta mesma linha de adesão, encontramos na Revista Teresiana, páginas dedicadas a Pio IX, com profundo amor, quando da sua morte. E poucos dias depois, com grande espírito de fé, uma manifestação de imensa alegria pelo novo Vigário de Cristo.

Dele diria um grande conhecedor do seu espírito, Francisco Marsal, que «o seu amor ao Papa e à Igreja era grande e que o manifestava tanto nas conversas como nos escritos».

Não é de estranhar que, mais que uma vez, tenha exprimido o desejo de que fosse colocado na sua sepultura o epitáfio: *Sou filho da Igreja*. E assim se fez.

**«Tendes fé? Então, para a frente!»**

Um dos aspectos mais comoventes da personalidade espiritual de Henrique de Ossó é a sua fé. No meu entender, merece o título que lhe atribuí: gigante da fé. Que grande era a que tinha o nosso santo! Que capacidade de ver todas as coisas numa perspectiva sobrenatural! Que confiança ilimitada na bondade e no amor de Deus!

Sabia-se infinitamente amado por Deus e repousou sempre nesse amor. Essa foi a raiz da sua confiança.

Foi também esse o grande ensinamento comunicado às suas filhas. Não quis que se preocupassem muito em saber qual o grau de amor em que se encontravam, mas em sentir-se amadas por Deus. Daí que nada o fizesse temer nem recuar, ao tratar-se do amor. Dedicou um capítulo de *O Quarto de Hora de Oração* a considerar esse amor de Deus manifestado em Jesus. E parece que não se cansa de repetir aquela pergunta que ficou gravada em muitos jovens ao meditar as suas páginas: «Jesus meu, porque me amas tanto?»

E um homem que se sente assim amado por Deus, que saboreia o amor de Jesus dessa maneira, é lógico que seja um gigante da fé.

Poderíamos dedicar páginas e páginas a esta virtude teológica do santo e às suas múltiplas manifestações. Mas mereceriam um estudo à parte.

Vou fixar-me em dois aspectos desta fé e confiança em Deus.

Em primeiro lugar, na sua imensa capacidade de crer que a fé faz milagres.

Em segundo lugar, na atitude existencial que inclui uma confiança infinda em Deus no meio das dificuldades e das perseguições.

O primeiro aspecto da sua fé é apenas a concretização do mais genuíno sentido evangélico no que se refere aos milagres. As palavras de Jesus, ao operar curas, são geralmente estas: «Vai em paz, a tua fé te salvou». Ou: «que se faça conforme acreditaste».

E esta fé manteve-o sereno quando as obras que empreendia requeriam forças materiais ou espirituais superiores às pobres capacidades dos que as realizavam.

Penetremos num dos grandes milagres de fé, num dos mais encantadores e de maior repercussão na vida do santo: a Casa-Mãe de Ganduxer, em Barcelona, obra do arquitecto Gaudí.

A história é conhecida e de uma deliciosa confiança evangélica. Pondo de parte muitos pormenores da construção nos seus inícios, o caso que nos interessa é o seguinte: o santo conhece António Gaudí, o representante máximo do modernismo catalão, e entrega-lhe a obra. Diz-lhe que deseja que a Casa-Mãe seja, ao mesmo tempo, um símbolo de espiritualidade teresiana.

António Gaudí embrenha-se nas íngremes veredas espirituais de *As Moradas* teresianas e, com aquela grande capacidade que tinha de se introduzir no mundo dos símbolos, vê no Castelo interior uma imensa possibilidade de jogo arquitectónico e artístico.

Fala, «peleja» com o P. Henrique e entre ambos, depois de muitas dificuldades, deixam a Barcelona uma obra imperecível, visitada hoje por milhares de turistas admiradores de Gaudí que, em muitos casos, graças às explicações da Irmã Maria Teresa Fernandez, se converteram de simples observadores de arte, em admiradores da doutrina teresiana de *As Moradas*.

Até aqui, tudo muito bonito, mas possível. Onde está o milagre? Precisamente na relação entre o resultado final e a precariedade dos começos. Quando Gaudí começa a falar dos seus projectos, da sua simbologia, das suas ideias geniais, Henrique diz-lhe que tenha cuidado porque conta com muito pouco dinheiro. Mas António Gaudí ignora ao que se refere com esse «pouco» um tanto flexível.

Então, o próprio Gaudí foi entrando naquele jogo maravilhoso de ousadia e pobreza que faz da casa de Ganduxer o que o próprio Ossó chamaria: «um aglomerado de milagres». Porque, ao ir ver quanto dinheiro havia nos cofres ao começar a obra, a administradora teve que confessar: UMA PESETA!

E começou-se. E acabou-se.

Claro que teve a dita de dar com Gaudí, outro idealista, capaz de lhe dizer nos momentos difíceis: «Olhe, Padre, o senhor a dizer Missas e eu a fazer casas, entende?»

Já na compra do terreno, *Ossó* teve que ensinar às teresianas que, pouco a pouco, iriam sendo contagiadas pela sua fé, o que é confiar de verdade na Providência. E um belo dia foi com as mais novas medir um terreno do Sr. Ganduxer, nos arredores da Barcelona do séc. XIX. À medida que as Irmãs iam medindo e perguntando se já chegava, o P. Henrique limitava-se a responder: «Tendes fé? Então, para a frente!»

Sim, verdadeiros milagres aconteciam todos os meses e todas as semanas, quando havia que pagar salários. Uma ou outra vez teve que se suspender a obra, mas por pouco tempo; chegava sempre a tempo a soma precisa. E o mais espantoso é que, quando as Irmãs iam ter com o Padre, admiradas, para lhe dizerem que um senhor desconhecido, que «parecia S. José», lhes dera exactamente o que lhes faltava, ele ficava quase impassível ou, quando muito, perguntava-lhes: «Mas, não tínheis fé?»

Numa ou noutra ocasião, via-as aflitas e a duvidar de que pudessem chegar ao fim do mês, ou como conseguiriam ultrapassar qualquer outro tipo de dificuldades, que não faltaram nos começos nem faltam nunca. Então, dizia-lhes: «Mas, filhas minhas, deitais-me tudo a perder com a vossa falta de fé».

Quanto ao segundo aspecto da fé, o de repousar confiadamente no Senhor quando a vida se torna difícil, foi também uma das características mais admiráveis do Santo.

Os exemplos da sua ilimitada confiança em Deus, que se reflecte na serenidade de ânimo, na paz, na mansidão e na magnanimidade, são muito numerosos.

Um dos mais belos é o da sua resposta ao sofrimento causado pelo interdito: «Vós, filhas, calai, orai, esperai...» Esperar, mas não só que o tempo arranje as coisas e acalme as tempestades; esperar no Senhor que pode enviar-nos consolação no meio das nossas penas; e esperar pela verdade que «padece mas não perece».

Precioso, neste sentido, é o testemunho do sacerdote, seu amigo, P. Manuel Carceller:

«Se por esperança se entende fé em Deus, o P. Henrique manifestou-a nas contradições e no modo de as sofrer, pois tinha a plena certeza de poder suportá-las e vencê-las e de permanecer nos seus santos propósitos. Costumava repetir: “Teremos dificuldades, mas venceremos”»,

Resistindo às contradições, mostrou-se um verdadeiro santo.

Quanto mais penso na sua confiança, na sua imensa fé, tanto maior me parece a figura gigantesca deste homem de Deus».

### **«Esperai e vereis grandes coisas»**

E há um terceiro aspecto da sua imensa fé: a esperança, nessa outra dimensão que leva à santa ousadia.

E uma virtude eminentemente teresiana: «tanto tenho quanto espero».

Com Teresa de Jesus aprendera esta largueza de espírito no mundo das graças divinas. Estava convencido, como a Santa, de que receberíamos muito mais graças do Senhor se

tivéssemos fé. Que o Senhor age em nós na medida dos nossos desejos e da nossa confiança n'Ele. Que de nada mais está à espera, a não ser de nos dar os seus dons.

Daí a conhecida frase: «Esperai e vereis grandes coisas».

Já nos começos da Companhia, dizia às Irmãs de Tarragona que acabavam de emitir o voto de castidade, primeira consagração oficial da sua vida religiosa:

«Olharei por vós de hoje em diante, filhas minhas, com maior respeito e santo apreço, porque, de um modo especial, sois consagradas ao bom Jesus, sois suas esposas, vasos sagrados dedicados ao Senhor...

Sede fiéis a esta graça, que não é a maior, na minha opinião, que vos tem reservada Jesus e a sua Teresa. Disse-vo-lo e não me cansarei de vo-lo repetir: esperai e vereis grandes coisas... Amor, confiança ilimitada... Orai e esperai...»

«Disse-vo-lo e não me cansarei de vo-lo repetir». E assim fez. E talvez uma das frases que mais vezes repete nas suas cartas e escritos. É o fruto da sua profunda convicção de que, na vida cristã, Deus age em nós muito mais que nós mesmos. Que o mais importante é «deixar agir o Senhor» e que não alcançamos por ser pouca a nossa confiança.

Também é fruto dos seus ilimitados desejos de Deus. Desejos que irão crescendo de um modo visível através dos anos e chegarão a ser quase irresistíveis e inefáveis, como os da Santa. Desejos que o fizeram suspirar por «aquela vida do alto», como Santa Teresa. Repetiria muitas vezes, até se comover profundamente, os versos teresianos do «mono por que não morro» e ensinaria as noviças a cantar uns outros, escritos por ele próprio:

«Desterrada da minha pátria na terra da dor, por ti, ó céu, eu suspiro pátria do eterno amor».

### **13. ASSIM MORREM OS SANTOS...**

#### **«Para quê penar mais?»**

Quando no relógio da Providência soaram as badaladas da «sua hora», a hora da morte, há muitos anos que começara o processo místico que Teresa de Jesus deixou simbolizado no bicho-da-seda. Nas quintas moradas, a Santa descreve a mudança maravilhosa do ser humano invadido pela graça: a morte em Cristo para ser transformado no homem novo. «Crescida, pois, esta lagarta, começa a fabricar a seda e a edificar a casa onde há-de morrer. Esta casa queria eu dar a entender aqui que é Crista».

A casa estava já edificada. E a alma de Henrique de Ossó vivera muitos anos nessa contínua morte para entrar na vida de Cristo. Tinha andado depressa, já que apenas contava cinquenta e cinco anos. Concretizara o desejo da Santa: «Pois, minhas filhas! Demo-nos pressa em fazer este trabalho e a tecer este casulo, despojando-nos do nosso amor próprio e da nossa vontade, deixando de estar presas a qualquer coisa da terra...».

Disto encarregou-se o Senhor, que o amava infinitamente. Encarregou-se de que o amor próprio fosse morrendo, de que se fosse desprendendo das coisas deste mundo. Era requisito imprescindível para ver a Deus. «Morr a, morra este verme tal como o da seda em acabando de fazer aquilo para que foi criado, e vereis como vemos a Deus e nos vemos metidas na sua grandeza».

Mas este processo de morte-vida teve os seus momentos fortes.

Um deles seguimo-lo através das coordenadas históricas de pleito.

O outro atingiu mais profundamente as fibras da sua sensibilidade porque, ao tratar-se da sua querida Companhia, qualquer dor ou desamor era mais dilacerante.

Ao chegarmos ao ano de 1896, ano da sua morte, encontramos-nos no final de um longo período de dolorosos desprendimentos. Começara havia dois anos, embora se tivesse ido preparando desde finais de 1889, quando teve lugar o Segundo Capítulo Geral da Companhia e foi eleita Geral a Madre Rosário Elés.

Depressa se começou a evidenciar que a saúde da Madre Geral e, sobretudo, a sua psicologia um tanto doentia, não lhe possibilitavam estar à altura do seu cargo e muito menos ao nível de um homem de altos voos como Henrique de Ossó.

As cartas de 1894 já são reveladoras. De uma delicadeza e uma prudência extremas, mas deixando entrever um pouco do problema e da crise.

Do espinho que, pouco a pouco, se foi cravando no coração do P. Henrique, já muito dilacerado, pouco transparecia. Muito mais visível era o desejo de que a Companhia fosse para a frente e de que a pobre Geral tivesse luz para sair da própria crise que corria o risco de contagiar outras...

As coisas foram piorando. Ao Padre chegavam queixas: as cartas enviadas ao Conselho Geral não recebiam resposta, não se fazia a tempo a votação para as Irmãs professarem e muitos assuntos iam ficando pendentes. Entretanto, a sensibilidade doentia da Madre Geral levava-a a desconfiar e a ver ofensas no que não passava de imaginação do próprio eu ferido.

O Padre sofria em silêncio ou exortava quando podia. Algumas vezes repreendia com firmeza, como naquela ocasião em que escreveu estas palavras ao Conselho, atendendo às queixas das responsáveis pela formação:

«Eu sinto o mesmo. E canso-me de semear sem colher por falta de quem cuide. Se não se dotar o Noviciado de melhor pessoal, não voltarei, para não ser cúmplice deste mal que não se trata de remediar, e as consequências são irreparáveis...».

As coisas pioraram cada vez mais.

No dia 14 de Outubro de 1895 foi-se embora, depois de se ter afastado cada vez *mais*. Ou, melhor dizendo, depois de cada vez mais o afastarem. A 14 de Outubro, digo, partiu, como tantas outras vezes, para o Noviciado de Tortosa.

Em Novembro foi ainda de viagem a Barcelona para tratar de assuntos... Mas... já não ficou hospedado na Casa-Mãe de Ganduxer. A sua querida Casa-Mãe, aquela em que sempre tinha sido recebido como pai e mestre, onde os garotos corriam pelos artísticos corredores para o receberem, cheios de alegria, e ele os cobria de amor, escondendo-os debaixo da capa. Aquela casa querida onde tinha o seu escritório e... o seu coração. Não, não se hospedou em Ganduxer, mas em casa do irmão. Foram visitá-lo algumas madres do Conselho Geral e recebeu-as com alegria, serenidade, uma paz em que já transparecia um pouco de céu.

Na noite de Natal, depois da festa, foi outra vez para Tortosa. Ali permaneceu nos dias 26, 27 e 28. Via-se nele algo de extraordinário que mais que uma Irmã notou. Falava pouco, mas se o fazia, era de Deus e com uma unção que impressionava. Até o ouvirem dizer, mais que uma vez, com a mão sobre o peito: «Dai-me, Jesus meu, vida e morte de amor divino, a mim e a todas as pessoas que amo...».

Por fim, no dia 28, disse que se ia embora. Para onde? Ninguém soube. Repararam que

havia um pouco de mistério naquela partida. E... que não tencionava despedir-se das noviças, a quem tanto queria. Foi um diálogo sereno, mas doloroso:

-Padre, vai-se embora?

-Sim, filha, que queres?

- E vai sem ver as noviças?

Limitou-se a abanar a cabeça e, em voz baixa, como que para consigo mesmo, com os olhos brilhantes, disse:

-Para quê pensar mais?

### **O contemplativo que sempre foi**

Viam-no cada vez mais perto de Deus. Parecia que a contemplação lhe invadira já todo o ser.

Também as suas cartas deixavam transparecer algo de divino.

Que preciosas as últimas que escreveu à Madre Rosario Elías, precisamente...!

«Serve a Deus com espírito filial, filha minha. E teu Pai, que sabes que te ama, e esta consideração deve bastar-te para viver em paz e servi-lo com ternura, confiança e amor. Se não buscares em todas as outras coisas senão conhecer a sua vontade e cumpri-la, viverás em abundância de paz e nada te perturbará...»

«... Ao alto os corações, os desejos, os olhares, as obras; tudo para Jesus e por Jesus. Somos de Jesus. Oh, repete-o muitas vezes, filha minha:

Jesus meu e de todas as coisas!... Senhor, tu sabes que te amo... Tu, todo meu e eu, toda tua... Que feliz sou! Viva Jesus!».

E partiu de retiro. Para o Deserto de las Palmas, como de outras vezes. Queria fazer Exercícios Espirituais e descansar... Passar uns dias em solidão e silêncio, planificando para o futuro. Se durante toda a vida tinha tido aquele costume de procurar, na oração silenciosa, a vontade de Deus, agora que as coisas estavam cada vez mais difíceis, optou por se calar e deixar que o Senhor falasse.

O que não podia adivinhar era que a palavra que Jesus agora tinha para lhe dizer era aquela tão maravilhosa: «Vem, bendito do meu Pai...».

No Deserto não havia silêncio. Amigos, conhecidos. Queria um local mais solitário...

Falaram-lhe do convento franciscano de Santo Espíritu del Monte, em Gilet de Valência. E foi para aí.

Viveu os últimos dias da sua vida como monge. Significativo. E em pobreza franciscana, e em colóquio com a natureza, e na simplicidade do solitário faminto de Deus. Providencial, tudo providencial.

Fez Exercícios e continuou ali. Passeou calmamente pelas galerias do claustro, pelas veredas agrestes e sombrias dos arredores, sentou-se à sombra dos pinheiros, passou muitos momentos em oração.

Gostou da simplicidade dos leigos que se aproximavam para falar com ele, porque viam que já só tinha uma palavra –Deus –e um só refúgio –o céu:

- «Irmão, está a ver? Que linda noite, que bonito está o céu! Se por fora é tão belo, que será por dentro?»

Horas depois o saberia.

**«Que eu não me vá deste mundo  
sem te ter conhecido e amado»**

Alguns dias antes, sentado à mesa do seu quarto simples – não quis o que lhe ofereceram, o do Bispo – pôs-se a escrever o artigo mensal de «O Solitário». Era para o mês de Janeiro. Enviá-lo-ia rapidamente para a tipografia para sair no fim do mês.

Algo se estava a forjar no seu ser cada dia mais faminto de Deus. Pegou na caneta e quase não pôde dominar a mão para traçar com firmeza a letra miúda com que habitualmente recheava velozmente as páginas. De vez em quando olhava pela janela do quarto e via o céu. «Estarei perto? Quero ver a Deus».

Já não havia nele outro desejo...

Sim, a verdade é que outro desejo continuava a dilacerá-lo dolorosamente, aquele que desde há muitos anos fora o móbil do seu ser e do seu agir: conhecer e amar a Cristo e torná-l'O conhecido e amado.

E então a caneta agarrou-se ao papel e as mãos deslizaram sobre a página em branco para escrever, velozmente, como que inspirado, «a última página». Não escreveria mais nenhuma, nem na Revista Teresiana, nem em parte alguma. A sua palavra cessaria para entrar no silêncio de Deus.

«Oh, Jesus meu e de todas as coisas! Ou amar-te ou morrer; melhor dizendo, viver e morrer amando-te sobre todas as coisas, com todo o meu coração, com toda a minha alma, com todas as minhas forças.

Que eu não me vá deste mundo, Jesus meu, sem te ter amado e tomado conhecido e amado quanto me for possível... Amém».

Tendo cumprido o primeiro mandamento da lei de Deus, «amarás o Senhor teu Deus com todo o teu coração, com toda a tua alma, com todas as tuas forças», já podia morrer. Era o dia 27 de Janeiro.

Deitou-se com um ligeiro mal-estar. As onze foram as últimas pancadas do relógio que ouvia na terra. Os monges encontraram-no quase a morrer, batendo à porta da clausura, quase sem forças.

Numa simples cama daquele convento franciscano, rodearam-no rezando pela sua alma, pois o corpo estava já inerte, abandonado à morte.

E junto dele, no silêncio da noite, sentiram que o seu espírito «voou tão alto, tão alto, que chegou ao céu».

#### **14. DESDE AQUELE 27 DE JANEIRO**

**«Então, já não temos Padre Fundador?»**

Pelos corredores modernistas do colégio teresiano de Gaudí, na rua Ganduxer, reina um invulgar silêncio de dor.

A pergunta fica no ar, sem resposta, quando as Irmãs olham umas para as outras com os olhos cheios de lágrimas: «Como pode ser?»

As alunas têm a mesma atitude que as mestras e, pouco a pouco, o colégio enche-se de

uma dolorosa sensação de ausência. É verdade que havia um mês que não o viam. Quando perguntavam, ninguém sabia responder exactamente. Mas sabiam que, num sítio ou noutra, o Padre Fundador estava. «Tinham-no». E agora...

A classe dos mais pequenos chegou também a notícia. As crianças viam a cara de dor das Irmãs e ouviam soluços por todo o lado.

Um dos pequeninos, que não conseguia acreditar em que a morte arrebatava desta terra, para sempre, os seres queridos, perguntou:

– «Então, já não temos mais Padre Fundador?»

A Irmã respondeu que assim *era*, efectivamente.

O menino começou a chorar com tanta força que contagiou toda a classe.

E os corredores ficaram desertos, recordando as vezes em que a capa de padre escondeu as crianças...

### **As suas obras glorificam a Deus**

No mês de Fevereiro, a Revista *Santa Teresa de Jesus* não pôde sair. O Fundador era o «factotum» (*faz tudo*) da redacção e todos precisavam de se recompor.

Mas no mês de Março, as primeiras 30 páginas – quase a publicação inteira – foram dedicadas à memória do «nosso queridíssimo Director Padre Henrique de Ossó y Cervelló»..

Começava o processo de glorificação. Melhor dizendo, o processo de glorificação de Deus por meio das suas obras. Nesse mesmo mês foi iniciada a primeira biografia do santo que – em «fascículos» – iria publicando o seu íntimo amigo e fiel colaborador Juan Bautista Altés.

Depois publicaram-se as suas próprias obras, que se multiplicaram e cantaram as maravilhas que Deus faz quando tudo se espera d’Ele. Aquele «esperai e vereis grandes coisas» que tantas vezes repetia o santo às suas filhas, tomava-se realidade de uma maneira visível, à medida que os dias, os meses e os anos iam passando.

A pobre Madre Rosario Elíes recebeu a notícia com verdadeira consternação. A Madre Maria Teresa Blanch disse que, ao receber o telegrama, que para tomar a notícia mais suave dizia textualmente: «gravíssimo ou morto», começou a «chorar em altos gritos». Que dor a sua, carregada de recordações que poderiam tê-la atormentado a vida inteira, se não tivesse recebido do céu o primeiro presente do Padre que foi a paz...

Porque a morte do Padre é que voltou a dar vida ao Instituto. A Madre Rosario Elíes – apesar de ter continuado sempre uma doente – começou a ser outra nas suas atitudes. A primeira carta circular é reveladora:

...foi para o céu o nosso santo Fundador. Ali nos espera; para ali nos chama; ali, ao lado do bom Jesus e da nossa Santa Madre, rogará sem cessar pelas necessidades e pelo bem geral da Companhia... Do céu nos alcançará a graça que ele tanto desejava e que, com palavras cheias de ternura e amor, nos repetia sem cessar: “sede regras vivas, filhas minhas; sede regras vivas; sede regras vivas”...».

Tinha sido verdadeiramente uma obsessão do P. Henrique: que a regra não fosse nunca mero cumprimento literal e frio das suas normas, mas fruto do espírito de fé viva, sem a qual todos os documentos ficariam «letra morta».

E assim, vivificadas pela fé, as Irmãs da Companhia cresceram e espalharam-se, multiplicando os países e cidades do mundo onde trabalham actualmente pelo Reino, no

campo da educação cristã.

As outras obras fundadas por Henrique de Ossó seguiram pelo mesmo caminho: a Arquiconfraria, hoje Movimento Teresiano de Apostolado, MTA, os «Rebanhitos», hoje «Amigos de Jesus»...

E aqueles desejos que não pôde concretizar em vida – os «Missionários Teresianos»: são hoje mais que uma promessa, pois no México há um grupo a preparar-se para o sacerdócio, convocado por inspiração de outro sacerdote muito teresiano e seguidor de Ossó, o Padre Rogel. Os «Associados Teresianos», fruto da expansão da Companhia e do desejo de viver o mesmo espírito na vida laical. E as «Comunidades Educativas Teresianas», sem as quais os actuais colégios seriam impensáveis e que permanecem unidas por uma publicação mensal que veio dar continuidade á tarefa cumprida, durante tantos anos, pela Revista *Santa Teresa de Jesus*. Refiro-me a «Jesus Mestre».

Sim, as suas obras glorificam-no.

Também todas aquelas anónimas que, depois da sua morte, começaram a surgir à sombra da sua fama de santidade.

Os jornais das diversas províncias espanholas e alguns estrangeiros, fizeram-se eco de que «o clero espanhol, tão fecundo em homens dessa têmpera», perdera «um dos mais intrépidos», como disse «El Bosco» de Bilbao.

#### **«Isso de santo, o tempo o dirá»**

A sua fama de santidade e alguns favores que se começaram a alcançar pela sua intercessão, voaram de boca em boca.

«Esta fama de santidade – dirá a Madre Rosario Elíes foi muito espontânea na gente do povo e não foi procurada por meios humanos. Foi aumentando de dia para dia, sobretudo em Vinebre e em Tortosa, porque se obtiveram logo alguns favores do céu por intercessão do Servo de Deus».

«Entre nós, religiosas – é a Madre Saturnina que dá este belíssimo testemunho tem fama de santidade porque, desde que começámos a contactar com ele, vimos que era superior em virtude a todos os outros que anteriormente tínhamos conhecido; víamos nele tanta virtude que o considerávamos santo.

O Bispo de Palência, D. Raimundo Barbará, numa carta escrita à Madre Geral, disse que ele era “um santo de corpo inteiro”...

Pouco depois de morrer o servo de Deus, o Padre Frei Buenaventura Ibars, do convento de Santo Espírito onde morreu o Servo de Deus, escreveu uma carta em que dizia que o Padre Vincenzo Molins, Provincial desse convento e que estava presente quando morreu, falando dele, disse que se envergonhava de tratar com ele porque era muito mais pobre que eles. Nessa mesma carta disse que tinha ouvido o Padre Provincial dizer, falando do P. Henrique:

“Este sim, é um verdadeiro santo”. Esta carta, que eu própria li, tem-na a Madre Geral... e o pároco de Viladecans, da diocese de Barcelona, P. Carlos Altés, contou-me que, falando um dia com o P. Doinénech, da Companhia de Jesus, lhe disse do P. Henrique: “E desses poucos homens que Deus manda ao mundo de cem em cem anos”».

Estamos no ano em que se celebra o centenário da morte do P. Henrique de Ossó. E agora, depois de o Papa João Paulo II o ter proclamado santo, no solene momento da sua canonização, que começa a entender-se a realidade de umas palavras que, naquela altura, não passaram de uma das muitas histórias zelosamente conservadas pelas filhas

da Companhia:

Alguém o estava a elogiar publicamente. Como noutras ocasiões, fingiu estar quase a dormir. No fim, quando alguém disse que era um santo, Henrique de Ossá riu-se e respondeu com sentido profético à última afirmação: «quanto a isso de santo, o tempo o dirá».

Hoje, já o disse oficialmente. Mas há muitos anos que o povo simples o afirmava.

## CRONOLOGIA

1840 *16 de Outubro*. Nasce em Vinebre Henrique de Ossó y Cervelló, filho de Jaime de Ossó i Catalã e Micaela Cervelló i Jové.

1852 *Primavera*. O pai envia-o para Quinto de Ebro e inicia-se na prática do comércio em casa do seu tio Juan de Ossó. Adoece gravemente, recebe a primeira Comunhão como Viático. Curado pela Virgem, vai com os tios ao Pilar de Saragoça.

1854/15 *de Setembro*. Morre-lhe a mãe em Vinebre. Outubro. Foge para Montserrat. O irmão mais velho, Jaime, encontra-o e promete ajudá-lo junto do pai. Entra para o seminário de Tortosa.

1867 *21 de Setembro*. É ordenado sacerdote em Tortosa.  
*6 de Outubro*. Celebra a primeira Missa em Montserrat.

1871 Intensa actividade catequética em 1.200 crianças e 8 secções gerais. Tortosa.

1872 *15 de Outubro*. Aparece o primeiro número da Revista mensal *Santa Teresa de Jesus*. Publica o seu primeiro livro, *Guia prático do catequista*.

1873 Aprovação da «Associação de Filhas de Maria Imaculada e Teresa de Jesus» para jovens. «Chamamento» às jovens na igreja de santo António, em Tortosa.

1874 Publica *O Quarto de Hora de Oração* que, em vida do autor, terá 15 edições e um total de 53 actualmente.

1875 Escreve e publica o livro de meditação para crianças *Viva Jesus*.

1876 *Março*. Assina os Estatutos da Irmandade Josefina, associação para homens.

Funda os «Rebanhitos do Menino Jesus», associação para crianças.

*2 de Abril*. Inspiração da Companhia de Santa Teresa de Jesus.

*23 de Junho*. Funda a Companhia de Santa Teresa de Jesus, depois de uns Exercícios Espirituais em Tarragona.

1879 *1 de Janeiro*. As 8 fundadoras emitem os votos religiosos por três anos, na Capela de S. Paulo, em Tarragona.

*13 de Outubro*. As Carmelitas de Tortosa apresentam um «Recurso» ao Provisorado de Tortosa pelos «graves danos» que dizem lhes acarreta a Casa-Colégio de El Jesús. Começa o

longo pleito judicial.

1884 *17 de Março*. É imposto o interdito ao noviciado de El Jesús.  
*8 de Outubro*. Morre-lhe o pai em Vinebre.

1886 *21 de Outubro*. Sentença do Tribunal eclesiástico de Tarragona ordenando a demolição do noviciado de Tortosa.

1887 *4 de Novembro*. Fundação em Vinebre. Converte a sua casa natal em Colégio da Companhia.

1890 *Abril*. Inauguração da Casa-Mãe da Companhia de Santa Teresa de Jesus em Ganduxer (Barcelona), obra do Arquitecto António Gaudí.

1892 *2 de Outubro*. Festeja em Montserrat os 25 anos da sua primeira Missa.

1896 *2 de Janeiro*. Chega ao convento dos Padres Franciscanos de Santo Espírito dei Monte, em Gilet (Valência) para fazer uns dias de retiro.

*27 de Janeiro*. Pelas li da noite morre sozinho, de um ataque cerebral.

1979 *14 de Outubro*. É beatificado por João Paulo II, em Roma.

1993 *16 de Junho*. É canonizado por João Paulo II, em Madrid.

## ÍNDICE

<i>Apresentação</i>	5
1. Assim era aquele menino	11
Filho de pais bons e neto de um santo avô	
Aquela «caixa fechada»	16
Rapaz, prepara a trouxa.	
Vais para Quinto de Ebro	19
2. Assim era o aprendiz adolescente	23
Responsável, atrás do balcão	23
«Virgem do Pilar, curai o meu sobrinho»	25
Segunda estação: Reus	29
3. Assim viveu a morte da mãe	33
A notícia da cólera	33
O pranto de um rapaz invulgar	36
«Olhem a minha mae a subir ao céu»	38
4. Assim foi o adolescente peregrino	41
Algo mudou na sua alma Cartas de um adolescente adulto	46
A caminho com Maria	53
A pobreza é um chamamento	55
«Serei todo de Jesus»	60
5. Assim viveu a sua vocação	63
Estudando	63
Aprofundando e orando	68

Com os pobres e... as crianças	71
Preparando-se para ser «O Solitário»	73
6. Assim foi sacerdote para sempre	77
O encontro de dois santos	77
A Mãe acolhe-o, enquanto recorda a sua própria mãe	81
Onde me queres, Senhor <sup>7</sup>	85
7. Assim foi o catequista e mestre	89
«Deixai as criancinhas...»	89
Exercer o magistério a partir do sacerdócio	95
Não serei professor, mas multiplicarei o magistério	97
«Mártires do estudo»	101
8. Assim foi o fundador teresiano	103
«Mulheres á maneira de Teresa de Jesus»	103
Monjas, não; mas cristãs	
de primeira classe, sim	107
Também as mais pequenas têm exigências	113
Se pudesse chegar a todos:	
homens, leigos, sacerdotes, famílias	115
Uma Companhia, de preferência:	
será que Deus o quer <sup>9</sup>	116
9. Assim foi o escritor católico	125
Os escritos permanecem	125
Estratégias de santo: <i>O Amigo do povo</i>	132
Uma revista de Santa Teresa	134
Dirigindo à distância	138
10. Assim <b>era</b> «O Solitário»	147
«Dai-me um quarto de hora de oração...»	147
«O silêncio é a morada das almas grandes»	157
11. Assim era na dor e na compreensão	163
Como começou uma história interminável	163
Os amigos também falham	174
A verdade padece mas não perece	177
12. Assim foi este gigante da fé	183
Manifestações da época: as peregrinações	183
Viajando incansavelmente	188
Filho fiel da Igreja	191
Tendes fé? Então para a frente	193
Esperai e vereis grandes coisas	200